

editorial

SEGUINDO EM FRENTE...

Quando nos decidimos a concretização de um projeto, às vezes sonhado, acalentado há anos, lançamos mãos à obra, colocamos os pés na estrada... E a cada passo dado, por mais dolorido ou cansativo que seja, uma chama conhecida pelo nome de esperança nos alumia o caminho de noite e uma força denominada fé nos reforça os passos durante o dia. E então, seguimos em frente.

Observe-se, no atletismo, uma corrida de obstáculos. Se o atleta se amedrontar ante os mesmos, se se preocupar em contar quantos são para mensurar a sua coragem de enfrentá-los, possivelmente não iniciará, sequer, a corrida. Vemos, nas famosas maratonas, modalidade olímpica pesada e difícil, exemplos extraordinários... Atletas que chegam se arrastando, ao final da longa jornada, quase que passo após passo não pela glória do primeiro lugar mas pela honra de completar a tarefa, cruzar a linha de chegada.

Aliás, conta a lenda que, tendo o exército grego vencido a batalha frente ao exército persa, na planície de Maratona, da cidade do mesmo nome, era urgente e indispensável que os cidadãos gregos moradores em Atenas soubessem deste feito glorioso. Era preciso levar a eles a notícia da vitória. E a liderança das forças armadas gregas indicou o habilidoso soldado Filípides para ser o mensageiro desta boa nova. O problema era que o local da batalha distava da cidade-estado de Atenas bem medidos 42 (quarenta e dois) quilômetros, que deveriam ser percorridos a pé e da maneira mais rápida possível.

A missão foi cumprida.

Mas o valente soldado Filípides, mensageiro da boa nova da vitória grega, narrou-a aos cidadãos atenienses, mas morreu, imediatamente após, esgotado pelo extraordinário esforço desenvolvido na jornada. A lenda tomou mais força e poder inspirador quando foi adotada pelo poeta e dramaturgo inglês Robert Browning e é hoje a grande prova olímpica em que alguns nomes se notabilizaram pela demonstração da condição física, da capacidade de concentração e esforço, pela tenacidade, pela resistência, pela persistência e pela dedicação ao seu objetivo.

Quando a Academia Goiana Maçônica de Letras decidiu criar o jornal O Confrade sabia o tamanho da jornada. Ou melhor dizendo, não tinha como quantificar numericamente os passos da jornada que se iniciava então. Mas sabia que eram muitos...muitíssimos. E sabia também que, como acontece com qualquer jornada, só se pode alcançar o fim da mesma se se der o primeiro passo. Por isto, corajosamente, iniciou a caminhada.

E o que se tem procurado é difundir o belo e espalhar o útil, posto que, para o espírito desperto, só é belo o que for útil e só é útil o que for belo.

Nas crônicas, poemas, artigos, mensagens, estudos, imagens e cores, em tudo o que se deseja é levar

aos irmãos do mundo e aos cultores das letras em qualquer parte deste planeta a mensagem de confiança, de fraternidade e luz.

Falta ainda fazer muito? A maratona é longa? Mas é claro que sim. A resposta a estas perguntas é positiva. Mas quem foi que disse que estamos preocupados com o que falta para ser feito, com os quilômetros que ainda teremos que caminhar? Na verdade, nem sabemos qual é a distância ainda a percorrer e não precisamos saber disto.

O de que precisamos e isto não nos faltará nunca é coragem e disposição para o trabalho, para a continuação da jornada. O de que precisamos ter consciência é do valor imensurável de uma palavra do bem, do bom e do belo de que possamos ser o mensageiro...

Nossa bandeira é a arte, manifestada nas letras, na literatura direcionada à formação das pessoas como pessoas, para uma convivência social sadia. Preocupa-nos o saber que nada do que é estritamente material tem vida, em verdade, mas que esta somente reside no espírito que anima a matéria, lhe dá movimento e sentido. É uma estrada longa, com barreiras e obstáculos mas isto não nos amedronta. Com certeza continuaremos sempre SEGUINDO EM FRENTE! jovem eu sou, também forte ou fraco, grande ou pequeno. Minhas origens se enraízam na morada do belo... Não tenho loja, nem avental. Nem padrinho, nem venerável... Caminho entre pares, em busca da rima perfeita. Colhendo flores perdidas no jardim do bem viver, perfumando mãos estendidas na ventura do bem querer.

Assim me encontro nessa casa benfazeja, onde o ócio criativo alicerça a edificação das virtudes que devem conduzir-nos, descortinando em cada um o inenarrável universo das artes, vinculando-nos ao inarredável compromisso com a sua sobrevivência. Identificando-nos, sobremaneira, com o filósofo e poeta Albert Camus quando este declara: "no meio do inverno, aprendi que existe em mim um invencível verão".

Como já foi dito, seja qual for a nossa origem, aqui nos encontramos despidos e desprovidos das certezas dos lugares comuns, regras ou precondições que limitam a liberdade do espírito. É certo, não sugerimos jamais, uma esquizofrenia identitária, muito menos um desleixo jocoso quanto aos princípios nos quais acreditamos. Todavia, a transição pelo qual passa o nosso planeta, bem como a maçonaria universal, implica necessários espaços de oxigenação e renovação de propósitos, relações e rumos, quanto ao nosso presente e futuro próximos. Gravitando neste mesmo eixo, o filósofo Maurice Merleau-Ponty intensifica nossas indagações ao afirmar que "se o mundo é um poema, não é porque entendemos o seu significado desde o princípio, mas sim pela força de seus acasos e paradoxos".

Nunca precisamos tanto da arte, da filosofia e da espiritualidade como agora. As cordas que tecem as teias que nos sustentam nunca estiveram tão retesadas. Alguns argumentariam que não! Diriam: já vimos episódios mais trágicos e perturbadores do que os que encabeçam essa transição... Respeitamos tais ponderações, no entanto, muitas dessas teias do passado eram visíveis e podiam ser identificadas. Hoje, não! As cordas que nos sustentam são translúcidas, até mesmo espectrais, praticamente invisíveis... inúmeras e variadas, velozes, mutantes, insidiosas e impiedosas... são fugazes, fugidias e contagiosas. Mais do que nos ameaçar e amedrontar, elas nos adoecem... mirando inescrupulosamente a nossa alma, tendo-a como seu alvo principal. Diante desta visão, talvez assim nos dissesse o genial Quintana em sua doce acidez "eu estava dormindo e me acordaram, e me encontrei, assim, num mundo estranho e louco... e quando eu começava a compreendê-lo um pouco, já eram horas de dormir de novo".

Entendo, portanto, que para sobrevivermos a esse gigantesco reality show, que hipnotiza e domina o mundo, sem termos que flertar com paredões físicos, morais e existenciais, que, por sua vez, glamourizam esse enredo, precisamos do socorro, do abrigo e do acolhimento da poesia, das letras, da filosofia e da espiritualidade. Este conjunto vivo de medicinas anímicas pode nos ensinar a aprender da doença e do vício, da dor e do desespero, assim como dos demais monstros advindos desta torrente, sem culpá-los ou santificá-los, mas traduzi-los como faces de uma mesma esfinge, que pode ser decifrada e vencida. Para tanto, evoco a palavra profética do filósofo Bertrand Russell que nos ajuda a decodificar esse mundo de perdas com a seguinte frase: "não possuir algumas das coisas que desejamos é parte indispensável da nossa felicidade".

Prossigo, meus queridos confrades, essa nossa breve conversa, dividindo com todos o desejo de erguemos juntos uma usina de possibilidades estéticas, dialogando com toda a sociedade onde ainda viceja a labareda da cultura. Muitas dessas centelhas já quase esquecidas. É preciso que façamos interações, transitando entre o mais singelo regionalismo à mais preciosa prenda literária. Sem medos ou receios, pois a força do imponderável desse campo nos conduz, como sempre nos conduziu. Blaise Pascal, o nobre filósofo, traz luz a esse movimento quando sentencia, "o supremo passo da razão está em reconhecer que há infinitas coisas que a ultrapassam".

Como iniciamos nossa breve prosa, peço licença ao imortal Mário Quintana para encerrá-la, dizendo assim "no retrato que me faço – traço a traço – às vezes me pinto nuvem, às vezes me pinto árvore... às vezes me pinto coisas de que nem há mais lembrança... ou coisas que não existem, mas que um dia existirão... e, desta lida, em que busco – pouco a pouco – minha eterna semelhança, no final, que restará? Um desenho de criança... corrigido por um louco".

Um grande abraço a todos.

Equipe editorialW



fala do presidente

APLAUSOS E RECONHECIMENTO

José Mariano Lopes Fonseca | Cadeira nº 06

Sonho! São sonhos... e quando sonhamos juntos e acreditamos, tudo vai-se materializando...

Aplausos e reconhecimentos a você Confrade da Academia Goiana Maçônica de Letras - AGML, por ombrear juntos mais um desafio de ofertar um Curso de Especialização, intitulado "Maçonologia: história e filosofia", fruto da parceria firmada com a Uninter, Instituição de Ensino Superior com expertise consolidada quando do oferecimento de cursos de pós-graduação *latu sensu*, na modalidade EAD, que foi apoiado pelas três Potências goianas e iniciou o lançamento oficial no mês de setembro de 2003, nas Potências Maçônicas do Estado de Goiás: GOB-GO Grande Oriente do Brasil-Goiás; GLEG - Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás e COMAB - Grande Oriente de Goiás.

Destacamos que as inscrições do Curso de Especialização, intitulado "Maçonologia: história e filosofia" estarão disponibilizados em sítios das respectivas Potências e link Academia Goiana Maçônica de Letras <https://agml.com.br/> e banner anexo.



Nosso reconhecimento inicialmente, estende-se a todos os membros da Academia Goiana Maçônica de Letras - AGML, em especial aos Grão-Mestres goianos, pelo apoio incondicional e, sobretudo, por compreendê-los, que toda e quaisquer transformações e permanência institucional nesse século, passam pela produção intelectual, Educação, pesquisa e Extensão, por serem um veio fecundo, para o futuro da Maçonaria Universal.

Academia Goiana Maçônica de Letras

DIRETORIA – BIÊNIO 2022/2024



CADEIRA Nº 06

Presidente
José Mariano
L. Fonseca



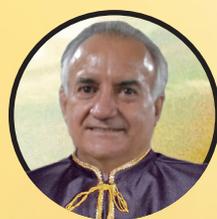
CADEIRA Nº 21

Vice – Presidente
Adegmar José
Ferreira



CADEIRA Nº 24

1º Secretário
Isaias Costa Dias
CADEIRA Nº 37



2º Secretário
Hamilton Rios
de Araújo
CADEIRA Nº 33



1º Tesoureiro
Carlos A. B.
de Castro
CADEIRA Nº 32



2º Tesoureiro
Anestor Porfirio
da Silva



CADEIRA Nº 29

Diretora de
Patrimônio
Joás de Franca Barros



CADEIRA Nº 02

Diretoria Cultural
Anderson Lima
da Silveira



CADEIRA Nº 16

Diretor de Divulgação
João Batista
Fagundes



CADEIRA Nº 26

Bibliotecário
Airton B. de Andrade
CADEIRA Nº 18



Orador

Absai Gomes Brito
CADEIRA Nº 04

Diretoria Jurídica



Breno Boss C. Caiado

CONSELHO FISCAL

Conselheiros Titulares



CADEIRA Nº 20

Gesmar José
Vieira



CADEIRA Nº 25

Parahyba
Santana



CADEIRA Nº 14

Castro Filho



CADEIRA Nº 23

Genserico B.
de Siqueira



CADEIRA Nº 13

Getúlio Targino
Lima



CADEIRA Nº 15

Jefferson S.
de Carvalho

Conselheiros Suplentes





artigo

O SIGNIFICADO DE TRANSCENDÊNCIA E IMANÊNCIA NA FILOSOFIA – I

Paulo Marra | Cadeira nº 17

O presente texto pretende examinar os conceitos de Transcendência e Imanência à luz do pensamento filosófico de alguns pensadores. Transcendência (transcendere) do latim transcendere significa: ultrapassar, superar. É o que está além do conhecimento, além da possibilidade da experiência, que é exterior ao mundo da experiência.

A noção de transcendência opõe-se à imanência, designando algo que pertence a outra natureza, que é exterior, que é de ordem superior. Nas concepções teístas, por exemplo: Deus é transcendente em relação ao mundo Criado.

Imanência, do latim tardio immanentia, immanes, de imanere: ficar no lugar. Significa qualidade daquilo que pertence ao interior do ser, que está na realidade ou na natureza. A oposição imanência/transcendência pode ser aproximada na oposição interior/exterior. Diz-se que é “imane” aquilo que é interior ao ser, ao ato, ao objeto de pensamento que consideramos. No panteísmo, por exemplo, Deus é imanente ao mundo, quer dizer, encontra-se em toda a parte, confundido com o mundo (JAPIASSÚ e MARCONDES, 2006).

A transcendência está associada ao fato de atravessar algum tipo de limite, seja físico ou simbólico. Pode tratar-se do resultado ou da consequência de grande importância ou gravidade, como por exemplo: “O Presidente deve tomar uma decisão de transcendência para o futuro do país”. (<https://conceito.de/transcendencia>).

A um nível espiritual ou filosófico, a transcendência está relacionada com aquilo que está mais além do mundo natural. O transcendente está associado ao imortal e ao essencial. Transcender é sobressair, alcançar de uma maneira ou de outra algo que está fora dos limites que impõe o corpo.

A busca de transcendência tende a relacionar-se com uma tentativa de se aproximar de Deus através da meditação ou da oração. De uma certa forma, a transcendência implica em reconhecer que somos mortais e que existe um caminho para permanecer no tempo e no espaço que está fora de nós próprios. No contexto religioso, na teologia, reconhece-se que Deus é um ser transcendente (hyperbeks, termo grego), ou seja, que está acima da sua criação e não é limitado por ela. Diz-se que Deus não está limitado pelo espaço e tempo terrenos, com os quais o mundo natural está submetido. Portanto, a transcendência se refere ao aspecto da natureza e do poder de Deus que é totalmente independente do universo material, além de todas as leis físicas (<https://conceito.de/transcendencia>).

Foi Platão (427-347 a.C.), quem, pela primeira vez, reconheceu que havia diferença entre uma realidade que seria imanente e uma realidade transcendente em seu pensamento filosófico. Com essa distinção, podemos perceber que, mesmo sendo conceitos separados, tanto a transcendência relativa a religião quanto a relativa a filosofia, possuem alguma relação. Platão definiu, então, as duas realidades como sendo: uma imaterial e suprassensível (a transcendência) e a outra material e sensível (a imanência).

Como afirma Porfírio (2022), a discussão sobre a diferença entre os dois termos permeia a religião e pode ser bem compreendida no contexto religioso: Imanência relaciona-se às religiões panteístas, como as religiões africanas e o hinduísmo. Neste caso, a concepção da ideia de Deus não se separa da matéria, sendo parte integrante e indissociável dela, Deus está em tudo, permeia tudo e não é uma entidade criadora, mas sim, organizadora. Na Filosofia moderna, o filósofo holandês Baruch Espinosa (1632-1677), propôs uma ideia de Deus imanente e panteísta, resumida na máxima: Deus sive natura (“Deus, ou seja, a natureza”). Deus seria uma substância presente em tudo e que participa de tudo.

Transcendência, na tradição judaico-cristã e islâmica está baseada na noção de um Deus transcendente, ou seja, uma entidade primeira e separada da

matéria que foi responsável por criar a matéria. Para o cristianismo, porém, a figura de Jesus Cristo é a personificação imanente do Deus transcendente.

O termo Transcendência foi usado com dois significados distintos: 1º – Como estado ou condição do princípio divino, do ser além de tudo, de toda experiência humana (como experiência das coisas) ou do próprio ser; 2º – Como ato de estabelecer uma relação que exclua a unificação ou a identificação de termos.

1º – No primeiro sentido, esse termo vincula-se à concepção NEOPLATÔNICA DE DIVINDADE. Platão já dissera que o Bem, como princípio supremo de tudo o que é, comparável como tal ao sol que dá vida às coisas e as torna visíveis, está além da substância (Rep., VI, 509b). A exemplo de Platão, Plotino (205-270) repete que o Uno está “além” da substância (Enn., VI, 8,1,9), mas acrescenta que ele está “além do ser” e “além da mente”, de tal modo que é transcendente em relação a todas as coisas, mesmo produzindo-as e conservando-as no ser.

Proclo (410-485), filósofo grego neoplatônico afirma que: “Além de todos os corpos está a substância da alma; além de todas as almas, a natureza inteligível; além de todas as substâncias inteligíveis está o Uno” (ABBAGNANO, 2007).

No entanto, nem sempre, porém, a Transcendência é levada ao ponto de situar Deus além do ser, transformando-o de algum modo em “nada”. A Escolástica clássica, reconhecendo a analogicidade do ser, não coloca Deus além do próprio ser: esta forma de transcendência é, ao contrário, própria da teologia negativa ou mística.

Fora da Teologia, essa espécie de Transcendência foi reconhecida por Karl Jaspers (1883-1969), que a contrapôs à existência: Transcendência é o que está além da possibilidade de existência, é o ser que nunca se resolve no possível e com o qual a única relação que o homem pode ter consiste na impossibilidade de alcançá-lo. Neste sentido, a Transcendência se manifesta na forma de cifra (explicação ou chave de uma escrita enigmática ou secreta nas situações-limite e não pode ser caracterizada nem como “divindade”, sem incidir na superstição. A única certeza que se pode ter em relação à Transcendência é que “o ser é” e “é assim” (Phil., III, p.134).

Entretanto, as correntes realistas da filosofia contemporânea atribuíam Transcendência às coisas, aos objetos do conhecimento em geral ou ao ser de tais objetos do conhecimento em geral ou ao ser de tais objetos. Nesse sentido, Husserl (1859-1938), negava que uma coisa pudesse ser dada como imanente em qualquer percepção ou consciência, e definia o ser da coisa como ser transcendente, que é mais ou menos uma imitação pela aparição da coisa à consciência (ABBAGNANO, 2007).

2º – No segundo significado, Transcendência é o ato de se estabelecer uma relação, sem que signifique unidade ou identidade de seus termos mas sim garantindo, com a própria relação, a sua alteridade². Esse conceito também tem origem religiosa e neoplatônica. Plotino dizia que a contemplação é “para quem foi além de tudo” (Enn., VI, 9).

Um trecho famoso de Santo Agostinho (354-430), afirma: “Se achares mutável a tua natureza, transcende-te a ti mesmo”, e acrescenta: “Lembra-te de que, ao te transcenderes a ti mesmo, estás transcendendo uma alma racional e que, portanto, debes visar ao ponto do qual provém a luz da razão” (ABBAGNANO, 2007).

Esse sentido ativo de Transcendência ficou praticamente esquecido na filosofia tradicional e só foi retomado pela filosofia contemporânea. Com referência à Transcendência do ser ou da coisa em relação à consciência que a apreende ou ao ato de conhecimento foram chamados de transcendentos em sentido ativo.

Assim, Husserl, criador da Fenomenologia, fala de percepção transcendente, que tem a coisa como objeto e em relação à qual a coisa é transcendente, o que

O ser humano é um ser essencialmente espiritual, e o espiritual é um eixo que o perpassa inteiramente, tanto no plano consciente quanto no inconsciente. Ele faz com que a pessoa seja um ser livre, existencial e transcendente. (Viktor Frankl)

difere da percepção imanente, que tem por objeto as experiências conscientes que são imanentes à própria percepção (ABBAGNANO, 2007).

Outro pensador que refletiu sobre o conceito de Transcendência foi Nicolau Hartmann (1882-1950). Ele nasceu em Riga (Estônia, na região do Báltico), e baseou o seu realismo no conceito de Transcendência: “O conhecimento não é um simples ato de consciência, como representar e pensar, mas um ato transcendente. Um ato desses se liga ao sujeito só por um lado, mas por outro fica fora; por este último, liga-se ao existente, que, graças a ele, se torna objeto. O conhecimento é uma relação entre o sujeito e um objeto existente. Nessa relação, o ato transcende a consciência” (JAPIASSÚ e MARCONDES, 2006). No mesmo sentido ele chama de transcendente a relação cognitiva. No entanto, a mais importante utilização do conceito nesse sentido foi a de Heidegger (1889-1976), que definiu como transcendente a relação entre o homem (Dasein, ser aí) e o mundo. “O ser aí que transcende (eis uma expressão já por si tautológica), não ultrapassa nenhum obstáculo anteposto ao sujeito de tal modo que o obrigue a permanecer em si mesmo (imanência), nem um fosso que o separe do objeto. Por sua vez, os objetos (entes que lhe estão presentes) são aquilo em cuja direção ocorre o ultrapassar. O que é ultrapassado é unicamente o ente, ou seja, qualquer ente que possa ser revelado ou revelar-se ao ser-aí, portanto, o ente que o ser aí é, portanto, existindo, é ele mesmo” (ABBAGNANO, 2007).

Em outros termos, é pelo ato de Transcendência que o homem, como ente no mundo, se distingue dos outros entes ou objeto e se reconhece como “ele mesmo”. Heidegger, portanto, considera a Transcendência como o significado do ser no mundo.

Significado do termo Transcendental

O termo Transcendental, do latim transcendentalis, juntamente com transcendente, começaram a ser utilizados no fim do século XIII. No entanto, Kant (1724-1804), filósofo alemão, apontou a necessidade de uma crítica revisionista à metafísica feita até então e fez uma distinção entre aquilo que podemos conhecer (o que está presente no tempo e no espaço, portanto, é imanente) e aquilo que podemos apenas entender (aquilo que não está no tempo e no espaço, portanto, é transcendente). Adiciona ainda a noção do transcendental, referindo-se as ideias que podem ser obtidas a partir de uma primeira experiência empírica (PORFÍRIO, 2022).

Desse ponto de vista, Transcendental não é “o que está além da experiência”, mas sim, “o que antecede a experiência, (a priori), mesmo não se destinando a outra coisa senão a possibilitar o simples conhecimento empírico”.

Continua na próxima edição...



artigo

MAÇONARIA: UMA PROFISSÃO DE FÉ

Antônio Leite | Colaborador

Quando fui convidado para falar sobre o dia do maçom, imaginei que seria um tema fácil de desenvolver. Aceitei! Afinal, todos os anos, comemoramos o dia do maçom. As Lojas, todas elas, fazem sempre algum evento alusivo à data, e ainda, muitos outros irmãos já deram sua contribuição ao tema.

Para fugir ao lugar comum, imaginei fazer uma avaliação de meu tempo na Ordem e como a vejo. Não queria repetir o discurso desgastado falando sobre maçons ilustres e nobres do passado, nem exaltar, num ufanismo barato, as ações pretéritas da maçonaria, lembrando pela enésima vez, a título de exemplo, a participação da Ordem na Independência do Brasil e na Proclamação da República.

Optei por fazer duas perguntas que, para mim, são cruciais nesse momento pelo qual passamos, tanto como Instituição bisseccular, quanto o quê essa mesma instituição pretende fazer para manter-se vigorosa e atrativa no futuro. Perguntei-me então: valeu a pena? E o que esperar da Maçonaria no futuro?

Peço que, antes de discorrer sobre o tema propriamente dito, permitam-me fazer uma referência especial. Nesse instante em que estamos reunidos, paira sobre esse edifício, o espírito daqueles maçons do passado, aqueles que, com a força de suas ideias e de seu trabalho, plantaram aqui, entre as colunas desse templo, a semente do livre pensamento.

Minha reverência, a Joaquim Gonçalves Ledo e Hypólito da Costa, dois dos pais da Maçonaria Brasileira e ainda àqueles maçons que na minha infância serviram de exemplo e inspiração para que hoje eu estivesse aqui. Minha inapagável lembrança dos irmãos da nossa coirmã, Alfenas Livre, onde fui recebido maçom em 11-08-1997 e que até hoje me fazem vislumbrar a maçonaria como acredito que ela deva ser.

Não posso deixar de prestar meu preito de gratidão à Maçonaria de Goiás, do GOEG, e em especial a esta Loja Asilo da Acácia, que me adotou, como se seu filho fosse e me deu tudo o que recebi nesses 26 anos da atividade maçônica.

Passemos então ao móvel de nossa apresentação. Para tanto, convido a todos para que olhem ao seu redor, num giro de 360 graus. Estamos todos rodeados de símbolos e não à toa, os três primeiros graus da maçonaria são chamados Graus Simbólicos. Nossos antecessores, com sabedoria, valeram-se destes símbolos para transmitir suas ideias e conceitos.

Mas de onde vieram todos esses símbolos? Qual a sua origem? As influências são múltiplas: hebreias, cristãs, hindus, egípcias, da astronomia, da astrologia, da matemática, da alquimia, da idade média, para citar algumas. Com isto, além de dar maior alcance às suas propostas, esta multiplicidade de origens permitiu que, multiplicassem também as formas de ensinar e desta maneira, facilitar o

aprendizado e a compreensão do que se ensina.

Fundada formalmente no século 18, com o surgimento da Grande Loja Unida da Inglaterra, a Maçonaria teve, e tem, seus alicerces profundamente sedimentados sobre as ideias iluministas que, partindo da Inglaterra do século 17, espalharam-se pela Europa, tendo seu ponto alto na Revolução Francesa. Atravessou o Atlântico e na novel república dos Estados Unidos, atingiu seu ápice de influência e força. Naquele momento histórico, a Maçonaria representou o rompimento com as forças oligárquicas da nobreza e do clero e, num movimento libertário, inspirado e estimulado pelas ideias inovadoras das Luzes, transformou o modo de vida do Ocidente, estabelecendo àquela época, as bases da sociedade como conhecemos e vivemos até os dias atuais. Foram, portanto, um momento e um movimento libertários, que se bateram contra a opressão e a tirania.

Isto posto, vamos passar à primeira pergunta. Vale a pena ser maçom? Minha resposta é um sincero, claro e sonoro SIM! Afinal, já se passaram 26 anos que pela primeira vez, transpuseram os umbrais de nossa Ordem e fui recebido como irmão por vocês e por todos os maçons espalhados pela face da terra. Mas o que realmente marca, o que faz a diferença não é o tempo. Vou começar minha resposta valendo-me de uma constatação, é pelo ideal e só pelo ideal, que nos reunimos aqui, porque a maçonaria não é uma simples associação de auxílio mútuo de caridade. Viemos em busca da paz, da harmonia e da concórdia.

Nossa fraternidade não é para os curiosos, estes não permanecem entre nós pois não podem compreender a dimensão do que se pratica em nossas lojas e nem para os reacionários ou tiranos, uma vez que nossa essência é o combate à opressão e ao cerceamento da liberdade e ainda repulsa todo despotismo e o mais fervoroso amor pelas instituições livres.

Aqui, somos devotados à causa da libertação do espírito, da busca da verdade – a maçonaria é a verdade em movimento. Entra aqui o conceito de maçonaria especulativa, que investiga, instiga, questiona, provoca a mudança de conceitos e permite à sociedade e ao homem, caminharem no sentido do progresso espiritual e filosófico, alcançando o desiderato primeiro que é o lapidar da pedra bruta que existe em cada um de nós.

Para que tudo isto acima disposto possa acontecer, é fundamental, indispensável, mergulhar de corpo, mente e alma no que propõe a filosofia maçônica. Sem isso, não haverá progresso, não haverá recompensa, não haverá estímulo e menos ainda, não haverá, lembremo-nos dos símbolos, a tão esperada e desejada transformação da pedra bruta em pedra cúbica.

Há uma ressalva importante e que precisa ser percebida naquele instante de absoluta transcendência sensorial, física e espiritual, que acontece no exato momento em que somos admitidos

em uma loja maçônica. Até aquele momento, o novato era mero participante da cerimônia, dali em diante, a caminhada, o progresso, a tão cara subida pela Escada de Jacó, importante símbolo na nossa filosofia, terá a marca do empenho, da dedicação e do devotamento ao que ele se propõe fazer durante sua vida maçônica. Cabe a cada um buscar, de acordo com sua vontade, seu conhecimento e sua cultura, o progresso que almeja. Nos dias atuais, isso recebe o nome de meritocracia.

Agora, um ponto que, mais uma vez, sob minha ótica, é nevrálgico. O que podemos esperar do futuro? Quais as perspectivas das maçonarias como um todo? É inegável que perdemos a força política que havia até meados do século passado. A ditadura Vargas e as mudanças sociais havidas a partir da industrialização pós anos 50 e o lento, mas progressivo distanciamento entre as altas figuras da política e os grandes homens de negócios, seguramente tiveram seu efeito nos quadros maçônicos brasileiros. Aos poucos, as elites financeiras e políticas foram se afastando da maçonaria.

Por outro lado, à medida em que isso acontecia, houve significativa, mas não completa, redução da perseguição por parte de entidades religiosas aos maçons (hoje, isto se dá mais nas vertentes evangélicas que no catolicismo). Por conseguinte, experimentou-se aumento no número de filiados e de Lojas, permitindo uma disseminação que cobriu todo o território nacional. À expansão da quantidade, houve, paulatinamente, uma diluição dos potenciais econômicos, culturais e de influência social.

Outra grande transformação é mais recente e mais aguda. Como o restante do mundo, o advento das redes sociais gerou um ambiente de fragmentação e conflito, no qual as regras até então vigentes perderam sua validade. Não ficamos imunes a essa transformação e, a meu ver, ainda não é possível avaliar o efeito que isto trará aos rumos tanto da maçonaria, como também a outras instituições, sejam de ordem social ou religiosa. Entretanto, é por demais sabido o quão desagregador tem sido o confronto entre irmãos que ocorre por trás das telas dos smartphones. A calúnia, a afronta, a mentira, a distorção dos fatos, são sempre um entorpecente a nos desviar do sentido de justiça e equidade que devem nos nortear.

Não há solução fácil para esse problema, que não é exclusividade nossa (basta ver as brigas e rupturas familiares que ocorreram e ocorrem entre familiares, amigos e colegas de trabalho, por exemplo). Nossos líderes têm tentado, sem sucesso, como no mundo profano, resolver ou ao menos contornar essa situação. É uma terra quase sem lei, protegida por uma questionável liberdade de expressão e as medidas restritivas têm pouco alcance, pois não há como intervir no momento da manifestação e após sua divulgação, o “estrago” é irreversível.

Como dissemos, não é situação de solução simples. Regras, normas,

**Delegado Litúrgico
e Membro Efetivo do Supremo
Conselho do Brasil do Grau 33
para o Rito Escocês Antigo e Aceito**

decretos, acordos, combinações, ainda não resolveram o problema. Aqui, permito-me recorrer, mais uma vez, ao nosso compromisso prestado no momento da admissão em uma loja e que nós impõe o cumprimento estrito das normas, leis e regras da instituição à qual iremos tomar parte.

Em minha opinião, essa aceitação de regras e normas traz consigo uma responsabilidade muito grande para cada um de nós. Por quê? Vamos voltar um pouco nos nossos regramentos. A admissão em nossos quadros se dá por indicação. Um maçom é convidado, escolhido. Portanto, se o que queremos são boas obras, vamos buscar bons obreiros. Além disso, esse compromisso é feito sob a forma de um juramento de fidelidade à Ordem e às suas leis e regras. Não se pode fugir a esta realidade e a esse juramento.

Somos, mais que qualquer outra, uma sociedade de livres pensadores, somos herdeiros dos ideais libertários, da valorização da pesquisa, da ciência, da interrogação constante da verdade, do questionamento dos dogmas, da representação popular distribuída entre poderes que se respeitam e estão sujeitos àquilo que Montesquieu chamou de “sistema de freios e contrapesos”. Enfim, a maçonaria, na sua essência, é uma representação do maior dos legados helênicos, a democracia, em sua mais pura acepção e na mais primeira prática. Não podemos admitir que a ignorância, a hipocrisia, a mediocridade, os preconceitos, abalem nossos sólidos alicerces. Nossa luta cotidiana deve ser a busca do encontro, da pacificação, da união, do fim das fronteiras entre povos e nações, da construção de uma humanidade livre, fraterna e progressista.

É essa a maçonaria na qual acredito e é essa a maçonaria que me inspirou e me inspira. É esse o ideal que me norteia para prosseguir na minha Escada de Jacó pessoal. Valeu a pena? Muito! Já se passaram 26 anos desde que vocês me concederam “um lugar entre vós”. Aqui recebi muito mais do que esperava, a começar pelo privilégio do convívio entre meus irmãos, passando pelas descobertas de um mundo novo de conhecimento e filosofia.

O que nos reserva o futuro? Uso aqui uma comparação que usei com cada um de meus filhos quando, ao saírem do alcance de meus olhos, foram buscar a construção de seu futuro nos bancos da Universidade de São Paulo. Ao olharmos para as palmas de nossas mãos, vamos ver que futuro da Ordem está ali, diante de nós, nas mãos de cada um que quer para si, para a maçonaria e para a sociedade, um caminho de luz, de progresso, de libertação e de liberdade. Não tenho dúvidas de que, pela qualidade de nossos quadros, pelo que somos e pelo que almejamos, seremos cada vez mais fortes e pujantes. Vamos, pois, em frente, construindo a cada dia a sociedade e a maçonaria que queremos e que vamos deixar para os nossos sucessores.



reconhecimento

PEQUENA HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO DA ACADEMIA MAÇÔNICA DE GOIÂNIA – GOIÁS

Absai Gomes Brito | Cadeira nº 18

Em meados da década de 1990, recebi um telefonema de um irmão de Pires do Rio, mas radicado em São Paulo, de nome Lacerda Júnior. O irmão Lacerda Junior é escritor e poeta, com vários Livros publicados e, batendo longo papo, principalmente sobre os Encontros anuais da cultura maçônica, promovidos principalmente pelas Grandes Lojas e Grandes Orientes Independentes, com aval e cobertura da Revista Maçônica A Trolha, a maior publicação sobre assuntos maçônicos da época. Minha ligação com Lacerda Junior era bastante intensa, principalmente com sua indicação para que eu fosse nomeado Comendador do Centro de Estudos de Ciências Jurídicas e Sociais do Brasil, o que ocorreu com a posse solene em Brasília, no dia 26 de novembro de 1999.

No bate papo então travado, o irmão Lacerda perguntou-me sobre a possibilidade da fundação de uma Academia Maçônica em Goiânia, ao molde de

muitas já fundadas em vários Estados da Federação, das quais nós já fazíamos parte, como Membros Fundadores ou Correspondentes.

Aceitei de imediato, por ser um desejo antigo meu, e ele ficou de tomar as providências iniciais, visando tornar o desejo em realidade e que eu aguardasse notícias em breve.

Fiquei assustado quando, passados poucos dias depois da conversa com Lacerda, recebi telefonema do irmão Licínio Barbosa, propondo-me a fundação de uma Academia Maçônica em Goiânia, formada pelas duas Instituições: Grande Loja e Grande Oriente.

Fiquei um tanto perplexo com o convite, pois o Licínio, Presidente da Academia Brasileira Maçônica de Letras e eu um dos Vice-Presidente, nunca tínhamos tocado no assunto, quando lembrei do telefonema do Lacerda, propondo tal medida e chegando à conclusão que o Lacerda, após falar comigo, fez o mesmo apelo ao

Licínio, talvez por ser ele o Presidente da Academia Brasileira.

Concordei com o pedido, sem mencionar a conversa que tive anteriormente com o irmão Lacerda. O irmão Licínio passou então a historiar o que deveria ser feito para a fundação, mostrando muita erudição e conhecimento sobre o assunto, dizendo que a Academia deveria ser criada nos moldes da Francesa fundada por Richelieu em 1635, com quarenta membros, os quais seriam divididos de modo igualitário entre as duas Potências. Continuou dizendo que não seriam preenchidas as quarenta cadeiras, deixando algumas vagas para ocupação no futuro. Pediu-me que eu ao indicar os membros do Grande Oriente, lembrasse de uns cinco ou seis nomes de seu interesse da área jurídica.

Fiz a minha indicação de uns quinze irmãos que achava ser merecedores de pertencer a uma Academia, por seus dotes culturais, incluindo os por ele solicitado, tendo o irmão Licínio, por

sua própria decisão, aceitado uns e excluído outros. Passado algum tempo, novo telefonema do irmão Licínio para avisar a data escolhida para a fundação, local e horário da Posse que deveria ocorrer na Loja Educação e Moral, da Grande Loja. Lá chegando, encontramos tudo preparado pela equipe da Grande Loja, sob a orientação do irmão Licínio:

- Nome da Academia
- Estatutos e Regimento Interno
- Relação da Diretoria, escolhida pelo irmão Licínio

- Lista das Cadeiras, já anotado a número 1 para o irmão Licínio e a de número 2, para o Presidente da Academia, previamente escolhido.
- Modelo do Jaleco.

O único item não escolhido, era o do cheque que deveriam assinar os Acadêmicos que seriam empossados.

- Após as formalidades legais, como aprovação simbólica dos Estatutos e Regimento Interno, eleição da Diretoria, Sorteio das Cadeiras, etc., foram os eleitos devidamente empossados e as Cadeiras preenchidas, a reunião foi encerrada, com aplausos dos presentes.

Fica registrado que a Academia, durante sua curta existência, reuniu umas duas ou três vezes, até o falecimento do Presidente, o que ocorreu alguns anos após a fundação, entrando em decadência por falta de interesse dos membros remanescentes.



falando francamente

A FORÇA DO AMOR

Aparecido José dos Santos | Cadeira nº 31

Chorando alto e escandalosamente, a Fia falava entre soluços

- Eu vou me casar com ele, queiram vocês ou não!
- Não, vai! Enquanto eu for viva, você não vai se casar com aquele traste.

- Vou sim. E se eu não me casar com ele, não vou casar-me com mais ninguém. E o choro aumentou de volume.

A discussão era entre a filha e a mãe.

A filha, que se chamava Conceição, mas tinha apelido de Fia, era a mais velha da prole do casal Antônio Ribeiro e dona Divina. Era uma família grande, além da Fia, que chorava para casar com o Geraldinho, ainda tinha o Juca, o mais velho dos homens, o Raimundo, chamado de Mundinho, a Anita, o Chico, o Belchor, o Olívio, a Rosa e o caçula João.

No momento da discussão entre dona Divina e a Fia, estavam presentes pai, Antônio Ribeiro e mais o João e Anita que eram crianças e não estavam entendendo nada daquilo, tinham medo. Antônio Ribeiro, baixinho, recatado, não deu palpites, saiu para o terreiro da sala, fugindo da situação constrangedora entre mãe e filha. Não tinha posição definida em relação ao casamento, mas não queria tirar a autoridade da mãe.

Dona Divina parou de falar e foi mexer com as panelas, começando as providências para o almoço daquele domingo. Painéis enormes, para fazer comida para onze bocas humanas e mais três cachorros. Todo dia era aquela labuta. A Fia era seu braço direito. Ajudava na lida da casa, ajudava a cuidar dos irmãozinhos mais novos, lavava e costurava, remendava as roupas da família, uma fera no trabalho. Neste domingo, ela amou, só chorava porque foi o dia que ela revelou a sua decisão de se casar com o Geraldinho do Zé Cassimiro.

Zé Cassimiro era um carreiro de boi que meu avô Joaquim Atanásio arrumou para cuidar dos carretos e zelar dos bois e da tralha do carro. Era viúvo e tinha um filho, o Geraldinho, que também foi morar na casa

do meu avô, e por ser menino ainda, nada fazia a não ser guiar os bois para o pai. Era exatamente aí que morava o problema: Geraldinho era um rapazote de 16, 17 anos e não fazia serviço de roça que era a principal atividade dos homens, naquela época, década de 1950. Dona Divina achava que Geraldinho não daria conta de sustentar uma família, visto que morava de favores com meu avô e não era chegado a trabalho pesado.

Passado aquele momento de crise emocional, a vida seguiu seu percurso, mas a Fia e Geraldinho continuaram com a intenção se casarem. Do lado dele não havia objeção. Ele não tinha mãe e o pai não se importava com isso.

Mais umas duas discussões de tempo em tempo, e meu avô e Antônio Ribeiro resolveram entrar na história e viabilizaram o casamento dos dois. Não houve festa. Aproveitaram a vinda de um padre na vila de Veredas, a 15 kms de onde moravam, foram lá a cavalo, casaram e já foram morar num rancho improvisado, perto da casa do meu avô, a mais ou menos 5 kms da casa do Antônio Ribeiro. Estava resolvido o problema de amor mais sofrido daquele tempo no sertão, em Minas Gerais.

Dona Divina perdeu sua principal ajudante em casa e o Olívio sentiu-se aliviado com a saída de casa da irmã que não lhe dava sossego tirando os bichos de pé que deixavam os pés dele deformados

A Fia pegava esse menino, deitava ele no chão, passava sua perna entre as delas, e com uma agulha grande, ia tirando aquelas batatas de bicho encravadas nos cantos das unhas dele, sob os gritos e xingamentos do irmãozinho dos pés bichados e imobilizado.

Passados os anos, meu avô e todos seus agregados mudaram-se para Goiás e aqui, cada um tomou seu rumo. Geraldinho se especializou na produção de hortaliças e fez a vida dele, dos cunhados e dos sogros todos envolvidos no projeto que deu certo. Anita casou-se com Anselmo, moço sem estilo e vagaroso,

acabou morrendo cedo, deixando Anita viúva e sem nada, voltou pra casa do pai. Rosa casou-se com o filho de um fazendeiro em decadência, e se transformou em empregada doméstica para sustentar a casa, acabou se separando. Os homens, o Juca e Mundinho voltaram para Minas Gerais e nunca mais foram vistos; Chico, Olívio, Belchor e João, depois de um tempo trabalhando com Geraldinho, cada um se espingardeou-se para um rumo (Tocantins e Pará, Rondônia)

Antônio Ribeiro, tocava uma pequena roça e dono divina, sozinha em casa, a Anita havia falecido, cuidava dos afazeres e benzia de quase todos os males do corpo, tinha grande freguesia.

Antônio Ribeiro sofreu um AVC moderado, mas ficou com sequela que o impedia de trabalhar. Em resumo, quem cuidou do casal Antônio Ribeiro e dona Divina, no final de suas vidas, foi o casal Geraldinho e Fia, exatamente aquele contestado por dona Divina, que fez tudo que podia para evitar o casamento deles. A lição que ficou é a de que, em matéria de amor, qualquer avaliação pode ser precipitada.

É a ironia do destino, só pode,
Francamente...

Jornal O CONFRADE

ÓRGÃO OFICIAL DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS
Registro na ABIN nº 083-J

Palácio Maçônico “Násseri Gabriel” – GOB-GO
Goiânia-Goiás – Fone: (62) 3211-1010

Presidente: José Mariano L. Fonseca – Cadeira nº 06
Editor/design: Guilherme Fonseca – Colaborador
Revisor: Flávio Roldão de Carvalho Lelis

Colaboradores: Absai Gomes Brito / Guilherme Freire Fonseca
Conselho Editorial: Anderson Lima da Silveira / Getúlio Targino Lima
Luiz Antônio Signates Freitas / Alexandre A. Giffoni Júnior

Programação/editoração: Adriana Almeida
Coordenação gráfica: Gráfica Poder – 62. 98190-5857
Tiragem desta edição: 500 exemplares

Divulgação: Físico / Digital [http://agml.com.br/]
A direção do Jornal não se responsabiliza
por conceitos emitidos em matérias publicadas.



artigo

A PREVISIBILIDADE E OS ASPECTOS HISTÓRICOS DA MOEDA

Gesmar José Vieira | Cadeira nº 20

Muito se fala do dinheiro, que significa algo que não somente contribui para intermediar aquisições pessoas de bens, mas também do trabalho, das decisões de consumo ou poupança, indo além com a mediação das decisões empresariais no processo de produzir e de investir, sendo que estas buscam a obtenção de valores reais e nominais, além de somatórios iniciais. A persistente e contínua variação dos preços leva-se ao conceito de inflação, que por meio de seus aumentos pode ocasionar a desvalorização da moeda e com isto reduzir o poder de compra das pessoas que a detêm, o que se vê ainda de forma mais acentuada quando não são reajustados os salários.

A moeda na sua acepção possui um valor intrínseco e se traduz numa forma de dinheiro institucionalmente emitida por agentes públicos, possuindo funções de unidade de conta, reserva de valor e meio de troca, conceitos que podem ser pesquisados nas literaturas e publicações especializadas, sejam de caráter universitário ou de instituições voltadas para finanças, entre as quais o Banco Central, caso do Brasil.

Ao buscar os fundamentos teóricos relativos às implicações sobre a moeda é importante relembrar os economistas e pesquisadores que estudaram os efeitos impactantes relacionados à sua oferta em uma economia, com destaque para Professor americano Milton Fiedman (1956), quando afirmou que a “quantidade de moeda disponível determina o nível dos preços na economia, e por sua vez, a taxa de crescimento do volume de moeda determina a taxa de inflação”. Para o Professor Fiedman, a “procura por moeda depende dos seus substitutos (títulos, ações, bens duráveis etc), que por vez são previsíveis, fazendo dela também previsível”.

Historicamente conhece-se o comportamento das civilizações, que desde a sua origem primitiva ao habitar nas cavernas e se alimentarem de frutos silvestres, de derivados obtidos de caças e pescas foram se obrigando a desenvolver suas inteligências e buscarem melhorias da qualidade de vida e com isto criando maiores necessidades individuais, obrigando-as às trocas. Nesta fase primitiva as trocas eram restritas a mercadorias por mercadorias ou diretas.

Este sistema de trocas se estendeu ao longo de séculos e dos costumes se originaram vocábulos que deram origem a palavras como “salário”, pagamentos realizadas com quantias de sal; “pecúnia”, palavra vinda do latim “pecus”, rebanho bovino ou “pecullium” referente a ovelha ou cabras. E assim, na sua história as primeiras moedas, tão conhecidas na atualidade, tiveram origem nos povos lídios (Turquia), “no século VII A. C.”, em geral constituídas de peças em metal, muitas das vezes fabricadas mediante a utilização de martelos, em primitivos cunhos, ocasionando o surgimento da cunhagem a martelo.

A partir desta fase a moeda teve valorização pela característica dos metais empregados, tais como o ouro e a prata, que com o passar dos tempos foram substituídos por metais de menor raridade, porém sem deixar de preservar atributos e beleza, além da preservação de figuras representativas da história, da cultura, das riquezas e poder das sociedades.



opinião

LEMBRANÇAS MAÇÔNICAS DA CIDADE DE GOYAZ – VII

Jefferson Soares de Carvalho | Cadeira nº 15

O Correio Oficial de Goyaz, em 30/7/1887, informa (pontuação e ortografia original):

“Pelos relevantes serviços prestados a humanidade foi distinguida pelo Grande Oriente do Brasil, com o honrosíssimo título de Benemerita da Ordem, a Loja Maçônica Azylo da Razão ao Oriente de Goyaz.

Parabens aos srs. Dr. Vicente Moretti Foggia, Capitão João Gonzaga de Siqueira, venerável da Loja, e Augusto Teixeira de Magalhães Leite, Delegado da mesma”.

Dr. Vicente Moretti Foggia, nasceu em Mântua, na Itália, em 1803, desde a adolescência faz parte da Carbonária, sociedade secreta que lutava pela liberdade e unificação da Itália. Em 1820, ingressa no curso de Medicina, interrompendo três anos depois por sua participação na revolta carbonária de Piemonte. Retorna ao curso em 1830 e sete anos depois, perseguido pela polícia italiana, juntamente com cinco amigos, vem para o Brasil e fundam a Sociedade dos Seis Amigos”, para explorar ouro em Goiás. Depois de cinco anos sem sucesso, desfazem a sociedade. Garante a sobrevivência no exercício de curar, apesar de não ter concluído o curso de Medicina.

É nomeado cirurgião mor na enfermaria militar até 1882. Em 1836, é nomeado Boticário do Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara. Em 1839, é encarregado do curativo dos doentes dos hospitais dos presos da cadeia e é designado, pelo Ministro do Exército, Cirurgião-Ajudante da Companhia de Montanha.

Após uma chuva torrencial, em 19 de fevereiro de 1839, o rio Vermelho sai de seu leito, destrói as habitações próximas, carrega as pontes que ligavam o distrito de Santana ao Carmo, a Igreja da Lapa é levada pela correnteza, destrói o muro e parede do Hospital de Caridade. Foggia, ao perceber que ameaçava levar todo o Hospital, carregou nos braços cada um dos enfermos, levando-os para sua casa.

Professor de Aritmética e Geografia no Liceu Goiano durante 22 anos, desde 1847, se aposenta em 1868. Esse estabelecimento passou por várias crises,

se não fosse por Foggia, que foi seu secretário e que, por muitas vezes, substituiu professores de outras disciplinas, diretor e inspetor; manteve em pleno funcionamento. Em novembro de 1883, pede exoneração como médico da cadeia. A pedido do governo provincial, examina as supostas virtudes terapêuticas das fontes de águas termais de Caldas Novas, Caldas Velhas e Pirapitinga. Seu relatório exaltou os benefícios desses mananciais no tratamento da sífilis, morfeia e lepra. Seu relatório “Águas Thermaes (Caldas) da província de Goyaz e os seus maravilhosos efeitos para a cura da morfphea e outra enfermidades rebeldes de pelle”, foi a primeira publicação oficial inserida em um periódico no Brasil.

Inspetor de Higiene Pública em 18 de agosto de 1884, no seu relatório de 1885, destaca que as febres, as afecções catarrais e do fígado, as lesões do orgânicas do coração, as moléstias crônicas do aparelho digestivo, o beribéri, disseminavam-se por toda a região. Em 1884 requere a exoneração de médico no Hospital de Caridade, cargo que ocupava desde 1852.

Durante a Guerra do Paraguai, doou 10% de seu salário para o esforço de guerra. Foi membro e fundador, em 10 de abril de 1864, do Gabinete Literário Goiano. Em 23 de setembro de 1870, estava entre aqueles que participaram das homenagens e cerimônia da colocação da bandeira do 16º Batalhão dos Voluntários da Pátria de Goiás, no altar da Catedral de Sant’Anna, tendo assinado a ata do auto como cirurgião do Corpo de Saúde.

Em 26 de novembro de 1880, o vice-presidente da província de Goiás, o Tenente-Coronel da Guarda Nacional, Antônio José Caiado, ao dar atestado ao Dr. José Neto de Campos Carneiro, pelo seu cumprimento como Inspetor de Higiene Pública na cidade de Goiás, faz questão de salientar que “a exceção do dr. Foggia nenhum outro médico exerce os seus deveres com tanta lealdade, desprendimento e caridade e não goza de tanta estima e gerais simpatias nesta capital como o Ilmo sr. Dr. Neto”.

Maçom, membro da Loja Azylo da Razão, presidente do Capítulo Rosacruz, em Assembleia Extraordinária Nº 243, de 16 de setembro de 1878, o Supremo Conselho elevou-o do Grau 18, para o Grau 30. Em 30 de julho de 1888, como 1º cirurgião reformado, juntamente com o Dr. Francisco de P. Avellos e o Dr. José J. dos Santos Franco, publicam a seguinte nota:

Os abaixo assinados, cirurgiões militares, em serviço nesta capital, a fim de não serem julgados desrespeitadores ou inferiores ao governo da Sereníssima Princesa Imperial Regente, vem pela imprensa declarar que, se não compareceram ao espetáculo, em grande gala, realizado no Teatro S. Joaquim com o fim de solenizar o aniversário natalício da mesma Sereníssima Senhora, foi porque não mereceram a honra de um convite não sendo o espetáculo daqueles em que os bilhetes acham-se expostos à venda”.

Assim foi Foggia, dedicou sua vida à saúde, à formação dos jovens e de práticos em enfermagem. Atendia em consultório próprio, onde não cobrava de seus pacientes, cada um contribuía de acordo com suas posses. Devido a sua bondade e atos de cidade, um verdadeiro apóstolo da caridade e da medicina, era conhecido na cidade como o “pai dos pobres”.

Morreu em 1894, pobre, a sociedade vilaboense lhe deu um enterro digno. O jornal O Goyaz, disse: “A sociedade goiana reconheceu o tralho daquele italiano que fez de Goiás sua terra, após a morte exaltou sua dedicação e sentimentos de filantropos bem como o exercício de trabalho quase sempre superior às suas possibilidades e forças físicas, e seus esforços à bem da humanidade foram considerados incessantes... Tal foi o resumidos traços do homem que acaba de findar; o médico sem igual, o professor mérito, o cidadão modelo, o homem carinhoso e afável, esposo dedicado, o amigo sincero, o pai extremoso, o benfeitor dos pobres aos quais ele dedicou a maior parte de sua vida e cuja falta se torna impossível de preencher...”.

Atualmente há uma rua com seu nome, na cidade de Goiás. No dia 19 de junho de 1894, é realizado um espetáculo beneficente no teatro São Joaquim, com a finalidade de se erigir um monumento na sepultura de Foggia.

João Gonzaga de Siqueira e Augusto Teixeira de Magalhães Leite, já foram objetos de antigo anterior. Quanto aos outros Irmão nada consegui, fica aqui o desafio para que os Irmãos, com mais tempo e capacidade do que eu, pesquisem e achem mais dados sobre esses valorosos Irmãos do passado.



artigo

MAÇONS QUE FIZERAM A HISTÓRIA DA MAÇONARIA EM GOIÁS

João Batista Fagundes | Cadeira nº 16



Antônio Batista Xavier nasceu no dia 22 de janeiro de 1928, na cidade de Anicuns-Go. Filho de João Batista Xavier e Josefa Rosaura Batista. Casado com Altair Nunes Xavier. Farmacêutico e Advogado. Agropecuarista no município de Americano do Brasil. Iniciado no dia 23/09/1961, na Loja Paz Universal nº 17, onde exerceu vários cargos, dentre o de 2º Vigilante e Venerável Mestre por quatro mandatos. Em seus Veneratos foi construído o Templo da Loja Paz Universal nº 17.

Lecionou no Ginásio Estadual de Anicuns na cadeira de Ciências Físicas e Naturais de 1961 a 1963. Proprietário da Farmácia N. S. Auxiliadora na Av. Araguaia em 1963 – Goiânia-GO. Conselheiro no Conselho Regional de Farmácia do Estado de Goiás – CRF-5 em 1965, 1966, 1967, 1968.

Secretário Geral do Conselho Regional de Farmácia CRF-5 em 1968. Trabalhou no Banco da Lavoura de Minas Gerais S/A. Presidente da IQUEGO – Indústria Química do Estado de Goiás no governo Ary Ribeiro Valadão.

Trabalhou no Departamento Jurídico do Banco do Estado de Goiás. Foi Delegado dos Grão-Mestres Licínio Leal Barbosa (1975/1978) e Urias de Oliveira Filho (1978/1981). Foi Conselheiro da OAB por três mandatos. Foi Oficial Executivo da Ordem DeMolay para o Estado de Goiás. Recebeu as Comendas Pedro Ludovico Teixeira, da Assembléia Legislativa do Estado de Goiás; Cruz do Anhanguera, da Grande Loja e Tiradentes, do Cinquentenário da Polícia Militar do Estado de Goiás.

PRIMEIRO MANDATO – 1981/1984

O Grão-Mestre Adjunto foi Mário Evaristo de Oliveira, da Loja Educação e Moral nº 8.

PRINCIPAIS REALIZAÇÕES.

Em face da excessiva poeira, o matagal do bairro que era desabitado e distante, não dando a mínima condição de ali permanecer, a sede da Grande Loja foi transferida para a Rua 16-A, no Setor Aeroporto, em prédio alugado.

Foi construído o edifício do Palácio Maçônico, com área de 1.540 m2, com dois pisos e 14 salas, mobiliado, inaugurado no dia 10 de junho de 1983, legando à Grande Loja um respeitável patrimônio.

Inaugurado o Palácio Maçônico a sede da Grande Loja retornou para o Setor Jaó.

Foram iniciados cerca de setecentos candidatos
Foram fundadas e instaladas 13 Lojas, sendo: Eterna Vigilância nº 104, em Inhumas; Esperança Universal nº 105, em Goiatuba; Loja União Itaberina nº 106, de Itaberai; Arca da Aliança nº 107, em Aragoiânia; Urias de Oliveira Filho nº 108, em Goiânia; Loja Luz da Cachoeira nº 109, em Cachoeira Dourada; Loja Estrela do Oriente nº 110, em Palminópolis; Loja Delta do Araguaia nº 111, em Nova Crixás; Vale do Araguaia nº 112, em Araguapaz; Fraternidade Vale do São Patrício nº 113, em Goianésia; Vale do Rio Quente nº 114, em Caldas Novas; União Cidade dos Pomares nº 115, em Morrinhos; Oswaldo Jaime Ribeiro nº 116, em Goiânia.

SEGUNDO MANDATO – 1987/1990.

Foi eleito novamente para o cargo de Grão-Mestre tomando posse no dia 09 de junho de 1987, para o período de 1987/1990, tendo como Grão-Mestre Adjunto Divino Gomes da Silva, da Loja Joaquim Mesquita nº 51.

Determinou e realizou plebiscito para escolha da sede da Grande Loja Maçônica do Estado do Tocantins e presidiu a eleição para o cargo de Grão-Mestre daquele novel Estado.

Instalou a Grande Loja Maçônica do Estado do Tocantins e deu posse ao primeiro Grão-Mestre João Batistas de Castro Neto, outorgando a Carta Constitutiva.

Em seus dois mandatos apresentou três teses nas Assembléias da CMSB tendo sido todas aprovadas, algumas com louvores. São elas: Inserção da Palavra “Maçônica” às Grandes Lojas. Outra sobre a irradiação do cézio 137 e uma terceira sobre a censura e as constituições brasileiras, enfocando a falta de decoro moral nos programas de rádio, em revistas, jornais, e especialmente nos programas de televisão.

Foi agraciado com o título de Cidadão Vilaboense oferecido pela Câmara Municipal da Cidade de Goiás, pela lei nº 37, de 04 de dezembro de 1989.

1) Foram construídos quatro apartamentos de passagem, com a denominação de “Casa do Maçom”, para estadia de maçons e familiares, de Lojas do interior e até de outros Estados, quando tiverem necessidades de comparecerem a Goiânia, quer seja em tratamento de saúde, quer seja para prestar concursos, e/ou outras atividades; 2) Foi conseguido com o Poder Público Municipal de Goiânia o asfalto para as ruas que dão acesso ao Palácio Maçônico. O Setor Jaó era todo desprovido de asfalto, o que mostrou o prestígio da Maçonaria junto aos Poderes Públicos; 3) Praça do Maçom. Com o trabalho dos maçons Valdir do Prado e Antônio Uchoa Sobrinho, no sentido da aprovação do projeto, o qual terminou com a edição da Lei nº 6.723, de 27/12/88, sancionada pelo Prefeito Daniel Antônio de Oliveira, foi construída o símbolo da Maçonaria, na Praça que fica

Antonio Batista Xavier – décimo primeiro grão-mestre – períodos de 1981/1984 – 1987-1990 – 1993-1996

situada na confluência das Avenidas São Francisco e Meia Ponte, no Setor Santa Genoveva, a qual passou a denominar-se “Praça do Maçom”; 4) Parque gráfico. Foi adquirida uma máquina “off-set”, de grande porte, podendo imprimir a cores, até cartazes grandes. Foi adquirida uma guilhotina, uma máquina reveladora, tanque para banho das chapas. A gráfica está devidamente registrada, constituindo uma empresa. CNPJ nº 00770690/0001-68; inscrição estadual nº 10.275.845-0 e cadastro municipal nº 107.033/9; 5) Computadores. Diante do crescimento da Grande Loja e a implantação do parque gráfico, um computador só não estava sendo suficiente. Foi adquirido mais um computador 486; 6) Central telefônica. Foi adquirido um PABX moderno, interligando todas as dependências do Palácio Maçônico, com 32 ramais; 7) Veículos. Foram adquiridos um veículo Voyage, ano 1993, a prestação e um Gol Mil, todos a vista e zero KM; 8) Paramentos. Foram adquiridos 180 paramentos para os Membros do Alto Corpo e Poder Judiciário; 9) Foram fundadas mais 13 Lojas, sendo a União e Fraternidade nº 123, em Goiânia; Pedro Nunes Ferreira nº 124, em Mossâmedes (Pedro Nunes Ferreira foi o sogro do Grão-Mestre Antônio Batista Xavier); Luz e Verdade nº 126, em Indiara; Mestre Pitágoras nº 127, em Goiânia; Francisco Avelino de Araújo nº 128, em Vicentinópolis; Obreiros da Paz nº 129, em Goiânia; Vale das Orquídeas nº 133, em Piracanjuba e Real Segredo nº 134, em Anápolis; 10) Da mesma forma que no primeiro mandato, foram fundadas 13 Lojas e iniciados cerca de setecentos candidatos.

TERCEIRO MANDATO – 1993/1996.

O Grão-Mestre Adjunto foi o Antônio Uchoa Sobrinho, da Loja Cavalheiros da Harmonia nº 41, de Goiânia.

1) SALÃO SOCIAL. Foi construído, em três meses e vinte dias, um salão social, com uma área de 550 M2, destinado a abrigar as festas, almoços, jantares e outros eventos sociais da Grande Loja. Foram adquiridas cinquenta mesas de seis lugares, duzentas cadeiras, forros, freezer, fogão industrial. O salão tem capacidade para seiscentas pessoas sentadas em mesas e mil quando transformado em auditório; 2 – Foram fundadas oito Lojas: Aparecida de Goiânia nº 138, em Aparecida de Goiânia; União e Cultura nº 139, em Nazário; Construtores do Templo nº 140, em Anápolis; Constelação nº 141, em Goiânia; Carlos Batista de Lacerda nº 143, em Sanclerlândia; Estrela Ocidental nº 144, em Cidade Ocidental; Obreiros de Amós nº 145, em Vianópolis; 3) Adquiriu uma gráfica para Grande Loja equipando-a com computador, scanner e impressora para serviços de arte final e serviços internos da Secretaria; 4) Uma nova central telefônica para a Grande Loja; 5) Adquiriu um carro para uso do Grão Mestre e um gol mil zero km para serviços diversos da Grande Loja; 3) Foram iniciados seiscentos candidatos.

O Grão-Mestre Antônio Batista Xavier logo após sua posse no primeiro Grão-Mestrado, juntamente com o Grão-Mestre Adjunto Mário Evaristo de Oliveira e outros.





artigo

DO LAÇO AO SENADO – III

Breno Boss Cachapuz Caiado | Cadeira nº 04

CAPÍTULO 2

Como eu mencionei nas edições anteriores deste bellissimo jornal O Confrade, resolvi apresentar (e antecipar!) a autobiografia do meu pai, o ex senador Emival Caiado, que contribuí com uma boa parte dos estudos e redação.

Tal obra iniciada por Emival Caiado, foi concluída por mim após seu falecimento. Os trechos de minha autoria normalmente são descritos na 3ª. pessoa e numa fonte de letra diferente e menor, os redigidos pelo ex senador Emival, estão na 1ª. pessoa.

Segue agora o 2º. Capítulo, que tive de resumir para a publicação nesse periódico, relatando os costumes da época e as aventuras das vaquejadas no sertão de Goiás!

“2 – O início:

Fugindo da possibilidade de contrair a famosa gripe espanhola, que da Europa vinha ceifando milhares de vidas, muitos habitantes da antiga capital de Goiás embrenharam em suas fazendas no sertão. Dentre eles, figura Totó Caiado, com toda sua família, inclusive comigo, criança de colo, que nascera em 04 de maio de 1918.

O destino era a fazenda Tesouras, herança de seus ancestrais, distante 23 léguas (138 km) daquela cidade. A viagem usual e possível, naquela época, era feita a cavalo, em numerosa comitiva. Grande número de empregados chamados “camaradas”, conduzindo tropa solta para a vaquejada, cargueiros e mais cargueiros, carregando desde o sal, pacotes de toucinho, rapadura, café, farinha, etc., até as ferraduras e as toldas, que eram barracas de pano, como as que se usam em circos, porém, menores.

Com marchas de 3 a 5 léguas por dia, gastava-se 6 dias até atingir a sede velha da “Fazenda Tesouras”, denominada “Baixio”.

As mulheres montavam selas diferentes dos homens, chamadas “cilhões”, sentando de lado, com difícil equilíbrio, pois, contrariava a moral da época mulher montar enganchada ou enforquilhada como homem. Falava-se até, que se isso acontecesse, possibilitaria o desvirginamento das donzelas, desculpa, não rara, usada pelas mais permissivas.

Os pousos eram escolhidos previamente, tendo em conta a situação da “aguada” e o “encosto” para a tropa não dispersar e nem fugir à noite, apesar dos “polacos” ou “cinceros” pendurados no pescoço de alguns animais, denominados “madrinhas” e de pearem os mais fujões.

Por volta da metade da marcha diária, os camaradas incumbidos da cozinha e da armação das toldas, adiantavam-se da comitiva para cuidar dos serviços do “pouso”.

Muito feliz estava Totó Caiado na viagem para o refúgio, acompanhado de sua cachorrada, pois, adorava tanto caçadas como pescarias e vaquejadas, que lhe propiciava os “gerais” da Fazenda Tesouras, onde, na mocidade, com seu primo Geraldino, desfrutara de memoráveis temporadas dessas diversões, notadamente, enfrentando as diversas raças de onças que matavam, e ainda hoje matam, boa quantidade de gado.

Minha mãe me contava que durante o período do refúgio foi acometida de certa infecção em um dos seus seios, que se agravou de tal forma, que o abscesso (tumor) foi lancetado pelo médico Dr. Joviano Alves de Castro, que por sorte ali se encontrava, com a ponta afiada de um punhal. Suplementando minha alimentação com leite de vaca e ignorando-se minha alergia por esse alimento, quase morri. Afinal, para socorrer a magreza e a fome do esfomeado bebê, a solução foi mamar também, na mulher do vaqueiro Luiz Adornelas, em parceria com sua filha.

Eu fui criado na liberdade dos grandes espaços. Na cidade de Goiás, nasci na chácara da antiga “rua nova”, que fica na principal entrada da cidade (atualmente avenida Hermógenes Coelho). Com

área aproximada de 10 ha, dispunha de imenso quintal e três pastos.

Ali sempre era grande o número de crianças, pois, além dos seus filhos, Totó Caiado criava filhos de compadres, amigos ou empregados falecidos, que deixavam viúvas pobres carregadas de filhos. Assim, ao meu lado e de meus irmãos Ederval, Emy, Elcival e, mais tarde, Caiadinho (Antônio Ramos Caiado Filho), figuravam meus irmãos de criação Clodoaldo da Veiga Jardim (Cocó), José Alves Mesquita, Ubirajara Costa e Joaquim Máximo da Silva (Joaquinzinho).

Isso para só se falar nos homens, que, depois de certa idade, hospedavam-se na casa de baixo (vizinha à casa principal), enquanto minha mãe Dna. Mariquita e minhas irmãs Consuelo e Cory, do primeiro matrimônio de meu pai, Enery, Elcy, Elgezi e Eldory (falecida com onze anos), do segundo, residiam na casa de cima (casa principal).

Antigamente nas cidades goianas existiam temporadas de folgedos. Quando estavam na moda os estilingues, a molecada portava um sempre na cintura e em seu cabo ia ostentando, com orgulho, tantos piques quantos passarinhos derrubados. Já na época dos caminhõezinhos de madeira, todo mundo tinha um. O mesmo acontecia com a temporada das arraias (pipas), de peões, do futebol ou das bilocas, etc. Geralmente eram brinquedos simples, construídos pelos próprios meninos, de tal forma que ricos e pobres se nivelavam na construção, estimulando, assim, as habilidades e rivalidades pessoais.

Mas dentre todos esses divertimentos, destacava entre nós a equitação. Montávamos em pêlo e as escondidas nos cavalos que estavam nos pastos da chácara e, em corridas descontroladas, não raro caíamos dos cavalos. Quando tínhamos um cabresto para dirigir o animal, muito bem, porque passávamos uma “focinheira” ou mesmo um “barbicacho” na boca do cavalo, mas, quando não tínhamos, usávamos o próprio cinturão para o barbicacho.

Com a chegada do cinema mudo em Goiás, passou a circular a notícia

de que um tal Tom Mix acabara com a fama de um boi que não encontrava vaqueiro que o pegasse, pois, na sua corrida desabalada passava sempre por baixo de uma grossa árvore caída, que não cabia o cavaleiro e ia embora.

Corrido por Tom Mix, quando o boi famoso passou por baixo, ele saltou por cima do grosso tronco e atingiu a sela do outro lado e afinal pegou o boi. Tal façanha incendiava nossas imaginações, como acontece hoje com a criança que se deleita com os dribles ou gols de seus ídolos do futebol.

O gosto pelas fazendas, seus trabalhos, esportes e a integração com a natureza, eram estimulados pela ocorrência de férias dobradas nos estudos. Não existindo férias em julho, como acontece hoje, as férias começavam em meados de dezembro, transcorrendo os meses de janeiro e fevereiro e as aulas só reiniciavam em março.

Durante toda a temporada era despretada na juventude a vocação rural. Os pais dos alunos do colégio Liceu, em sua imensa maioria, tinham as fazendas ou chácaras onde passavam as férias de fim de ano e nelas, além do lazer, economizavam nos gastos de manutenção da família na cidade.

Na pecuária, com suas múltiplas atividades para nós os jovens, podíamos montar à cavalo para passeios ou campeios do gado, nas corridas desabaladas, nas tarefas de curral tirando leite, montando em bezerras ou boleando sempre o laço na ferra, vacinação e a constante doma e tratamento dos animais.

Além disso, tinha eu especial prazer em acompanhar meu pai com sua numerosa cachorrada nas suas caçadas, desde quando ainda não contava idade suficiente para portar armas de fogo.

Meu pai, como seus ancestrais, cultivava a tradição das caçadas, que além de ser um hobby atávico na escassez de divertimentos de Goiás, do início do século XX, representava uma defesa do homem contra os queixadas, catetos, antas e capivaras que destruíam as suas roças de subsistência e as onças de várias espécies que dizimavam o gado, devorando a bezerrada e potros.

Continua na próxima edição...



ciência & saúde

DORES LOMBARES

Paulo Ricardo Arantes de Brito | Colaborador

Meus amados irmãos venho hoje falar a vocês sobre a dor na região lombar. Esta dor que nos incomoda muito pode atrapalhar nossa rotina de trabalho. A lombalgia pode ser definida por qualquer dor na região lombar, geralmente acompanhada de espasmos musculares, com possível redução da mobilidade e dor que pode irradiar para as pernas.

Ela é uma sensação de desconforto ou dor sentida na região mais baixa da coluna próximo a bacia. Ela pode ser conhecida por vários nomes populares como “dor nas cadeiras, dor nas costas, dor nos rins e a dor nos quartos”. A dor lombar pode estar ligada a alguns fatores, e escreverei apenas cinco fatores que considero mais importante.

O primeiro fator que iremos citar é o da má postura, esta tida como um dos principais vilões das dores no momento atual. Quando sentamos, na frente do computador, da televisão, para mexer no celular ou até mesmo em um momento de distração com amigos não é hábito nos preocupar com o modo que sentamos, assim com o passar do tempo essa má postura começa a trazer desconforto.

Segundo fator que podemos nos atentar é com relação a nossa respiração. A respiração é uma das funções

vitais mais importante e quase nunca prestamos atenção na postura para respirar. Um posicionamento adequado leva a uma respiração adequada para atividade realizada e pode trazer inúmeros benefícios para a saúde. A curvatura postural incorreta do tórax acarreta com o passar do tempo diminuição da capacidade de expansão do pulmão, diminuição das trocas gasosas ocasionando, cansaço frequente, falta de ar, indisposição, dificuldade respiratória e consequentemente dores no corpo.

Terceiro fator a ser dito são as doenças já instaladas após longos períodos de postura incorreta, hoje as mais famosas são: as escolioses e lordoses. Causadoras de dores, desconfortos, dificuldades de mobilidade, normalmente iniciam durante a adolescência e na maioria dos casos podem ser tratados com atividades físicas como o alongamento e exercícios específicos para o paciente/aluno. E em casos mais extremos quando a escoliose acaba por pressionar os órgãos internos cirurgias são necessárias.

O quarto fator a ser discutido é a chamada doença do século: a obesidade. O excesso de peso pode gerar um desequilíbrio postural na distribuição da massa corpórea, ocorrendo um desequilíbrio na distribuição deste peso, assim

colocando pressão excessiva nos músculos, ligamentos, articulações e estruturas da coluna lombar, aumentando sinais de dor e consequentemente as lesões.

O último item que coloco com atenção são as doenças reumáticas. Abrangem uma ampla gama de condições que afetam as articulações, ossos, músculos, tendões e ligamentos. Entre os exemplos de doenças reumáticas, destacam-se a artrose, a artrite reumatoide e a espondilite anquilosante. É importante ressaltar que a dor lombar crônica relacionada a doenças reumáticas pode variar em intensidade e estar acompanhada por outros sintomas, como rigidez matinal, inchaço articular e limitação funcional.

Existem dois tipos de dor lombar a aguda e a crônica. A dor aguda é mais intensa e a dor lombar crônica é menos intensa, porém persistente, podendo afetar a qualidade de vida do indivíduo e pode irradiar para as pernas causando sensação de dormência.

Todas essas dores poderiam ser evitadas com hábitos simples, como manter a hidratação contínua do corpo, evitar posturas erradas, praticar exercícios simples e de forma contínua para evitar complicações a longo prazo.

Quando fazemos atividade física orientada conseguirmos reduzir as dores na região lombar. Você sabia que dez semanas de treinamento leve na musculatura interna do abdômen traz diversos benefícios alivia dores e melhora da qualidade de vida?

Independentemente do tipo de dor nas costas, você poderá tratá-la e

diminuir os sintomas, (sabendo as causas) com a realização de exercícios e alongamentos corretos e orientados por um profissional de educação física capaz de criar uma rotina diária adequada para a sua necessidade.

Uma boa relação com o profissional de educação física pode lhe ajudar muito nesta hora. Procure sempre um profissional habilitado, formado e que conheça atividades pertinentes e prudentes para o que está sentindo. Parece meus irmãos que até estou sendo um pouco categórico e incisivo, mas o cuidado com a sua saúde deve estar em primeiro lugar.

A dor na coluna ou a famosa dor nas costas gera muito desconforto nas pessoas, diminui seu rendimento em qualquer atividade, te deixa limitado na execução de atividades rotineiras de vida diária. Assim é importante, quando falamos de possíveis tratamentos, ter conhecimento prévio do assunto, estudar sobre o caso e levar em conta que estamos falando de uma das principais estruturas físicas, uma engrenagem tão importante como a região lombar responsável por tantos movimentos, pode afetar as demais estruturas do corpo humano.

O nosso corpo meus irmãos e deve ser tratado da melhor forma, ser o primeiro templo de cuidado, e assim utilizá-lo para aquilo que precisamos no dia a dia, o trabalho que nos dá o sustento ou as alegrias na convivência e atividades em família.

Cuidem-se meus irmãos para que tenhamos uma vida de saúde e qualidade. Até o próximo artigo.



artigo

EVASÃO MAÇÔNICA: ENTRE O MITO, O RITO E O DEVER DE CASA

José Eduardo de Miranda | Cadeira nº 07

Dizem-me romântico...

Falam-me, com insistência, que transeito pelas calçadas da existência, enfrentando as situações fenomenológicas que entrecruzam os caminhos do ‘eu-homem’ com dedicação extremada, entregando-me sem pudor às razões da vida, e enaltecendo, insistentemente, o sentido da liberdade, do amor, da dignidade, da felicidade, da justiça e da perfeição.

Apesar de afeiçoado, sempre, à tenacidade do amor que ama, sem explicação, quando obtempero as ‘coisas da vida’, mais do que um romântico, como dizem os ‘analistas externos’, vejo-me, e sinto-me, refém, ou quem sabe, vítima do tirocínio filosófico daquele que não consegue livrar-se dos desdobramentos do verbo pensar: pensador, pensamento, pensável, pensativo, pensado.

Vivo, a miúdo, submerso num exercício lógico que procura, de maneira fundamentada, e com arrimo de valores notadamente humanos, exercer juízos que ponderam a consequência de atos, fatos, fenômenos. O pensamento, por si só, sopeia um conjunto de fatores cuja conexão não pode, ou não deve, ser desprezada, sob pena de inumar-se a razão, contaminando-se o sentimento. Portanto, o pensar reclama pela logicidade relacional com a cadeia de significantes, de modo que a completude do fenômeno precisa ser resguardada dentro de um padrão

operativo, que se implementa entre o sujeito que pensa, o objeto pensado, o ato de pensar, o processo do pensamento.

Penso, assim, sobre o homem, na vida; sobre a condição do ser...

Nesse contexto, correlaciono a condição e o sentido do ser, em sintonia com o prenúncio de Heidegger (2005), e procuro conceber a ‘causa e efeito’, sobrelevando a gênese de que o ‘ser’ apenas pode ser determinado em virtude de seu sentido com ele mesmo. Pondero, com a precisão heideggeriana, que, “na questão sobre o sentido do ser não há ‘círculo vicioso’ e sim uma curiosa ‘repercussão ou percussão prévia’ do questionado (o ser) sobre o próprio questionar, enquanto o modo de ser de um ente determinado” (Heidegger, 2005, p. 34)

O ser perdura por seu sentido!

É em virtude dessa percepção que avalio a evasão maçônica, advogando que essa situação tanto é uma questão sensível, como exige um olhar mais acurado para a ‘causa e o efeito’ do esvaziamento das Lojas. Por esse caminho, noto uma inclinação dialética para o entendimento de que se precisa dilatar o quantitativo de membros nos Templos, promovendo-se iniciações que se preocupam mais com o semblante teatral da sessão, do que a plenitude significativa do rito. É preciso, aqui, recordar-se que “a iniciação tem o significado básico de ressurreição.

É a morte para o mundo profano com o consequente ressurgimento no mundo Maçônico” (Dias, 2016, p. 50).

Sob qualquer hipótese projeto a possibilidade de oprimir-se o aumento no quadro das Lojas, maximizando o ‘exército’ dos homens livres e de bons costumes, responsáveis pela promoção da felicidade de seus comuns. Não me oponho à lógica, e reconheço que a sobrevivência histórica da Maçonaria apenas foi possível pelo fortalecimento de suas colunas, otimizada, em parte, pela robustez dos integrantes dos Templos. Por isso, e sem qualquer intuito de ressuscitar o Super-homem, não deprecio a ideia de que o “grande do homem é ele ser uma ponte, e não uma meta; o que se pode amar no homem é ele ser uma passagem e um acabamento” (Nietzsche, 2002, p. 16).

Levando-se em conta que a subsistência do ‘ser-homem’ se dá no seu sentido, e o ser, é um ‘ser’ do ‘ente’, o sentido do homem é o próprio homem. O homem é o ‘ente’ precípua que dá sentido ao ser-homem no mundo, na vida. Destarte, pensar o sentido do homem proclama o entendimento da realidade não apartada do rodameio das ações humanas, para que se possa, a toda evidência, entender e dizer o que efetivamente é digno de ser pensado como o outro, como o homem que dá sentido ao ‘ser-homem’, ao próprio homem. Aqui é onde o rito deve superar o mito.

Firme na compreensão de que a Maçonaria preconiza uma erudição ativa, de formação dinâmica e continuada, a iniciação precisa ser percebida como ato inexistente que propulsiona a evolução perene dentro da Ordem. A sessão magna de iniciação, contrário senso, deve ser vista como o procedimento de aceitação formal do Profano. Inserido na plêiade da simbologia e da alegoria

que conforma a ritualística maçônica, o Aprendiz deve ser sensibilizado sobre a solidez moral e filosófica dos caminhos que precisará trilhar, com o desiderato de cumprir com a edificação diuturna de seu templo interior.

No pináculo pelo deferimento à tradição maçônica, não posso omitir o sentimento de que parte, ou grande parte, da responsabilidade pela evasão dos Templos decorre do fato de que nós, os Maçons, não estamos cumprindo com o dever de casa. É claro que reconheço um contingente de exceções que agigantam a missão da Ordem, mas, por lamentação, há, hoje, um predomínio de Oficinas que limitam seu exercício à extenuação de sessões demarcadas pelo paramento malgasto, pelo ritual debilmente cumprindo e por seres desconexos do seu sentido.

O dever de casa é precípua ao engajamento dos Maçons com o trabalho de aperfeiçoamento da sociedade humana. As Lojas, os Mestres, e a Maçonaria precisam intervir com efetividade, disseminando entre seus ‘seres-comuns’ que a Ordem está alicerçada sobre o sentimento de amor fraternal, na convicção da busca constante pela verdade, na crença no Grande Arquiteto do Universo, e na certeza de que somente com tolerância e sabedoria será possível provocar-se um processo metamórfico que alcance o coração das pessoas e o seio da sociedade.

Fazer o dever de casa é provocar, invariavelmente, o envolvimento extrassensorial dos Maçons com o epíteto da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade, vinculando-os ao compromisso de utilizarem princípios e valores maçônicos como baldrames inafastáveis da felicidade geral e da paz universal.

Se o homem é o ser, e o ser é Maçom, este é o sentido do Homem.



tempo de estudo

A ESCADA DE JACÓ

Paranahyba Santana | Cadeira nº 25

Gênesis 28.10: "E Jacó seguiu o caminho desde Bersba e dirigiu-se a Harã."

Gênesis 28.11: "Com o tempo atingiu certo lugar e se preparou para ali pernoitar, visto que o Sol já se tinha posto. Tomou, pois, uma das pedras do lugar e a pôs como apoio para a sua cabeça e deitou-se naquele lugar."

Gênesis 28.12: "E começou a sonhar, e eis que havia uma escada posta da terra e seu topo tocava nos céus; eis que anjos de Deus subiam e desciam por ela."

Segundo os registros da história da Ordem Maçônica, em 1820 o pintor e maçom John Barris desenhou o painel que se encontra nas Lojas Simbólicas brasileiras em Grau de Aprendiz Maçom. Nele, em destaque, a Escada de Jacó.

O Painel da Loja de Aprendizes, simbolicamente, representa a ligação entre a Terra e os Céus e sua origem remete-se à visão de Jacó, registrado no Velho Testamento, no Livro de Gênesis, versos 10, 11, 12, 17 e 18.

Fisicamente, o Painel da Loja de Aprendizes pelo L.L.L., vai em direção à abóboda celeste representada no teto da Loja. Na base da escada, centro e topo encontramos três símbolos: a cruz, que representa a FÉ, a âncora que representa a ESPERANÇA e um braço estendido em direção a um cálice – o GRAAL –, posteriormente substituído pelo coração, que representa a CARIDADE, que é o mais importante, porque somente através da CARIDADE é que podemos ter acesso à Morada de Deus. Mais tarde, acrescentados quatro degraus, representando as virtudes cardeais: a TEMPERANÇA, a FORTALEZA, a PRUDÊNCIA e a JUSTIÇA.

A Escada de Jacó é um símbolo religioso indicando que somente

chegaremos à Morada de Deus se ganharmos, degrau por degrau, a escada da vida.

Maçonicamente, trata-se do símbolo do caminho da Perfeição. Sua introdução no Painel de Aprendiz indica que o neófito colocou o pé no primeiro degrau da escada, iniciando sua busca para o aperfeiçoamento moral.

Esotericamente, a visão de Jacó em que os anjos subiam e desciam por ela, simbolicamente significam os ciclos involutivos e evolutivos da vida, em seu perpétuo fluxo e refluxo, através de constantes nascimentos e mortes, bem como o desdobramento hierárquico de seres, potestades, mundos, reinos da vida e raças.

Entretanto, em seus sonhos, não foi descrito o formato desta escada. O Painel de Aprendizes, nos mostra um desenho simples, formado por duas hastas paralelas e unidas por pequenas travessas equidistantes um das outras.

Há quem crê que ela deveria ter sido uma escada monumental, digna de servir de caminhos aos anjos de Deus, imensa e gloriosamente iluminada, se a pudermos comparar com a descrição de Jerusalém Celeste, que é para onde a escada nos conduzirá ao fim dos tempos, após a evolução da humanidade, aliás, a meta principal de nossa sublime instituição.

A citação bíblica "A Casa do Pai tem muitas moradas", nos diz em seu sentido esotérico, que muitos são os níveis para as criaturas dentro de seus graus de progresso e evolução.

Esses níveis, seus planos e sub-planos estão simbolizados pelos degraus da escada e, para o nosso atual nível de evolução. E estes planos são: o PLANO FÍSICO. O EMOCIONAL e o MENTAL, ou da INTELIGÊNCIA ABSTRATA, sendo que estes planos se reproduzem no

homem. Desta maneira, podemos concluir que tanto o universo quanto o homem – o macro e o microcosmo –, estão constituídos à maneira de uma escada.

O iniciado, em presença deste símbolo, ao contemplar esta maravilhosa escada do universo, observa os intrincados, mas também ordenados processos de: INVOLUÇÃO, DIFERENCIAÇÃO e EVOLUÇÃO, os quais constituem o processo da vida. Então, ele vê a descida da alma humana por planos de crescentes densidades e decrescentes medidas vibratórias, até alcançar o mais baixo nível de completa materialidade, local onde travará a batalha pela supremacia entre o Homem interior e o exterior. Esta batalha será travada no tabuleiro de xadrez de nossa existência, entre os quadrados brancos e negros do bem e do mal, representado pelo pavimento mosaico.

Ele vê, também, o ascendente retorno daqueles que venceram a luta contra a ignorância e a mediocridade, conseguiram sua regeneração construindo o seu templo interior e vão retomar à sua fonte de origem, agora como seres puros, descontaminados e livres das misérias deste mundo cruel e imperfeito.

Simbolicamente, a Escada de Jacó deve ser interpretada a partir de sua origem. Segundo as antigas escrituras, Jacó – Patriarca das Doze Tribos de Israel –, quando descansava à noite, valendo-se de uma pedra para servir-lhe de travesseiro, sonhou com uma escada luminosa posta entre o Céu e a terra, de onde subiam e desciam anjos.

Nesse sonho, os anjos não saíam da escada e não pisavam o solo. Simbolicamente, sequer Jacó – o predeterminado – foi dado o privilégio de galgar os degraus da Escada Celestial.

O objetivo maior da Maçonaria pode parecer utópico. Mas essa Escada representa um rumo certo, um caminho a seguir. O questionamento que permanece é se seria ou não uma pretensão desrazoada subir os degraus da Escada...

A resposta está nos símbolos que estão inseridos entre os degraus e o topo

da Escada: se o ponto mais alto parece algo inatingível, os símbolos da FE, ESPERANÇA e CARIDADE, lembram a importância deste caminhar, a forma e o meio.

O ensinamento contido nesses degraus – vinculando a subida rumo a aperfeiçoamento, à prática da FÉ, ESPERANÇA e CARIDADE – é claro no sentido de que a forma com que se pretende alcançar o objetivo maior de aperfeiçoamento é fundamental.

Nos dias de hoje, assistimos atônitos o desmoronar de preceitos antes tidos como verdades e a inversão de lógica e do caminhar (na base de que os fins justificam os meios a qualquer custo). A cultura vigente, eminentemente hedonista, faz tábula rasa aos valores essenciais da humanidade.

Falta aos homens a busca pelo sonho, o anseio da utopia. Mas, se o alto da escada nos parece algo inatingível, os primeiros degraus estão próximos. Já seria um enorme progresso humano, em direção ao aperfeiçoamento, se fossem dados os primeiros passos.

Essa lição serve para guiar nossa conduta pessoal. Seja na família, seja na sociedade, seja entre irmãos. Até porque, o verdadeiro Maçom não tem a pretensão de ser melhor que os outros homens. Tem ele o compromisso livre na busca para o aperfeiçoamento, na adoção de uma forma de agir e tratar, com compreensão, tolerância e perdão, portando-se como coluna ou sustentação da instituição.

Finalmente, a lembrança de que sempre que adentramos e saímos do Templo, devemos nos inspirar nas figuras de Booz e Jaquim, que simbolizam um ele de ligação entre os anseios de nossa sublime Ordem e a forma com que devemos agir na sociedade profana.

O alto da Escada de Jacó, é um ideal, uma meta, para onde se caminha sem nunca realizar plenamente. Voltemos os olhos para esse horizonte utópico e avancemos. Parafraseando Fernando Pessoa: "Caminhar é preciso"



sensibilização

A AGML LANÇOU SEU PRIMEIRO LIVRO. LEIA-O!

Airton Batista de Andrade | Cadeira nº 26

A AGML – Academia Goiânia Maçônica de Letras é uma instituição de cunho literário e linguístico, que reúne uma quantidade de membros efetivos e colaboradores que levam em consideração valores culturais, crenças, pressupostos, ritos, rituais, cerimônias, símbolos, histórias, lendas, arte, tabus, normas, costumes, tradições, dentre outros. Ela é como as demais academias associadas à erudição ou intelectualidade, obtida por meio da pesquisa e de estudos dos mais diferentes campos. Tudo isso relacionado à geração do conhecimento e do exercício do pensamento, que são valores

essenciais ao desenvolvimento da sociedade. Daí ser considerada importante na formação pessoal, moral e intelectual da pessoa e na sua capacidade de se relacionar com o próximo. "Hoje em dia, as academias são instituições educacionais, artísticas, desportivas, científicas, literárias, etc., vocacionadas para o ensino e aprendizagem e dinamizadora da arte, cultura, desporto e ciência", onde "educação e cultura são caminhos ideais para que uma nação se desenvolva".

Nossa AGML valoriza a cultura maçônica, não só goiana, mas universal e difunde a produção e o estudo de obras literárias e textos de grande

valor cultural no seio da sociedade. Seus acadêmicos publicam artigos no periódico "O Confrade", ministram palestras nas Lojas Maçônicas, participam de debates de interesse comunitário nas comunidades a eles vinculadas e efetuam lançamento de livros maçônicos e também não maçônicos.

A AGML lançou o seu primeiro livro em setembro/2022, em Goiânia, com o título de: Academia Goiana Maçônica de Letras – História e Antologia, organizado pelo atual presidente José Mariano Lopes Fonseca e com co-participação dos demais acadêmicos. Trata-se de um livro de grande utilidade para os estudiosos de maçonomia. É de fácil leitura e entendimento. João Guilherme C. Ribeiro, na revista Astréia, nº 44 de abr/dez 2019 comenta que o livro é o mais nobre instrumento para a evolução humana. "Tudo o que a humanidade sabe está nos livros". "Bibliotecas sempre foram fulcros de cultura e de progresso".

"A ponte entre as palavras, o som que representa e o seu significado,

tem algo de mágico para a compreensão e comunicação de um ser humano com outro. Essa ponte se consolida quando se lê! Quanto mais melhor!"

"Desprezada a leitura essa ponte se desfaz e esvai-se a capacidade de comunicar. Aprendizado e evolução são jogados fora, no lixo".

"O maçom tem o dever de se aperfeiçoar e instruir permanentemente para a construção de um mundo cada vez melhor. Para isso basta o compromisso com a leitura. Não se conforme em não ler, continue lendo! Na mídia inteligente a sua imaginação e criatividade estão livres, personagens e locais estão ao sabor de sua imaginação".

"Leia e releia um livro! Basta abrir e pronto, o livro se liga imediatamente a você!"

Extraído da Revista Astréia. Disponível em: <<http://stodi.com.br/filosofia>>



artigo

TALENTO: O QUE VOCÊ TEM FEITO COM O SEU?

Francisco Feitosa | Colaborador

A facilidade com que se aprende ou executa determinado tipo de atividade, ou seja, a predisposição para realizar bem alguma coisa, chamamos de "Talento". No conceito moderno, a palavra "Talento" passou a ser aplicada como adjetivo para uma pessoa que realiza determinadas ações de forma primorosa, extraordinária, com brilhantismo, com maestria.

A palavra tem sua origem no latim "talentum", cujo significado é "inclinação, desejo de fazer, de conquistar". No hebraico, a acepção mais clássica de talento era medida de peso. Usada no Egito, na Babilônia, em Israel, na Grécia e em Roma, aparece como "kikkor", no texto hebraico da Bíblia, significando "redondo", para uma unidade de peso. O termo que, segundo o "Webster's Etimológico", foi traduzido para o grego como "talanton", e assim, aparece na septuaginta (a primeira tradução da Bíblia do hebraico para o grego, por 70 tradutores), com o sentido de "pesagem, soma, quantia de dinheiro".

Na Vulgata, tradução latina da Bíblia feita por São Jerônimo (340-420 d.C.), que foi declarada a versão oficial da Igreja romana pelo Concílio de Trento, passou, então, a ser "Talentum", com o sentido de "dom individual", citado na parábola, em Mateus 25:14-30, que ensina que os presentes não devem ser enterrados e sim postos a circular, usados para gerar frutos.

No Novo Testamento, o talento aparece como a maior unidade monetária, equivalendo a cerca de 30 a 35 quilos de prata, e valia cerca de 6000 denários. O estudioso bíblico John R. Donovan relata que um único talento era equivalente ao salário de 15 anos de um trabalhador comum. Em comparação aos dias atuais, um único talento de ouro, responderia a algo próximo a 60 mil reais! Assim, um talento, para os romanos ou para sua empresa, era algo de imenso valor.

Em 1991, o ator, palhaço e empreendedor social Wellington Nogueira fundava uma organização sem fins lucrativos, que ganhou o mundo por seu trabalho altruístico – os Doutores da Alegria. Essa associação, que dispensa apresentações, atua em órgãos da saúde, culturais e de assistência social, levando a alegria e minimizando o sofrimento das pessoas.

Wellington que, em 1984, foi estudar na Academia Americana de Teatro Dramático e Musical de Nova Iorque, nos Estados Unidos, conheceu e fez parte do elenco "Big Apple Circus Clown Care Unit", fundada pelo ator e palhaço Michael Christensen, trazendo essa experiência para o Brasil e fazendo um trabalho primoroso há 32 anos.

Em 1994, Ruslan Gawriljuk, um violinista russo, recuperava-se de uma operação na válvula mitral, no HCor de São Paulo. Após sua alta, voltou ao hospital por vários anos, para tocar para os pacientes internados. Tais ações estimularam a diversos músicos, atores,

mágicos e contadores de histórias a levar um pouco de sua arte, voluntariamente, para amenizar o sofrimento alheio.

Um outro belo exemplo é o grupo de voluntários da ONG Amigos Pela Fé, que desenvolve o projeto "Canção do Bem", há 11 anos, sendo 4 deles, no Hospital de Caridade São Vicente de Paula, em Jundiá-SP; a orquestra de cordas, com o programa "Música nos Hospitais", em sua 7ª apresentação no Hospital de Clínicas da Unicamp; o médico cantor Franklin Capaverde, 42 anos, um apaixonado por música, que toca canções escolhidas pelos pacientes na UTI do Hospital Beneficência Portuguesa, na capital gaúcha; o Projeto Cantareiros, criado em 2007, no Rio de Janeiro, que leva música, alegria e calor humano aos internos de hospitais cariocas; e tantos outros!

O interesse por essas ações voluntárias cresceu tanto que, o Instituto Premier de Educação e Cultura, de São Paulo, criou o curso "Viver a Música – Formação para Músicos Atuantes em Instituições de Saúde", e que está em sua 7ª edição anual.

Não esquecer do belíssimo trabalho dos voluntários da CVV – Centro de Valorização da Vida, fundado em São Paulo, em 1962, que presta serviço voluntário e gratuito de apoio emocional e prevenção do suicídio para todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo e anonimato. Temos, também, os voluntários de organizações que cuidam de animais abandonados, de idosos que não têm parentes ou foram abandonados pelas famílias, etc. Enfim, são os mais variados e belos gestos de amor ao próximo!

A Parábola dos Talentos, em sua essência, relaciona-se em como utilizamos o dom da graça de Deus. Se nascemos ou desenvolvemos, ao longo de nossa vida, alguma aptidão que, também, serve ou nos serviu como fonte de renda, isso não foi por um simples acaso. Decerto que essa dádiva divina é parte de um plano maior em nossas vidas!

É certo que, somos espíritos habitando um corpo físico, adquirindo experiências e cumprindo um plano determinado pela Fonte Criadora. Precisamos melhor entender qual é a nossa "Missão de Alma" nesta existência terrena e nos conscientizarmos de que, antes de tudo, "Todos Somos Um!" À guisa do que dizia o poeta, que: "É impossível ser feliz sozinho!"

O homem se distanciou por demais de sua essência divina, investindo na ambição de poder e dinheiro, ignorando, cada vez mais, o seu propósito de vida. No mundo atual, crescem assustadoramente os casos de depressão e ansiedade, levando muitos a decisões extremas, como o suicídio. Um enorme percentual de pessoas, preocupadas, apenas, com seu umbigo, vivem a buscar uma tal "felicidade" fora, quando bastava olhar para dentro de si mesma.

Grande Bibliotecário do Supremo Conselho do Grau 33 do REAA da Maçonaria para a República Federativa do Brasil

A desculpa de falta de tempo para um trabalho voluntário se contradiz ao tempo perdido, que se dedicam a vasculhar a lata do lixo das redes sociais, simplesmente, para atender suas curiosidades. Se você acha que nasceu desprovido de talentos, o que acho impossível, reserve cinco minutos de seu tempo para ouvir a história de vida de alguém, que carece de uma atenção ou de um abraço. Talvez, essa pessoa esteja muito perto de você, ao seu lado; um colega de trabalho, um amigo do futebol ou, até mesmo, dentro de sua própria casa.

Pessoas que se dedicam a ajudar o próximo têm menos risco de desenvolver patologias como depressão e doenças cardíacas. Allan Luks, autor do livro "O Poder Curativo de Fazer o Bem: os benefícios espirituais e a saúde em ajudar os outros" (tradução do original), em pesquisa com 3 mil pessoas que realizam trabalhos voluntários, concluiu que atitudes solidárias trazem benefícios para a saúde física, mental e emocional. Os estudos identificaram uma relação direta entre fazer o bem e melhorar a própria saúde.

Adoro o artigo do escritor sul-mineiro Rubens Alves, intitulado "Escutatória", que nos alerta para a arte de escutar o próximo. Mais do que ouvir o outro, busque o silêncio de sua consciência e escute a si próprio. Converse com seu Eu Superior, seu Cristo Interno, no sentido de descobrir sua Missão de Alma!

Todos queremos um mundo melhor, principalmente nos dias difíceis que estamos vivendo. Porém, se cruzarmos os braços e depositarmos a culpa nos políticos, nada vai melhorar, muito pelo contrário. Não, por um acaso, nascemos em um determinado país, em uma determinada família e em um determinado momento.

Como conceito de vida, adotei as sábias palavras de Ghandi, quando ele disse: "Seja você a transformação que você quer ver no mundo!" Todos fomos agraciados com um ou mais talentos. Devemos, a princípio, ser gratos pela dádiva da vida, desenvolvermos nossos talentos e emprega-los como uma imprescindível ferramenta, a fim de cumprimos a missão que o Criador nos reservou nesse plano terreno.

Assim como no passado, hoje, o "talento" é uma moeda valiosíssima. Outra moeda de extremo valor é o nosso tempo. Se juntarmos um de nossos talentos com alguns minutinhos de nosso tempo para ajudar o próximo, poderemos iluminar o mundo, iluminando assim, a nós mesmos!

Enfim, o que você tem feito com seu talento? À guisa do que nos ensina a parábola bíblica, não enterre seus talentos. Faça-os circular. Gere frutos! Bem, eu estou seguindo a receita do parágrafo anterior, unindo o meu talento da escrita a um pouquinho do meu precioso tempo, e dedicando-os a despertar e a conscientizar meus leitores a sair da Matrix do egoísmo, da falta de solidariedade e parar de reclamar do mundo.

Faça de seus talentos a ferramenta para a reconstrução de um mundo melhor! Atente para sua Missão de Alma! Até porque, a quem é muito dado, muito lhe será cobrado! Pense nisso!

E em se falando de Matrix... Indico um belo documentário recheado de grandes revelações, que está quebrando diversos paradigmas - Revelações da Nova Era: A Libertação da Humanidade.



saúde & psicologia

O PODER É EFÊMERO

Lindonor Ribeiro dos Santos | Colaborador

Pena que os insensatos vivem com tanta intensidade, que se inebriam com a cegueira do orgulho, sem atentar que esse falso triunfo, deixará rastros de irreversíveis de aversão, sobretudo naqueles que lhes eram próximos. Nunca deixe seu ego controlar sua vida. Você pode

fazer história que ficará para sempre na memória de todos, podendo ser positiva e ou negativa. Procure ser quem você é, e nunca deixe que o poder suba à sua cabeça(mente) para menosprezar os outros.

A história viva tem nos mostrado que quando uma pessoa se

torna poder, ela quer sobremaneira demonstrar isso na prática, ser vista como todo poderoso e isso o transforma num ser insuportável provocando rompimentos sociais e institucionais. Não interessa qual é o tipo de poder você assuma, o importante é se valorizar pelo bom companheirismo e respeito à dignidade do outro. Mudando até mesmo sua característica básica de vida em nome de um poder que passa.

Busque ser líder e com o poder inspirador, respeitoso e acima de tudo com muita humildade. Ser humilde não afetará nenhum poder de responsabilidade e ou liderança, aliás poderá fazê-lo mais forte ainda do que sugere seu poder momentâneo.

Saiba procurar vivenciar os princípios da ética moral e filosófica do poder, isso o levará a instâncias magníficas da vida cotidiana. Lembre-se a estrada é curta e a sua história poderá ser longa e só depende de você mesmo construí-la. Lembre-se também que uma pessoa vaidosa e orgulhosa, nunca alcança seus objetivos genuínos e se torna uma pessoa desprezível, principalmente quando se transforma pelo poder.

O Cristo nos ensinou sempre com o seu amor inconfundível que para servir não precisa de poder e sim de sua autoridade, pense nisso e reflitam, o que é bom para todos nós. A vida é passageira o seu legado será sempre bem lembrado, construa sua arca do amor!



artigo

TIRADENTES UM MAÇOM, AINDA QUE TARDIO – II

Carlos A. Barros de Castro | Cadeira nº 33 / Contribuição*

À insatisfação com a carreira militar, Tiradentes somava as novas ideias absorvidas. Passou a frequentar a biblioteca do cônego Luís Vieira da Silva, e, ali conheceu as teses dos franceses Rousseau, Montesquieu e outros iluministas, que secundavam o pensamento do inglês John Locke. Ao retornar a Vila Rica, aproveitou a ocasião para fazer propaganda sobre os planos que havia idealizado. Procurou os companheiros que compartilhavam de seu pensamento e, daí em diante, foi se formando, assim, a ideia da Conspiração Mineira. Os principais elementos contatados foram: Francisco de Paula Freire de Andrade (chefe da Força Pública), Dr. Álvares Maciel, Dr. Inácio José de Alvarenga Peixoto, Desembargador Thomas Antonio Gonzaga (que viria ser o chefe do golpe), Padre Carlos Correia de Toledo, Padre José de Oliveira Rolim, Cláudio Manoel da Costa, Cônego TIRADENTES – Um Maçom, Ainda Que Tardio...

Luís Vieira da Silva, Joaquim Silvério dos Reis, este, contra a vontade de Tiradentes que o considerava um homem falso e sem caráter, fato provado mais tarde tendo sido traidor dos incondidentes. Havia outros mais e todos considerados homens íntegros e de valor. Presume-se que havia Maçons entre eles. A estratégia, elaborada pelo grupo, previa o levante para o dia que se anunciasse a derrama, isto é, no dia da cobrança dos impostos.

Certo de ter deixado semeado a ideia do movimento e muito animado com a ajuda que estava recebendo dos companheiros, Tiradentes volta para o Rio de Janeiro acompanhado apenas de um mulato, seu escravo. Sua intenção era de manter-se atualizado sobre as informações que vinham do exterior, recebendo

orientações para retransmiti-las para os confrades do seu grupo em Vila Rica.

Em março de 1789, Joaquim Silvério dos Reis compareceu ao Palácio da Cachoeira do Campo, residência do Visconde de Barbacena (Luís Furtado de Mendonça 1754-1830), governador da Capitania e se torna o primeiro delator da conspiração. Logo em seguida apareceram outros delatores: Cel. Basílio de Brito Malheiro do Lago e o mestre de Campo, Inácio Correa Pamplona. O governo, entretanto, exigiu de todos que fizessem a denúncia por escrito. E assim foi feito!

Fato pouco mencionado nisso tudo, é sobre a personagem desconhecida: o



Embuçado. Foi uma pessoa que, quando Barbacena descobriu o golpe, saiu, na calada da noite, envolto num balandru negro com capuz que lhe cobria o rosto, batendo de porta em porta ou nas janelas de casas dos membros do movimento avisando aos incondidentes para que fugissem, pois o plano havia sido descoberto. Nunca se soube quem era o Embuçado. Atitude puramente de Maçom, pois, ao bater nas portas e nas janelas empregava um sinal convencional para depois dar a senha secreta pré-estabelecida, provavelmente, na Loja Maçônica. (Alguns pesquisadores afirmam ser "UAI", a palavra secreta, que era as iniciais de União, Amor e Independência; posteriormente, "UAI", acabou virando expressão entre o povo das Alterosas.) Vários incondidentes conseguiram escapar, mas Barbacena sabia muito bem como encontrá-los, com a ajuda dos traidores.

Com o plano revelado, a primeira providência do governador foi suspender a derrama com o objetivo de retardar o levante. Quando Tiradentes chegou ao Rio de Janeiro percebeu que estava sendo vigiado, e, desesperado, via correr o tempo sem nenhum sinal do levante em Minas Gerais. Procurou, então, esconder-se e tentar encontrar um meio de chegar a Vila Rica. Mas foi descoberto! O próprio delator, Joaquim Silvério dos Reis, o deteve e entregou ao Vice-Rei, Dom Luís de Vasconcelos.

O processo, contra a conspiração, durou cerca de três anos até se formular a sentença condenatória. Durante os interrogatórios Tiradentes sempre reivindicou para si a exclusiva culpa pela iniciativa da sedição, inocentando todos

*Excerto de texto extraído de publicação "Tiradentes um maçom, ainda que tardio", de autoria de E. figueiredo.

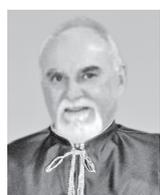
(Continua na próxima edição...)



seus companheiros de outros crimes que não fosse o de ouvir suas ideias. Um atitude, tipicamente, de Maçom!

Outro indício, nos interrogatórios, que faz pensar que Tiradentes era Maçom, ao ser perguntado sobre o significado do triângulo na bandeira dos incondidentes, ele respondeu "Sagrada Trindade" e não "Santíssima Trindade", detalhe que, supostamente, passou despercebido pelo escrivão.

Há, entre os pesquisadores e historiadores, um consenso muito forte da participação da Maçonaria na Conspiração Mineira e muitos que discordam dessa ingerência. As hipóteses vão desde o papel central na elaboração dos planos até a negação de sua influência na conjuração. Os que defendem que houve participação da Sublime Ordem, ressaltam que percebe-se o seu papel é percebido como importante elemento de ligação e comunicação dos incondidentes com grupos de apoio do Rio de Janeiro e Europa. Em contraponto, os que não acreditam, lembram que nos atos da devassa não há nenhum vestígio de ação, propriamente, Maçônica. Considerando o modus operandi da Sublime Ordem, das operações serem feitas em segredo, compreende-se.



educação & pós-graduação

HISTÓRIA E FILOSOFIA

Alexandre Avelino Giffoni Júnior | Cadeira nº 12

A Academia Goiana Maçônica de Letras - AGML e a Grande Secretaria de Cultural das Grandes Lojas do Estado de Goiás - GLEG promoveram reuniões, em agosto e setembro, com os Soberanos Grãos-Mestres da GLEG, do GOB-GO

e do GOG-COMAB com o objetivo de apresentar a implantação do Curso de Pós-Graduação "Maçonologia: História e Filosofia", chancelado pela Uninter, deu início a um ciclo de visitas institucionais junto às Potências Maçônicas sediadas

A Academia Goiana Maçônica de Letras representa a UNINTER no Curso de Pós-Graduação em Maçonologia

nesta municipalidade. Além do convênio já assinado entre a UNINTER e a AGML (sua representante em Goiás) para o mencionado Curso de Pós-graduação em cultura maçônica, a Academia mostrou os projetos de cursos para Veneráveis, Vigilantes, Orador e Secretário de Lojas. Além disso, o Grande Secretário de Cultura explicou o lançamento de um concurso literário pela GLEG, cuja banca será formada por acadêmicos da AGML. O resultado será divulgado no dia 05/11, Dia Nacional da Cultura, em homenagem a Rui Barbosa.

Os Grãos-Mestres apoiaram o projeto, colocando-se à disposição para participar de todos os projetos da AGML e "qualquer iniciativa no âmbito da ampliação do conhecimento intelectual de seus membros e da família maçônica". O referido Curso de Especialização em Maçonologia com o seu Programa será lançado na Assembleia Geral das GLEG, no dia 30 de setembro de 2023.

<https://agml.com.br/>

The screenshot shows the website for the Academia Goiana Maçônica de Letras (AGML). The main banner features the text "PÓS-GRADUAÇÃO Maçonologia: História e Filosofia A DISTÂNCIA" and the UNINTER logo. Below the banner, there is a navigation menu with options like HOME, AGML, DOCUMENTOS, PUBLICAÇÕES, NOTÍCIAS, MÍDIAS, and CONTATO. A search bar is visible at the top right. The bottom of the page includes a "Saiba mais" button and several logos of affiliated organizations.



ciência & saúde

O CORPO FALA NO CALOR EXTREMO

Bráulio Brasil | Colaborador, Fisioterapeuta Intensivo e Gestor em saúde

O Brasil tem passado por ondas de calor advindas do bloqueio atmosférico que surgiu no final do inverno e começo da primavera, onde a tendência é que as temperaturas extremas continuem, ao menos no final de setembro e início de outubro.

Em Goiás, sentimos este calor extremo e pode levar ao estresse térmico em grande parte da população. O estresse térmico é definido por condições climáticas que fazem com que a temperatura corporal aumente e não consiga manter-se nos 36,5°C, ideal para o organismo humano. Se considerarmos a baixa umidade do ar e baixos ventos, comum em nosso estado, tem relação direta com problemas de saúde.

Neste alerta vermelho o corpo fala, sinais como: fadiga e cansaço, sede, sudorese, dor de cabeça e pele avermelhada; Levando ao indivíduo uma preocupação com a sua saúde e como aliviar e tratar do calor extremo.

A forma mais grave deste calor, leva à sintomas como: tontura forte, sensação de desmaio, queda forte da pressão arterial e aumento expressivo da frequência cardíaca (acima de 100 batimentos por segundo em repouso). Segundo especialistas, devem ser enfatizados para o auto cuidado ao calor extremo, algumas recomendações essenciais. Vamos lá?

Beber água é muito importante, mesmo sem sede, manter aquela garrafinha de água por perto, incentiva os 2 litros recomendados por dia. Vale a dica!

A desidratação atinge o corpo por diversas frentes além da sede, podendo ser sentida também em mucosas como a do nariz e na pele. Por este motivo, as vias nasais também

podem ser hidratadas, com soro fisiológico por exemplo. Já para a pele, ajudam compressas com pano umedecido, banhos e cremes hidratantes.

Para a proteção da pele os filtros solares são essenciais. Inclusive para reduzir os riscos da evolução de doenças como o melanoma e outros tipos de câncer de pele. Os protetores devem ter fator 30 e serem repostos na pele a cada duas horas, para que não percam o efeito, segundo os especialistas.

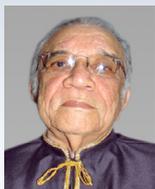
Fique atento a exposição solar, a recomendação tem hora. Portanto, evitar a exposição ao sol, aproximadamente, das 10h da manhã até as 16h ou 17h, no fim da tarde, período em que o calor fica mais intenso. Lembra do boné, chapéu, guarda-sol ou sombrinha, junto com o protetor solar faz toda diferença na sua saúde.

Por fim, a alimentação pode contribuir muito para seu dia ser mais confortável, as refeições devem ser leves, feitas em quantidades menores e com intervalos mais curtos, a cada duas horas, o que ajuda a não pesar a digestão. Cuidado com refeições pesadas e gordurosas podem piorar seu dia.

As bebidas alcoólicas, no geral, colaboram para acelerar a desidratação, e devem ser consumidas de maneira moderada e sempre intercaladas com água. Embora a combinação entre calor e cerveja seja muito atraente, evite os excessos.

A onda de calor tende a permanecer nos próximos anos, podendo aumentar o risco em especial nas crianças e nos idosos, que merecem toda atenção.

Saber lidar com o corpo não é fácil, mas ele dá sinais para ser cuidado por você. O calor extremo deve toda atenção.



crônica

A MORTE DO COLIBRI

Getúlio Targino Lima | Cadeira nº 13

Abriu com gosto a porta de entrada do sobradinho, na parte inferior. O sol esplendia naquela manhã, no pequeno imóvel rural onde passava os fins de semana, admirando as árvores, as flores, a água, a natureza, enfim.

Como a edificação ficava fechada a semana inteira, ele foi abrindo todas as janelas todos os vitrais para a entrada dos raios solares e do ar, tão propícios, principalmente no período da manhã.

Olhou as camas, o televisor, o frigorífico, as poltronas e a mesinha de centro. Tudo estava em ordem. Partiu, então, para o banheiro.

Mas ao abrir a porta seus olhos pararam num pequeno volume, encostado na parede de em torno do chuveiro. Numa primeira vista suspeitou. Numa segunda olhadela, aproximando-se, parou, estarelecido: era uma pequena ave morta. Um pequenino colibri.

Olhando ao redor, logo entendeu o que acontecera. Num dos vitrais, um pequeno pedaço de vidro quebrado.

A conclusão foi óbvia: a ave entrou por aquela abertura, voara por todo o cômodo, mas não encontrara a saída. Cansada dos seus quase mil batimentos cardíacos por minuto, já à noite, caíra no chão, faminta e sedenta e adormecera.

Segundo se sabe, quando um colibri adormece, seus batimentos caem para menos de cinquenta. Por isto, quando acorda, precisa de muito ar e o inspira pelo bico alongado, produzindo um barulhinho diferente e especial que alguns até atribuiriam ser o seu pequeno roncar.

Mas, pulmões cheios, tem que voar, visitar as inúmeras e diversas flores de seu jardim, para se alimentar. Mas como faria isto, preso naquela compartimento de humanos?

Pensou no desespero da avezinha. Não sabia quantos dias durara a sua agonia, mas o certo é que morrera de sede e de fome e agora, jazia ali, endurecido pela rigidez da morte.

Foi como se um pedaço de si tivesse sido retirado, cirurgicamente, de modo que não se sentia, mais, completo.

Amava as avezinhas e a morte do colibri, naquelas condições, o comoveu demais.

O exercício da liberdade e a curiosidade despreocupada levaram a avezinha que coloria o sítio à morte. E que morte!

Passado o momento de estupor, entrou a meditar sobre aquele acontecimento, aparentemente tão simples e, talvez, até corriqueiro, mas que se lhe afigurava singular e emblemático pelo modo como se dera. Colibris morrem todo dia, mas a seu tempo, segundo

as leis próprias da natureza. Aquele pequenino cujo frágil corpo tinha em suas mãos provocara que as implacáveis leis naturais se aplicassem mais cedo do que se esperava.

E conjecturou que somos, todos nós, na verdade, em relação à terra, para não dizer ao universo, nada mais nada menos que pequeninos colibris;

É certo que nos vemos poderosos leões, tigres ou rinocerontes, mas somos mesmo apenas frágeis colibris.

É-nos concedida a liberdade, que precisamos saber usar em termos e com a devida responsabilidade. A mera curiosidade, por exemplo, não deve ser a razão única de nossos comportamentos e decisões. É certo que a curiosidade foi a mãe de muitas descobertas, mas tem que ser usada com regimento, e na direção certa.

Quantas vezes se ouve de pessoas escravas de certos vícios ou padecentes de certos e graves males físicos que chegaram aquele estado porque houve uma primeira vez, em que a força motriz se chamou curiosidade? A pequena passagem por onde entrara o colibri certamente serviria para sua saída, mas depois de tanto voltear não sabia mais por onde entrara. Logo, não encontrara a saída.

Quantas vezes entramos em situações absolutamente desnecessárias e perigosas e para acharmos a saída penamos?

O espaçoso ambiente pareceu ao colibri, certamente, com ar suficiente para sua perfeita sobrevivência, mas e a água? E a comida?

Naquele cômodo fechado, não deu pra sobreviver.

Na terra há muitos desses cômodos fechados: dinheiro fácil, vaidade excessiva, amor próprio exacerbado;

Quando neles entramos, ainda que apenas por curiosidade, só para experimentar, a primeira coisa que acontece é que a porta por onde entramos se fecha às nossas costas.

Fica difícil abri-la para sairmos; E voamos, e voamos, e voamos até a exaustão. E nos afligimos ou nos enganam até à morte. A vida é simples, mas nossas imprudências e inconseqüências a tornam grave e perigosa.

Mistificamos o sagrado e sacralizamos o profano, como se nossas mil pulsações jamais parassem, esquecidos da lição dos antigos de que a máxima sofisticação se chama simplicidade.




galeria poética
**A OFICINA**

Adilson Zotovici
Colaborador

Vejo como um sacrilégio
Tornar ausência rotina
Onde reúne um colégio
Por excelência "a oficina"

Um lugar mágico, régio
Só ao bem tende e se destina
De bons artesãos, egrégio
O que se aprende se ensina

Por maço e cinzel a doutrina
O saber não se procrastina
Jamais fiel ao sortilégio

Que à perfeição se obstina
Onde a mente se ilumina
A iniciação...privilégio !

**ERA UM ARBUSTO**

Anderson Lima da Silveira
Cadeira nº 02

Quando demos por sua falta, um
desconforto nos assaltou...
Quando o procuramos, já não estava
mais entre nós!

Os mais próximos se reuniram, movidos
por doce esperança...
Inspirados por sublimes virtudes,
deitaram rigorosa procura

Por mais de uma vez, nada se pode
encontrar...
Em mais um esforço conjunto, a
caminhada findou seu destino

O silêncio cumpriu seu papel,
germinando a semente noturna...
Eis que à sombra de frondosa copa,
vimos nascer a meridiana viúva.

**O CÃO**

Antônio Victor | Colaborador

Nas amarras dos meus versos
as palavras ficarão
atadas, quais bichos brabos,
prontas para me engolir.

Derrubarei as palavras,
sojigarei uma a uma,
qual fossem touro selvagem
em duro embate comigo.

Comigo trago a espada
e trago o pano vermelho.
Desafiarei na arena
a indomável palavra.

E ao final do combate,
do sanguinário duelo,
os dois, tombados, vencidos,
cairemos sobre a areia.

Sobre a areia, aquiescidos,
cansados e ofegantes,
meio inimigos e amantes
nos abraçaremos, tontos,
num abraço cúmplice, trágico,
e eternamente rival.

**FLORES NO CHÃO**

Getúlio Targino Lima
Cadeira nº 13

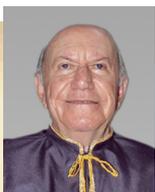
Flores no chão,
Caídas
Mas viçosas,
Ainda,
Espalhadas na estrada,
Nos caminhos,
Em meio a terra,
Rodeadas de espinhos.

Flores no chão,
Como se não servissem...
Mas são tapetes
De cor,
De beleza,
De amor.

São mudança
De morte
Em vida
E de vida
Em evolução.

Flores, mesmo no chão,
São flores.
Sempre serão.





**ANGUSTIANTE
APELO**

Castro Filho

Cadeira nº 14

Nada mais triste que praia com chuva.
Ou escola sem alunos, rio sem água,
noite plúmbea, sem luz...
Tal me sinto, quando estás distante.

És o sol que me ilumina a vida,
tão sofrida!
O sorriso que me alegra a existência,
de tanta carência!

Tua voz é o murmúrio
das águas cálidas de um rio,
por onde, cansados, navegam
meus pensamentos vazios.

Que tormento!
Ficar distante, longe do brilho,
qual diamante,
desses teus olhos
verdes, encantadores!

Quando não estás por perto,
tua ausência me faz muito infeliz.
É como se eu vivesse, solitário,
padecendo num sombrio deserto!

Por isso, te peço, te imploro:
aquece-me com teu calor,
alegra-me com teu sorriso,
Por favor, fica comigo, te adoro!



DA GENTILEZA

João Batista da Silva Paiva
Colaborador

É, quando eu conto com você
Sei que é mais um a ouvir-me
_Sei, Obrigado, não há de quê
Sua disposição nunca vai falir
Considero sua a boa Atenção
Que poderia até dizer-me Não
Dependendo o grau de amizade
Sei lá, pode ser o da Irmandade
Não exige de mim nada!
Mas, é você que acaba
Doando o que mais é de bem
De coração limpo e pura ação
E que nessas horas, também
Fico grato pela consideração
E, assim, é que toda Graça
Gera tão bondosa Gentileza
E brota em nossa Natureza
O Oportuno, na Espontaneidade



**A FELICIDADE
MAÇÔNICA**

Glauber Rogeris Nunes | Colaborador

Em rotas de fuga, busquei refúgio
Tanto lá, quanto cá, densa atmosfera.
Respirando novo oxigênio, insisti
Horários, datas, agendas... imbróglgio
O tempo, tirano, sorri besta fera.

Sem corda, toque ou badalo, canta o relógio
Vale o que vejo, aparição... nova era.
Em confronto minoritário, resisti
Perfis, postagens, imagens... colóquio
Em guarda, rebelião... quem dera!

Tem gente caminhando lá fora, ordinário
Mas sobra sossego cá dentro, quimera
Quem tem a chave da porta? Inquiri
Ninguém, à todos cedi, arbitrário
Sufocado, quero me evadir... já era!



PERDIDO

Aidenor Aires

Cadeira nº 03

Feito para ser perdido,
Dei a este lugar.
casas derrubadas,
velas sem mar.
Conheci um dia uma ilha,
lá todos os os ventos tinham nome.
Porém, desta argus, desterro,
vim a este lugar.
Aqui gira eterno
catavento sem achar
o nome dos ventos
e das vidas
que ventam como em seco deserto
salso sonho de mar.

E o feito para ser perdido
foi só, por não se achar.



Educação & pós-graduação

UMA SÓ MAÇONARIA E UMA SÓ ACADEMIA

Flávio Roldão | Cadeira nº 11



Uma só Maçonaria! Academia Goiana Maçônica de Letras (AGML), em prol da divulgação do curso de Especialização “Maçonologia: História e Filosofia”, chancelado pela Uninter, deu início a um ciclo de visitas institucionais junto às Potências Maçônicas sediadas nesta municipalidade. A primeira Potência visitada foi a GLEG, momento no qual fizeram presentes os confrades Giffoni, Barros, Neri, Mariano e Flávio Roldão, assim como o anfitrião Sereníssimo Grão-Mestre Mário Martins, vide Figura 1.



Em ato contínuo, outra comitiva da AGML foi constituída para visitar o GOB-GO, estando presentes os confrades Adegmar, Fagundes, Absaí, Mariano e Flávio Roldão, os quais foram recebidos pelo Eminentíssimo Grão-Mestre Ari de Oliveira e Alex Wallace, vide Figura 2.



Em sua última dinâmica, a AGML fez presente junto ao GOG-COMAB, por meio dos confrades Flávio Roldão, Isaías, Absaí, Mariano e João Fagundes, os quais foram acolhidos pelo Eminentíssimo Grão-Mestre Abdala Hanna, vide Figura 3.



Nestes preciosos e profícuos encontros, a AGML pôde expor detalhes desta iniciativa, e as expectativas das contribuições projetadas em cada uma das Potências, no tocante à divulgação da oferta do referido curso, assim como pôde constatar o quão bom é que os irmãos vivam em união, pois uníssonas foram as manifestações de apoio colhidas junto à cada uma das Potências Irmãs visitadas. Ao fim, fica a certeza de que junto haveremos de potencializar os resultados das ações, gerando uma cadeia de união em prol do engrandecimento das ações encampadas por cada uma destas entidades.



memória

O BEM QUE O TRABALHO FAZ

Adolfo Ribeiro Valadares | (in memoriam)

A parceria entre o Centro Técnico de Desenvolvimento de Pessoal e a Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás poderá ser o diferencial na vida de milhares de trabalhadores que aspiram emprego e melhoria de vida. A formação de eletricitistas para suprir a necessidade de técnicos nessa área, poderá ser ampliada até mesmo para reeducandos do regime aberto do complexo prisional de Aparecida de Goiânia e para cidades-polo espalhadas pelo interior de Goiás.

O Diretor do CETEC, Walter Lopes Ferreira, mantém as turmas destinadas a formação de técnicos em construção, operação e manutenção de redes elétricas e vê na parceria com a Grande Loja Maçônica, o diferencial para facilitar a abertura de vagas e ampliação do trabalho para o interior. “Temos por princípio que é preciso ensinar o trabalho e de facilitar o acesso a esses cursos como forma de melhoria das pessoas”, explica.

Na estrutura montada na Vila São Pedro, em Aparecida de Goiânia, Walter possibilita até alojamento para alunos do interior que acorrem ao CETEC, para aprenderem a ser eletricitistas capacitados

e não mais os “curiosos” de antigamente que sofriam muito com choques e provocavam inúmeros curto circuitos para aprenderem. “Nossos técnicos saem capacitados e credenciados junto às concessionárias dentro de um rígido padrão de normas de segurança para operarem em qualquer sistema”, comenta.

Walter Lopes Ferreira traz na bagagem a experiência de mais de 30 anos como chefe de treinamento da CELG e tem no currículo a impressionante marca de mais de 15.000 eletricitistas formados sob seu comando. As exigências técnicas de concessionárias de energia elétrica como a CELG hoje são muito superiores do que há duas décadas. Hoje, até para financiar uma casa pelo Sistema Financeiro da Habitação, a instalação elétrica precisa ter sido feita por técnico especializado. É onde entram os eletricitistas formados por Walter.

Os aspirantes a eletricitistas recebem aulas teóricas e práticas até a exaustão, para não incorrerem em erros grosseiros com a eletricidade, porque corrente elétrica não perdoa quem a desafia. Segurança no trabalho uso de Equipamentos de Proteção Individual

(EPI), montagem correta de sistemas elétricos e outros quesitos fundamentais para a profissão de eletricitista são ministrados no curso e cobrados no exame para concessão do registro.

Atualmente há um contingente de 33 alunos internos fazendo o curso de capacitação técnica que dura em média 45 dias, dependendo do aproveitamento dos alunos e da classificação deles no exame final.

“A meta até o final de 2016 é formar 1.000 profissionais bem preparados e capacitados para suprir a falta que existe no mercado de trabalho”, comenta Walter Lopes. Ele tem uma meta mais ousada que acredita ser possível de atingir com a parceria com a Grande Loja Maçônica: transformar o curso técnico que existe hoje e toda a experiência na área para implantar um curso com certificação de ensino médio para diplomar os alunos e prepará-los para uma universidade.

No curso que atualmente é ministrado há até um estrangeiro dedicado e com vontade de superar desafios. O haitiano MilorgeMercredi tenta vencer a barreira da língua, os hábitos e costumes profissionais para se integrar à turma e se tornar eletricitista capacitado. Os professores relatam sua disciplina e vontade em aprender com toda a dificuldade de idioma, práticas profissionais e outras dificuldades que ele tem de suplantar para aprender. Ele veio para o Brasil inspirado no Contingente de Paz que o Exército Brasileiro mantém no país caribenho.

PARCERIA QUE DÁ CERTO

Em uma preleção aos alunos o Grão-Mestre da Grande Loja Maçônica de Goiás, Adolfo Ribeiro Valadares, exortou os candidatos a eletricitista técnico capacitado que aproveitem ao máximo os ensinamentos e que se dediquem ao bom ofício. “Sendo um bom profissional nunca lhe faltará trabalho e portas abertas”, frisou. A tentativa será utilizar a estrutura que a Grande Loja Maçônica tem nas cidades do interior para encaminhar aspirantes a eletricitistas capacitados para trabalharem nas várias funções.

“Poderemos nos valer dos nossos irmãos pelo interior de Goiás para organizar cidades-polo onde possam ser levados os cursos de formação e possibilitar aos trabalhadores uma formação técnica adequada, de excelência e que faça o papel de promoção humana desses indivíduos”, frisa.

O bancário aposentado Divino Freitas, assessor do Grão-Mestre e um dos colaboradores nas ações de filantropia e formação profissional, revelou a intenção de levar um curso como esse, de capacitação profissional, para reeducandos do regime semi-aberto do Complexo Prisional de Aparecida de Goiânia. “Nossa meta é colaborar para a inserção social e profissional desses homens e mulheres que tentam voltar à vida com dignidade e precisam de apoio para não incorrerem no erro, nos vícios e no crime novamente”, finaliza.



educação&cidadania

O ENTRELAÇAMENTO DE EDUCAÇÃO, CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS – III

José Mariano Lopes Fonseca | Cadeira nº 06

Portanto, a trajetória de luta pelos direitos do homem atinge seu ápice em 1948, com a Declaração dos Direitos Humanos, visando o bem-estar dos povos e plena convivência solidária, procurando-se, dessa forma, atingir a paz mundial e reforçando o respeito a pessoa humana, a sua individualidade, a liberdade e a possibilidade de poder transformar o próprio ser e o universo que o rodeia. Diz o art. 1º: “Todos os homens são livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade” (Nunes, 1998, p. 38).

O desenvolvimento de todas essas ideias data de séculos em sociedades ocidentais específicas, mas referenciam a elaboração das concepções de cidadania em nosso século e em nossa sociedade. Compreende-se a cidadania enquanto uma categoria histórica, que possui um caráter dinâmico, em que às condições sócio-política-econômicas da sociedade revela avanços e dificuldades na sua construção. E assim deve ser compreendida em seus determinantes histórico-sociais, político-econômicos, culturais em suas mediações psicológicas (Nunes, 1998, p. 108).

A formulação de cidadania e dos direitos humanos é de origem burguesa, mas nem por isso se deve negar a sua importância, ainda que formal, no reconhecimento da igualdade entre os homens. Weffort (1981, p. 139) coloca que em termos formais a democracia moderna estendeu a igualdade e o direito de cidadania a todos, mas na prática não incorporou determinados segmentos; situa que o grande desafio é histórico e, portanto, continua na modernidade: “Como incorporará cidadania às pessoas economicamente dependentes?”. A categoria cidadania histórica e, portanto, dinâmica, tem sido uma categoria estratégica na luta social para ampliação de direitos e dos segmentos sujeitos de direitos e na própria reformulação de sua concepção. Zaluar (1994, p. 182) argumenta que: “se deve superar a concepção dividida de cidadania parcelada em direitos e deveres isolados – que a reduz aos direitos sociais e vê as desigualdades sociais apenas como diferenças materiais”.

Contrariamente à concepção de cidadania enquanto igualdade jurídica apenas, formulou-se no interior das lutas sociais pela integração de todos os segmentos da sociedade, à condição de cidadão, a concepção de cidadania como igualdade social, política, econômica, cultural. Nessa compreensão, há uma inversão da posição da pessoa, que passa de objeto de direitos a sujeito de direitos. O homem deixa de ser visto como um ser genérico, para ser concebido em sua concretude. Enquanto sujeito, deve sentir-se igual em direitos e deve participar do processo de conquista de seus direitos, da construção de sua cidadania. Percebe-se aí uma outra mudança, envolvendo a relação indivíduo-estado. Em relação aos deveres do homem, diz o art. 29 em seus incisos I e II:

I. Todo homem tem deveres para com a comunidade na qual o livre desenvolvimento de sua personalidade seja possível; II. No exercício de seus direitos e liberdade, todo homem estará sujeito apenas às limitações determinadas pela lei, exclusivamente com fim de assegurar o devido reconhecimento e respeito dos direitos e liberdades de outrem e de satisfazer às justas exigências

da moral, da ordem pública e do bem-estar de uma sociedade democrática (Nunes, op. cit.: p. 65-66).

DIREITOS HUMANOS

Conforme o ensinamento de Carvalho (1998, p. 47), “dizem-se humanos os direitos de que o indivíduo é titular só pela razão básica de pertencer ao gênero humano (...) referem-se a faculdades naturais, inatas, inalienáveis e imprescritíveis”. Os direitos humanos são caracterizados por sua universalidade, indivisibilidade e interdependência. Após um quarto de século da realização da primeira Conferência Mundial de Direitos, ocorrida em Teerã, em 1968, a Segunda Conferência, ocorrida em Viena, consagrou essas características dos direitos humanos no seu parágrafo 5º da Declaração e Programa de Ação de Viena, de 1993:

Todos os direitos humanos são universais, indivisíveis, interdependentes e inter-relacionados. A comunidade internacional deve tratar os direitos humanos de forma global, justa e equitativa, em pé de igualdade e com a mesma ênfase. Embora particularidades nacionais e regionais devam ser levadas em consideração, assim como diversos contextos históricos, cultural e religiosa, é dever dos Estados promover e proteger todos os direitos humanos e liberdades fundamentais seja quais forem seus sistemas políticos, econômicos e culturais (Mazzuoli, 2002, p. 54-55).

Os direitos humanos têm como característica a universalidade porque devem abranger todos os seres humanos, independente de nacionalidade, raça, credo ou cultura. São considerados indivisíveis porque não podem ser reduzidos a modo inferior, nem tomados separadamente, sob pena de serem diminuídos. A interdependência está intimamente relacionada com a indivisibilidade. Nesse sentido, os direitos humanos devem ser vistos como um todo.

Piovesan (2004), ao avaliar a universalidade e a indivisibilidade dos direitos humanos, pondera que estes elementos já não perfazem o conceito de direitos humanos satisfatoriamente, pois têm sido duramente questionados frente à realidade multicultural e a onda de relativização dos direitos sociais de segunda geração. Entretanto, a convenção supracitada corrobora a visão universalista, defendida pelas nações ocidentais, segundo a qual, a diversidade cultural (relativismo) não pode ser invocada para justificar violações aos direitos humanos.

Ciente da necessidade de aperfeiçoar o mencionado conceito, Lopes (2008) propõe a seguinte definição:

Caminho mais adequado parece-nos ser a compreensão das normas de direito humanos como aquelas necessárias à garantia da vivência digna, do desenvolvimento e da continuidade existencial dos seres humanos e da humanidade (...) Vemos assim, os direitos humanos como os básicos, necessários e de interesse comum de todos os seres do globo e que representam os fins legitimadores não só do Estado, mas de toda organização humana: a busca da coexistência entre os homens, da liberdade possível dos indivíduos, do desenvolvimento pessoal e coletivo, do respeito à dignidade de cada um, da perpetuação da espécie e dos valores humanos.

A ideia de direitos humanos remonta à Antiguidade, sendo apreendidos como direitos inerentes à natureza

humana. Defendidos pelos jusnaturalistas, foram aos poucos sendo incluídos no corpo normativo constitucional dos Estados. A luta pela limitação dos poderes dos soberanos, cujo maior expoente foi a Revolução Francesa, teve o mérito de dar maior segurança aos cidadãos detentores desses direitos, que passaram a contar com a garantia legal. A concepção moderna dos direitos Humanos nasceu com sua positivação, através das revoluções liberais na Inglaterra, França e Estados Unidos (Revolução Americana). Sua obrigatoriedade no plano internacional vem com a aprovação da Carta da Onu.

O marco da busca da população por maiores garantias de respeito aos seus direitos reside na Magna Carta de 1215. Nela foram reconhecidos, por João sem Terra, vários direitos individuais, principalmente o de não ser privado da liberdade da propriedade sem o devido processo legal (julgamento por seus pares).

Os direitos humanos são enquadrados em três categorias, que coincidem com a evolução de sua defesa: os direitos civis e políticos foram os primeiros a serem invocados, principalmente pelos iluministas, por isso são chamados de direitos de primeira geração. Alcançado o sufrágio universal, era preciso garantir a igualdade também no plano social e material, através do reconhecimento dos direitos de segunda geração, que são os direitos sociais, econômicos e culturais. Os direitos de terceira geração confirmam a adoção de um paradigma de transindividualidade e são chamados de direitos de solidariedade, dos quais são exemplos os direitos à paz, ao desenvolvimento, a um meio-ambiente saudável, à comunicação.

O Centro da União, “a maçonaria universal tem por missão reunir as boas-vontades esparsas no universo. Os maçons do Grande Oriente de França dão à fraternidade que os une e a todos os outros maçons do mundo um senso profundo de respeito, de estima e de afeição recíprocas, superando as divergências de opinião ou as diferenças de condição social, na igualdade completa dos direitos de cada um”.

Por fim, o processo de ensino e aprendizagem muito mais do que anos de egoísmo e de recusa ao outro. Modificar as Fraternidades plurais comprometidas pelo processo que assolam a nação, aquelas onde se encontram e são vistas pelo mundo profano, por uma fraternidade abre caminhos para a liberdade e igualdade bem singular, ou seja, aquela que permite a nós, maçons e a maçonaria, a busca da verdade e a práticas sociais estabelecidas entre a Educação, Cidadania e Direitos Humanos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaca-se que a educação para a cidadania e direitos humanos não define somente a condição do cidadão diante do Estado, como sujeito de direitos e não como um pedinte. Já que esta educação leva o indivíduo a entender que ele tem o direito a reivindicar. No entanto, a melhor forma para fazê-la é a organização dos cidadãos não para substituir o Estado e sim para fazê-lo funcionar em benefício de toda a sociedade.

Neste aspecto, a educação, a cidadania e direitos humanos constituem-se em instrumento fundamentais para tornar o educando sujeito de sua história de vida e não marionetes nas mãos do Estado como também da elite. Uma vez que, a educação. Voltada, para a cidadania contribui para o aluno ser consciente de seus direitos e deveres, a luta por garantias de uma vida melhor, a questionar decisões, a exigir respeito para ser um cidadão.

Por fim, nessa relação, à maçonaria tem por dever estender a todos os membros da humanidade, os laços fraternais que unem os maçons sobre toda a superfície do globo por meio das ações de solidariedade e a ajuda mútua em conformidade com a Ordem e as grandes regras que devem ser exercitadas com discernimento dentro da sociedade.



João Batista Fagundes Filho
OAB/GO 14.295
fagundesadvgo@gmail.com

62. 3215-2293

Rua 10 nº 250, Sala 302 - Ed. Trade Center
CEP 74120-020 - Setor Oeste - Goiânia-GO



ENI CABRAL & G. MARTINS FERRO S/C ADVOCACIA
OAB-GO 35

Eni Cabral
ADVOCADO

Rua 10 nº 238 - Edifício Jotabrado - Sala 602
Setor Oeste - CEP 74120-020 - Goiânia - Goiás

Fone: (62) 3215-1973
Fax: 3215-1838
e-mail: enicabral@terra.com.br



opinião

O PROCESSO DA COMUNICAÇÃO: COMUNICAR É GERAR AÇÃO

Michael Winetzki | Colaborador

Empresas, organizações (como a maçonaria) e profissionais tem a necessidade cada vez maior de inovar, ampliar horizontes, expandir fronteiras e mercados, para participarem do processo de acirrada competição que caracteriza essa nova era de globalização e comunicações virtuais.

Novas ideias são criadas a cada momento em todos os setores da atividade humana e sua aplicação tem possibilitado a melhoria das condições de vida de pessoas e de países, quer na atividade empresarial, quer no trabalho voluntário como o desenvolvido por clubes de serviço e ONGs, ou na nossa Ordem.

Mas boas ideias de nada valem se não puderem ser transmitidas de maneira interessante, objetiva, precisa e clara. Isto demanda a habilidade de COMUNICAR.

O processo de comunicação é fundamental na transmissão das ideias e na mobilização de pessoas. Além disso, quem transmite suas ideias de forma

articulada, eloquente e objetiva adquire respeitabilidade e credibilidade, valorizando-se profissionalmente, destacando-se em seu meio.

Aristóteles ensina que a retórica (a arte da oratória) tem por finalidade persuadir, convencer. Levar o interlocutor, a aderir às ideias de quem fala através de argumentos plausíveis e verossímeis, embalados numa linda mensagem (eloquência).

Há, entretanto, diferença entre eloquência e retórica. Eloquência é o dom, a arte ou no dizer de Ruy: – “é o privilégio divino da palavra na sua expressão mais fina, mais natural, mais bela. É a evidência alada, a inspiração resplandecente, a convicção eletrizada...” ele próprio o maior exemplo brasileiro de eloquência. Já retórica é ciência, é o conjunto de regras concernentes à eloquência, ou segundo o mesmo Ruy: – “é o esforço...para suprir a eloquência dos que não a tem...” (Ruy Barbosa, discurso na OAB, 1911)

Quem fala busca a mente e o coração do ouvinte para levá-lo a um novo patamar de compreensão mesmo quando executa um papel social tal como professor, executivo, especialista, ou transmissor de alguma informação oportuna ou importante, ou seja, o conteúdo da fala apresenta sempre um propósito, motivar, transmitir informações, expor ideias, ensinar técnicas ou vender produtos ou serviços. Comunicar não é simplesmente falar. Comunicar é gerar ação através da linguagem e mensagem.

Para que ocorra a interação esperada entre o orador e a assistência, alguns requisitos devem ser preenchidos ou controlados, tais como a influência de condições externas (som, multimídia) ou psicológicas (nervosismo, tensão, ansiedade) mas, principalmente, o código da linguagem entre o emissor e o receptor deve ser comum a ambos.

Não adianta fazer a melhor palestra do mundo em alemão perfeito, se a plateia só entende português. Houve emissão porque efetivamente se falou; houve recepção porque todos ouviram, mas não houve comunicação porque o meio, ou a linguagem, não era inteligível. Não apenas a linguagem deve ser comum, mas é necessário que os códigos de linguagem entre receptor e emissor possam ser percebidos da mesma forma por ambas as partes.

Por exemplo: “Galo massacra o Diabo Rubro no Brinco da Princesa” – é uma frase só entendida por um fanático pelo futebol, ao passo que: “vamos realizar uma nefrectomia radical” dificilmente será compreendida por quem não é médico.

Por isso, ao falar para grupos heterogêneos, evite na medida do possível o jargão profissional, que só é aceitável, e até desejável, quando se fala para grupos específicos. Falar em público envolve também certo grau de imprevisibilidade e requer criatividade em função de determinadas condições não controláveis como perguntas ao orador, auditório hostil, fatos supervenientes, lapsos de memória e outros.

“Baseado no livro *“Falando e Convencendo, um manual de oratória e persuasão de Michael Winetzki, cap. 2.”*



artigo

A DEPENDÊNCIA QUÍMICA

Milton de Souza | Colaborador

Há trinta anos, enquanto trabalhava em uma grande empresa, tive a oportunidade de conhecer um colega de trabalho que, devido à sua orientação sexual, enfrentava o preconceito da sociedade, agindo timidamente.

No entanto, era um talentoso desenhista que encontrava refúgio na arte durante sua jornada no mundo corporativo. Certa vez, fui incumbido de realizar uma palestra sobre Dependência Química e Drogas em uma casa espírita e, inesperadamente, meu colega ofereceu-se para criar um cartaz para ilustrar o evento. A partir da história que compartilhei com ele, ele desenhou uma imagem que retratava de forma impactante o universo do dependente químico. Agora, gostaria de explorar esse desenho e refletir sobre o seu significado.

Descrição do desenho

No desenho, o colega capturou a essência da realidade dos dependentes químicos em uma imagem impressionante e cheia de simbolismo. No centro, o planeta Terra é retratado, acorrentado, demonstrando que a dependência química aprisiona aqueles que a experimentam. Ao fundo, outros planetas giram em um belo movimento cósmico, representando a vida em harmonia que muitos desfrutam, ao passo que o dependente químico está isolado e desconectado dessas experiências. Na parte inferior do desenho, a terra parece derreter, exalando uma sensação de caos e desespero.

As gotas de lama que caem retratam a contínua e destrutiva queda do dependente químico em sua espiral descendente. Essa lama, ao se acumular em uma superfície parecida com a lunar, cobre e soterra uma pessoa, provavelmente



o usuário. Somente as mãos e o crânio emergem dessa superficialidade, simbolizando as partes fundamentais do ser humano que permanecem visíveis apesar da destruição causada pelo abuso de drogas.

O desenho também apresenta símbolos de objetos associados ao vício, como garrafas quebradas e seringas, que representam a autodestruição e a busca contínua por uma fuga ilusória da realidade. No meio desse caos, um olho solto na terra pode representar a perda da identidade e do sentido de si mesmo que muitas vezes acompanham a dependência química.

Interpretação

Esse desenho evoca uma poderosa mensagem sobre as consequências físicas e emocionais da dependência química. Ele nos lembra que aqueles que sofrem com a adição estão em um mundo à parte, distante daqueles que vivem a plenitude de suas vidas. A corrente que prende o planeta mostra que

Uma jornada para além da realidade

a dependência química aprisiona seus seguidores em um ciclo infinito de auto-destruição, onde é difícil encontrar esperança ou uma maneira de escapar.

A figura humana parcialmente soterrada sublinha a perda de identidade que acompanha a dependência química. Ela faz com que a pessoa afundada em seu vício se torne praticamente irreconhecível, perdendo contato com sua essência verdadeira. A presença das garrafas quebradas e seringas sugere que a busca por alívio ou fuga através do consumo continuado de substâncias é uma armadilha perigosa, levando a um agravamento do sofrimento.

Conclusão

O desenho impactante do meu colega de trabalho nos permite entender a gravidade da dependência química e seu poder de aprisionamento. Ele representa o isolamento, a destruição e a perda de identidade que acompanham a jornada de um dependente químico. É um lembrete poderoso da importância de compreender, apoiar e tratar aqueles que lutam contra essa doença, buscando estender a mão e ajudá-los a encontrar um caminho de recuperação e redenção.

Início do processo

A dependência química pode começar de diferentes maneiras para cada indivíduo. Entretanto, geralmente se inicia com a exposição a uma determinada substância ou droga, que pode ser lícita (como o álcool e o tabaco) ou ilícita (como maconha, cocaína ou heroína).

A primeira experiência pode acontecer por diferentes motivos, como curiosidade, pressão social ou até mesmo por problemas emocionais. A partir daí, algumas pessoas desenvolvem uma sensação

de prazer e bem-estar ao consumir a substância, o que leva a repetir o uso.

À medida que o uso da substância continua, o corpo vai desenvolvendo uma tolerância, o que significa que é necessário consumir quantidades maiores para obter o mesmo efeito inicialmente sentido. Ao mesmo tempo, o cérebro também passa a depender da substância para liberar certos neurotransmissores que proporcionam a sensação de prazer.

Com o tempo, o uso contínuo da substância leva a mudanças físicas e químicas no cérebro, tornando-o cada vez mais dependente da droga. O indivíduo passa a sentir necessidade de consumir a substância não apenas para sentir prazer, mas também para evitar sintomas de abstinência, como ansiedade, irritabilidade e dores.

É importante ressaltar que cada pessoa reage diferentemente às drogas e nem todos que experimentam uma droga desenvolvem dependência química. Fatores genéticos, ambientais e psicossociais também podem influenciar o início e a evolução da dependência.

O maçom pode se tornar um dependente químico?

Sim, qualquer pessoa, incluindo maçons, pode se tornar dependente químico. Ser maçom não torna uma pessoa imune às dificuldades e desafios da vida. A dependência química pode afetar pessoas de diferentes origens, incluindo membros da comunidade maçônica. Se alguém está enfrentando esse problema, é importante buscar ajuda profissional e apoio para superar o vício. E tudo começa com o primeiro gole, primeiro copo, com a liberdade excessiva do uso do álcool por parte das próprias lojas: nas confraternizações, nas cerimônias de banquetes maçônicos durante e depois do evento ritualístico, em casa, nos ágapes, nos bares etc. Tudo começa com o primeiro copo ou com o primeiro gole. Além do mais, o uso de álcool e droga será sempre um mau exemplo dado pelo Maçom.



reflexão

CAMINHOS DE LUZ

Anestor Porfírio da Silva | Cadeira nº 32

As fontes instituidoras da Ordem Maçônica surgidas há séculos atrás, vêm atravessando um longo tempo sem deixar que a mencionada instituição perca a sua verdadeira e primitiva identidade, conferindo-lhe uniformidade universal, preservando-a, proporcionando-lhe consistência material e direcionando-a obstinadamente ao alcance de seus “fins supremos”. São dessas referidas fontes que se extraem vastos conceitos e inúmeras interpretações do que, de fato, se possa entender por maçonaria, na essência da própria palavra.

E mais, no meio de todo o seu enunciado, se faz presente um eficiente método de aperfeiçoamento que é utilizado como instrumento indispensável e necessário à formação maçônica ideal de seus adeptos. Como é notório, ditas fontes, que se constituem dos princípios, preceitos, fundamentos e de todo o ordenamento jurídico maçônico em vigor, recomendam a quem faça parte da mencionada instituição, a incondicional observância das regras de comportamento e de conduta fundamentadas na ética e nos bons costumes.

Veza por outra, tais regras são lembradas de modo sucinto por meio de frases de efeito como “ser maçom é ter sobre os ombros um pesado fardo”; “ser maçom é aceitar mais responsabilidades”; “ser maçom é estar disposto a acatar mudanças em relação aos padrões de comportamento recomendados pela maçonaria” e outras expressões semelhantes. Isto ocorre com frequência nas palavras de maçons mais antigos, que já galgaram alguns degraus de conhecimento dentro da Ordem, em ocasiões propícias com o intuito de esclarecer aos novos iniciados, de forma objetiva, que os empreendimentos da referida instituição são nada menos que uma obra monumental, inacabada, sem prazo determinado para ser concluída e cujos trabalhos demandam esforço e muita dedicação.

Sim, há uma razão de ser para tudo isso! Não se pode deixar de reconhecer na maçonaria seu poder, sua competência, seu preparo, seus méritos e a capacidade de seus membros, em cujas colunas ela se apóia mantendo-se como uma entidade de ações perenes, de

devoção às suas sublimes aspirações, e ainda ser, ao mesmo tempo, uma espécie de banco escolar que tem por fim transformar homens bons em célebres vultos benfeitores da humanidade. Incontestável esta afirmativa porque há provas materiais abundantes em seus arquivos dando conta de que incontáveis iniciados, ao assimilarem os preceitos e os fundamentos da Ordem, renasceram para uma nova vida tornando-se homens imortais na história de muitos povos.

A maçonaria sempre recomendou aos seus adeptos: a) além da retidão de caráter, que se mantenham perseverantes na luta em busca do aprimoramento moral, intelectual e espiritual; b) que se curvem e se rendam perante a virtude, morrendo, de vez, para o erro; c) como entidade espiritualista que é, emana sinais de alerta aos maçons induzindo-os a praticarem constantemente a caridade, pois o seu exercício revela o desempenho de uma das mais sublimes e essenciais atividades da referida ordem, sendo interpretado, quando decorrente da vontade da própria alma, como gesto de amor que reduz a distância entre criatura e criador; d) por fim, que os maçons trabalhem e se esforcem com dedicação na construção de um mundo cada vez melhor para quem nele habita.

Neste sentido, seus propósitos vão desde o combate ao excesso dos prazeres mundanos, ao desvio de conduta, na maioria das vezes, motivado pela adesão ao tráfico e ao consumo de drogas, até a luta incessante contra a imoralidade, a ilegalidade e os preconceitos vulgares, mediante o emprego do bom exemplo de seus membros e a devoção de cada um na prática constante das boas ações.

Entretanto, dentro de uma sociedade como a de hoje, que adota padrões comportamentais (em grande parte) evitados de vícios e erros de toda sorte, se compararmos a adoção de tais regras como conduta ideal a ser seguida pelos iniciados da maçonaria, sem dúvida, o resultado nos levará ao convencimento de que essa difícil tarefa possa mesmo ser entendida como pesado fardo colocado nos ombros daqueles que se

dedicam e se esforçam no cumprimento do dever maçônico.

Mas, visando ao alcance de seus ideais supremos, a mencionada instituição proporciona a todos os seus obreiros a possibilidade de evoluírem e adquirirem progresso em relação aos preceitos da Ordem, utilizando-se da doutrina do aprimoramento comportamental espargida em seus rituais. Essa doutrina tem, entre suas múltiplas finalidades, a de afastar os maçons, tanto quanto possível, das trevas da ignorância, dando-lhes pleno conhecimento e capacitação para poderem, à luz da razão, optar livremente pelo caminho do bem, valor humano que a maçonaria universal recomenda seja tomado como fonte inspiradora de todas as ações e atitudes de seus iniciados.

Porém, como tanto se ouve, a prática do bem e o combate ao mal exigem do maçom sérios sacrifícios. Um deles, como dispõe um de seus rituais, é “saber impor um freio à impetuosa propensão ao erro para se elevar acima dos vis interesses” que atormentam muitas mentes. É preciso também trabalhar intensamente até acostumar o espírito a “curvar-se ante as grandes afeições e a não conceber senão idéias sólidas de bondade.”

Desse ponto de vista observa-se que um dos mais úteis e indispensáveis instrumentos à prática da virtude é a fraternidade. Fraternidade é o laço que deve unir os maçons como se estes fossem verdadeiros irmãos e amigos. É o companheirismo e a lealdade entre pessoas que se dispõem a trabalhar juntas, almejando o mesmo objetivo, o mesmo alvo. No seio da maçonaria é ela (a fraternidade) a responsável pela convivência pacífica e harmoniosa entre os maçons e essa união quando fortalecida por sincero sentimento fraterno faz surgir o amor ao próximo.

Essa grandeza de espírito, no entanto, não é um dom natural e para adquiri-la demanda-se um bom tempo. À medida que avançamos em nosso aprimoramento os defeitos e os vícios vão dando lugar às boas qualidades até surgir em nós a disposição de ajudar o nosso semelhante. Se bem comparado, o ânimo em ajudar alguém que se encontra em estado de necessidade é uma atitude positiva que brota do nosso íntimo como divinal raio de luz com suas nuances e peculiaridades. É a esse fenômeno que se dá a denominação de amor ao próximo. Ele se distingue de qualquer outro sentimento humano porque é gratuito, afetivo, universal, sincero, desinteressado e se manifesta

marcando sua presença em cada boa obra que realizamos.

Adicionada ao sentimento fraterno de amor ao próximo está também a solidariedade, disposição esta que consiste em alguém ajudar o seu semelhante, prestando-lhe um favor no sentido de superação das dificuldades decorrentes da causa que o estiver envolvendo, de maneira desinteressada, sem a intenção de receber recompensa alguma, o que acontece quase sempre pela convicção de se estar praticando um ato de justiça e nada mais.

No caminho de encontro com a luz, que por costume chamamos de aperfeiçoamento maçônico, de igual modo se faz presente a tolerância. Do ponto de vista social, ser tolerante é admitir nos outros, modos de pensar, de agir e de sentir diferentes dos nossos. É a capacidade que devemos ter de ouvir e aceitar os outros, da maneira como realmente são, respeitando cada um em suas convicções e diversas formas de entender a vida desde que tais convicções e formas não atentem contra direitos alheios. A tolerância é a atitude mais útil e mais louvável na vida social porque o tolerante é capaz de aceitar opiniões e comportamentos diferentes daqueles estabelecidos pelo seu meio social, eliminando, desta forma, os sentimentos preconceituosos e racistas que comumente se manifestam no relacionamento humano.

A tolerância, às vezes, se confunde com a paciência porque uma faz parte da outra. A tolerância é a virtude da paciência, segundo Santo Tomás de Aquino, visto que, dada a nossa imperfeição comum, temos que nos esforçar em ser tolerantes ou pacientes uns com os outros.

Sacramentada em juramento solemne, a obediência à maçonaria consiste na observância de seus ensinamentos e no cumprimento destes, na forma como recomenda a referida instituição, o que implica dizer que o homem maçom, para se tornar fraterno, solidário e tolerante, terá que admitir mudanças em seu padrão de conduta, conhecer bem os postulados, preceitos e normas da Ordem e perseverar em sua prática.

O pleno alcance desses objetivos, embora admitidos como tarefa difícil, tem o seu lado compensador porque se trata de um aprimoramento de alta relevância do qual se beneficiam ambas as partes (maçom e maçonaria) e quem o atinge merece a honra, a respeitosa condição e a dignidade de ser reconhecido por toda a irmandade como obreiro “justo e perfeito”.



artigo

A SOMBRA DAS IMPRESSÕES – III

Gleisson Ferreira | Colaborador

O imaginário da decadência aparece na visão popular, como consta em carta escrita de Antas (atual Anápolis) a 26 de janeiro de 1919:

Almoçando com o senhor Fróes, com a tropa arreada à nossa espera, numa breve explicação histórica, contou-me ele que na boca do povo este estado está perdido, sem esperança. É a terra do já foi. Já foi grande, já foi rico, já foi de ouro, já foi de prata, Hoje é a terra do já foi. A capital do século passado contava 10 mil habitantes prósperos; atualmente, por muito favor, 7mil pobres; exaurindo-se as minas, depauperou-se Goiás. [...] Não estranhe a vida primitiva, o conforto não existe, o tempo não se conta, na distância não se pensa, nesta terra de Goiás'. Partimos... (Magalhães, 2004. p.43-44)

Essa visão de decadência e atraso apresenta-se em outras partes da correspondência, como em carta do mesmo ano, escrita da cidade de Pirenópolis:

Escrevo-lhe de um mundo velho, onde a vida humana nada vale. Os irmãos Brokes estão perfeitamente ambientados nesse meio bárbaro, onde vivem há mais de dez anos, e, antes de nos separarmos, trocamos cartas referentes ao nosso negócio. Convenci-os de que deixando Crixás, se estabelecessem em Lavrinhas, para manter a posse de fato. Eu fora informado de que o abandono por parte dos proprietários já atraía intrusos de péssimos antecedentes. (Magalhães, 2004. p. 49)

No entanto, essa visão do atraso era sabidamente estratégica, entre os políticos locais que a engendraram, ao que parece, para perpetuar o mando. Discutindo a situação de miséria, violência e insalubridade que grassavam em Roncador (devido a lepra) e a inércia política a respeito, Magalhães comenta a explicação de personalidade política: "Razão de alta sabedoria política exige Roncador assim, como espantinho, até que a oligarquia dominante se apodere dos pontos-chave desse grande Estado central." (Magalhães, 2004. P.41)

Essas informações denotam as estratégias dos grupos dominantes como forma de conseguirem e manterem o cetro mandonista que subjugava a população goiana, tese explicada mas contestada por Chaul:

Ao longo da Primeira República, a representação do atraso substituiu a da decadência e deu a tônica aos estudos sobre o coronelismo no período. sob o argumento de que a região era atrasada economicamente e desprezível politicamente, muitos estudos passaram a afirmar que a "manutenção do atraso", pelas oligarquias, significava uma forma de continuidade do poder. A esta ideia procuraremos nos opor [...] (Chaul, 2015.p.34).

Embora Chaul se oponha a esta explicação por a mesma incorporar preceitos negativos antigos, pelo relato de Magalhães parecia corrente mesmo entre alguns políticos, esta ideia, que viam na mesma uma estratégia eficaz. É certo que havia na política grupos rivais e que cada um poderia utilizar essa visão do atraso a seu favor, isto é, em desfavor do grupo dominante, aos quais atribuíam e associavam o velho, o antigo, o decadente e o atraso.

A despeito da beleza na natureza local que favorecia uma visão do paraíso, como mostram algumas passagens das cartas, o ambiente social, em muitos lugares mostrava uma visão do inferno:

Ao despertar pela manhã na única pensão do bairro residencial dos graúdos, descobri que o hoteleiro estava atacado pelo mal de Hansen. A cama e as paredes criavam os percevejos, provável transmissor de uma enfermidade que só respeita Nosso Senhor. Informado que havia outra pensão na margem oposta, na rua das palhas e dos mocambos, atravessei o rio à procura de recomendado barracão. Estava o hoteleiro ausente, mas empregados seus, de caras patibulares, receberam-me. No dia seguinte aparece o tal, faltavam-lhe várias falanges nos dedos, lepra mais adiantada que no colega do bairro aristocrata. José Bonifácio dizia que "no Brasil o real vai além do possível". [...] Essa noite ocorreu violenta desordem à porta da pensão. Lançamo-nos por terra quando

uma saraivada de balas arrancava lascas das tábuas das paredes. (Magalhães, 2004. p.39)

Para um homem nascido e criado no conforto de uma grande capital, o espanto com tal ambiente era inevitável. Sua empreitada não se fez sem risco da própria vida em dados episódios que reforçavam os estereótipos e estigmas da sociedade goiana e a visão negativa sobre a mesma:

À noite um grupo de bêbados intimou-me a desocupar o quarto e da rua forçaram a porta; as armas já estavam engatilhadas quando a hoteleira, brandindo um estoque e acompanhada de quatro jagunços, os pôs em debandada. Queixamos ao delegado, mas este, na noite seguinte, foi baleado. [...] "Quem tem cara de santo não presta", diz o povo. Acontece que aqui, em Roncador, de ninguém se poderia dizer que se parecia com qualquer santo do calendário, muito pelo contrário, apresentar-se ia melhor numa galeria lombrosiana! Todo aquele que escapa ileso desses dois antros não deixará de dar graças a Deus. (Magalhães, 2004. p.46)

O Interesse por Lavrinhas leva este advogado paulista a Goiás. Lavrinhas o fascina, mas Goiás, como a um todo, imprimirá uma marca duradoura, quiçá eterna, à alma de Carlos Pereira, segundo seus descendentes e editores das póstumas publicações.

AS IMPRESSÕES DE MAGALHÃES: AMBIENTE, INDIVÍDUO E SOCIEDADE.

O Dicionário Online de Português traz como significado da palavra "Impressão", em sentido figurado: "sensação; consequência da influência de alguma coisa sobre os sentidos [...] Palpite; opinião que se baseia em hipóteses [...]". É nesse sentido que buscamos analisar as ideias primeiras, imediatas, que o autor teve sobre Goiás, as Lavrinhas e seus habitantes. Assim escolhemos nesse o conceito de impressão, em seu sentido figurado, como uma ideia a priori, para nos remetermos as concepções primeiras que Carlos pereira de Magalhães teve sobre Goiás e seu povo, bem como sobre lugar e sociedade em Lavrinhas de São Sebastião.

Em uma de suas cartas, Carta I, datada a 18 de outubro de 1918, de São Paulo, cujo destinatário não nos é apresentado, Carlos Pereira de Magalhães narra os acontecimentos que o levaram a tomar conhecimento das Lavrinhas de São Sebastião e apresenta suas primeiras impressões:

Na carta que lhe enviei há poucos dias em seu escritório, não julguei oportuno, em presença de estranhos ali presentes, tratar do assunto que despertou a sua curiosidade – o latifúndio de Goiás. Para isso, procurei-o pela manhã do dia seguinte, e soube ter viajado. Escrevo para prevenir-lhe o nosso encontro no seu regresso, antes da minha partida para o grande Estado central do Brasil. Trata-se do seguinte: o escritório dos distintos advogados doutores Lehfeld e Carlos Coelho oferece ao público bandeirante um latifúndio colonial no Estado de Goiás, a antiga Fazenda Lavrinhas de São Sebastião. Está situada à margem direita do rio das Almas (Alto Tocantins), comarca de Pirenópolis, e à 9 léguas da Vila do Pilar. Essa propriedade alonga-se marginando o rio na extensão de 16 léguas, somando ao todo 30 léguas, em matas de cultura, onde o café é nativo, e campos de criar. Apresenta demarcação geográfica natural entre uma grande serra e dois rios, bem como formação geológica promissora de surpreendentes minerações; além disso está ligada a Belém do Pará pela via fluvial do Tocantins. [...] Para não ser prolixo, definirei a minha atitude e a nossa situação, com o seguinte episódio, reminiscência de minha infância na cidade de

História, memória, fronteira e alteridade nas cartas de Goiás de Carlos Pereira de Magalhães.

Campanha, Minas: o doutor Stokler, recém formado em medicina no Rio, voltou aos seus penates na cidade das Alterosas; fez ponto para a clínica na loja do boticário. Este, moço tímido, consumia-se de paixão por uma linda jovem, filha de truculento fazendeiro. Stokler, bem falante e desembaraçado, foi solicitado pelo amigo que pedisse, em seu nome, a mão da moça a seu pai. Tudo combinado, partiu. Passavam-se os dias, nenhuma resposta. Nem mais apareceu! De fato, deslumbrado com a formosura da moça, pediu ao pai a mão da encantadora filha, não para o amigo, mas para si. Afinal o apaixonado boticário encontrou-se com o seu comissionado. 'Meu amigo', lhe respondeu este, 'tenha paciência, aquilo é trem de médico e não de farmacêutico'. 'Mutatis mutandis?', Lavrinhas é trem para nós paulistas, para os tudescos não faltará espaço na vastidão do Brasil. (Magalhães, 2004. p. 25)

Lavrinhas foi vista, primeiramente, como uma fronteira a transpor e uma oportunidade a não se perder. A noiva que fascina a quem a vê. A noiva rica, que por seu tríplice dote representado na possibilidade de mineração, agricultura e pecuária, aliado à sua beleza natural, era proposta digna de empenho e riscos que valia a pena correr.

Parte, então para Goiás fascinado pela grandeza e singularidade desse Estado gigante e pelas oportunidades promissoras das terras de Lavrinhas. Observador atento, a quem o detalhe não escapa, analisa e descreve as diferenças ao cruzar cada fronteira (geográfica e política, que por sua vez vão denotar aspectos culturais) do território e de seu povo. São Paulo, Minas e Goiás, intimamente relacionados, no passado pela ação bandeirista, a caça ao gentil, a busca pelo ouro, o combate aos quilombos. Agora, pela dinâmica da pecuária. Tudo isso porém não foi suficiente para produzir homogeneidade entre esses três rincões, ao contrário, por diversas circunstâncias, produziu as individualidades sociais, singularidades culturais e econômicas, as fronteiras, a alteridade:

É com emoção que pela primeira vez ponho os pés em Goiás, terra do futuro, entretanto já me sinto possuído pelo espírito sertanista indispensável a quem percorre o interior do Brasil grande e bárbaro. Arranjei um cicerone na pessoa do senhor Edmundo de Carvalho, representante da Theodor Wille, de São Paulo, e um conselheiro ou comissário, senhor Fróes, que durante anos foi correspondente de Antônio Prado na fracassada Mina de Amaro Leite. Aguardo tropa do Norte, única condução para Lavrinhas, pois, embora Goiás conheça a via férrea, desconhece o automóvel. A roda, da qual o mundo civilizado tira tão grande proveito, nesse Estado é exclusivamente aplicada na morosa condução do carro de boi. Resumindo a longa jornada de São Paulo a Roncador : parece que uma Inteligência oculta gizou esses três grandes estados que atravessei , diferenciando-se com atributos próprios do solo, na atmosfera e na vida social. Em São Paulo é a pujança da vegetação e a radiação purpúrea da terra rocha que nos encantam; o Triângulo Mineiro move o viajante pelos reflexos de um céu de turquesa na planura intermínima, verde e às vezes deserta; Goiás são os arrebóis de um colorido alaranjado por entre névoas de mistério, que nos prende e nos faz pensar. Socialmente, o paulista ambicioso e gastador não se confunde com o mineiro fleugmático e econômico, e nenhum dos dois com o goiano indomesticável e senhor de si. São estas as impressões deste viajante, colhidas "a vol d'oiseau"². (Magalhães, 2004. p.33)

2 Expressão jurídica de origem latina. Significa: "fazendo as mudanças necessárias". É usada ao fazer-se analogia a algo dito anteriormente, porém, com as devidas considerações e/ou alterações.

3 Expressão francesa que significa ao pé da letra: "a voo de pássaro", isto é, ligeiramente.

1 Disponível em: <http://www.dicio.com.br> >. Acesso em: 06/07/2016.



opinião

O ABUSO DE PODER E O ABUSO DE AUTORIDADE

Carlos Roberto Neri Matos | Cadeira nº 35

Hoje em dia, diga-se de passagem, eles infelizmente são constantemente atropelados e não observados e o pior, muitos dos que julgam, executam e legislam são os que mais cometem tais abusos e sequer podem ser questionados ou interpelados por tais abusos. Estamos literalmente perdendo ou já perdemos a “estribeira” das ditas amarrações que preservam o estado democrático de direito. Que também é outro conceito jurídico que tem constantemente sido alterado seu viés de acordo com certas conveniências.

Bom, então vamos às considerações. O abuso de poder é o ato praticado quando fere os requisitos da competência e da finalidade do ato administrativo. O Abuso de autoridade de acordo com a Lei nº 4.898 de 09 de dezembro de 1965, que regula o direito de representação e o processo de responsabilidade administrativa, civil e penal, nos casos de abuso de autoridade, segundo o artigo 3º, se caracteriza quando há atentado, sem a devida previsão legal: a) à liberdade

de locomoção; b) à inviolabilidade do domicílio; c) ao sigilo da correspondência; d) à liberdade de consciência e de crença; e) ao livre exercício do culto religioso; f) à liberdade de associação; g) aos direitos e garantias legais assegurados ao exercício do voto; h) ao direito de reunião; i) à incolumidade física do indivíduo; e, j) aos direitos e garantias legais assegurados ao exercício profissional.

Constitui também abuso de autoridade, segundo o artigo 4º da mesma lei: a) ordenar ou executar medida privativa da liberdade individual, sem as formalidades legais ou com abuso de poder; b) submeter pessoa sob sua guarda ou custódia a vexame ou a constrangimento não autorizado em lei; c) deixar de comunicar, imediatamente, ao juiz competente a prisão ou detenção de qualquer pessoa; d) deixar o Juiz de ordenar o relaxamento de prisão ou detenção ilegal que lhe seja comunicada; e) levar à prisão e nela deter quem quer que se proponha a prestar fiança, permitida em lei; f) cobrar o carcereiro ou agente

de autoridade policial carceragem, custas, emolumentos ou qualquer outra despesa, desde que a cobrança não tenha apoio em lei, quer quanto à espécie quer quanto ao seu valor; g) recusar o carcereiro ou agente de autoridade policial recibo de importância recebida a título de carceragem, custas, emolumentos ou de qualquer outra despesa; h) o ato lesivo da honra ou do patrimônio de pessoa natural ou jurídica, quando praticado com abuso ou desvio de poder ou sem competência legal; i) prolongar a execução de prisão temporária, de pena ou de medida de segurança, deixando de expedir em tempo oportuno ou de cumprir imediatamente ordem de liberdade. Portanto, como se pode claramente depreender da leitura dos incisos acima, quando nos referimos ao abuso de poder estamos fazendo a análise na seara administrativa e quanto ao abuso de autoridade é a repercussão nas esferas cível e penal do cometimento do abuso de poder.

Um exemplo pode elucidar ainda mais. O Delegado de Polícia que após as averiguações de praxe mantém presa a pessoa quando a lei possibilita a ela o pagamento de fiança está praticando administrativamente o ato de abuso de poder, pois a lei não lhe faculta tal procedimento, devendo ele liberar a pessoa após o pagamento da fiança, pois se assim não o for ele comete o crime de abuso de autoridade previsto na Lei nº 4.898/1965. O código penal brasileiro não tipifica o abuso

de autoridade de forma clara ele faz menção que as ações praticadas pelos agentes públicos com abuso de autoridade são situações que agravam a ação do agente e em consequência a pena. O mais próximo que o código penal chega do abuso de autoridade é em seu artigo 350, que fala do exercício arbitrário e com abuso de poder. Conseguiram identificar alguma mera semelhança com alguns atos praticados por parte do nosso judiciário?

Por isso há esta confusão toda na utilização destas duas terminologias que são às vezes erroneamente utilizadas como sinônimas. Então, agora vocês já sabem que o crime de abuso de autoridade é decorrência da prática administrativa do abuso de poder.

Recentissimamente, o ex-presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro, foi declarado inelegível, sobre a alegação de abuso de poder político. E o que é isso? Mais difícil se torna definir quando conceitos jurídicos indeterminados como esse têm o condão de condenar alguém. Ora se temos um governo de direita tudo aquilo que ele faz, para os de esquerda, tem uma conotação contrária e vice-versa, então é um perigo avaliar-se abuso de autoridade sobre esse prisma. Repito, muitos não acham, muitos não entendem e muitos sequer percebem que estamos ou já passamos de um limiar muito perigoso na história política de nosso país.



artigo

EPIFANIA POLÍTICA

Célio César de Moura Gomes | Cadeira nº 36

Vivemos há alguns anos uma forma de governança desagradável. A partir do processo de abertura política na década de 1980 e após a cassação dos mandatos de dois presidentes da república e da eleição de um presidente que interrompeu por quatro anos o mandato de outro, que esteve preso por condenações decorrentes de méritos políticos, retornando, em consequência das paralisações dos processos que o condenaram, para esclarecimentos, readquiriu a condição de ser reeleito em 2022, sendo empossado em primeiro de janeiro de 2023. O processo eleitoral ocorreu com intensa disputa política entre as alas da esquerda e da direita, no sentido de conquistar a maior credibilidade política possível entre os eleitores, buscando a essência dos acontecimentos atuais para se adquirir um pensamento mais iluminado uma do que a outra, para a conquista da condição do exercício do pleno poder da administração pública.

Isto leva-nos inevitavelmente a Sócrates, autor da agnosia “SÓ SEI QUE NADA SEI”, tendo na essência de seus ensinamentos a frase “Conhece-te a ti mesmo”, base dos comportamentos das pessoas consigo, com os outros e com as sociedades onde militam. Foi um dos principais opositores do pensamento sofista. Além disso também detestava as elevadas taxas que os sofistas cobravam de seus alunos. Estes, sofistas,

eram grandes mestres das técnicas de discursos, levando o interlocutor a acreditar rapidamente naquilo que falavam, sendo verdade ou não. Hoje usadas na elaboração das “Fake News”, com o mesmo objetivo de convencimento rápido, vislumbrando os mesmos ganhos exorbitantes. Platão e Aristóteles, destacados filósofos desafiaram também o sofismo, e a partir de então, passou a ter uma conotação pejorativa, e reconhecido como uma forma de desonestidade intelectual.

Em um governo democrático, o poder emana do povo e todos os cidadãos possuem o mesmo estatuto e têm garantido o direito à participação política. Um dos aspectos que define a democracia é a livre escolha de governantes pelos cidadãos através de eleições diretas e ou indiretas. E todos são iguais perante as leis e, todos sem distinção, gozam de iguais proteções dadas por elas.

“Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível do fazer sentido. Eu não quero é uma verdade inventada. A loucura é vizinha da mais cruel sensatez. Mas existe um grande, o maior obstáculo para eu ir adiante: eu mesma” (Clarice Lispector).

Com estas considerações, cabe aos seres existentes na Terra buscarem saber quem é o soberano dela e como ele nos dita o comportar! Brota neste momento a pergunta: como a Terra foi criada e para que? Caímos na palavra-chave,

Gênesis. Em GÊNESIS, significando nascimento, origem, título de um dos livros que compõe o Pentateuco na Bíblia, nele distingue-se duas partes:

I. Origem do mundo e da humanidade; II. Origem do povo de Deus; Na Introdução, sugere a leitura primeiro de dois temas, para facilitar a leitura: 1. Sobre o BEM e o MAL; 2. e sobre a Fraternidade.

Ao tratar destes dois temas, registramos que o ponto mais alto se relaciona ao momento que trata da importância do homem e da mulher dentro do projeto do Criador, tendo-os como o centro de toda a criação. “Feitos à imagem e semelhança de Deus, possuem o dom da criatividade, da palavra e da liberdade”.

“Do ponto de vista filosófico, a epifania significa uma sensação profunda de realização, no sentido de compreender a essência das coisas, tendo significado similar ao termo insight”.

Desta forma, do ponto de vista político, há como que um estado de euforia de vários grupos rogando que sejam os principais dominadores das benesses que a natureza tem revelado à humanidade, especialmente aqui no território identificado como Brasil, mostrando que com o uso da inteligência humana ajustada à realidade natural, as condições necessárias e indispensáveis à manutenção do processo vital dos seres animados e dos inanimados existentes na superfície da terra, podem ser fornecidas por ela, natureza, de forma adequada à cada indivíduo de acordo com suas necessidades peculiares e individualizadas.

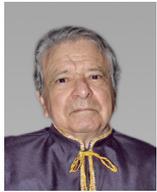
Neste instante percebemos que estamos muito próximos dos êxtases das verdades, buscados pelas práticas Políticas, mas ressaltando o registro

no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, sobre verdade: “A maioria das doutrinas políticas apresenta erros e verdades.”

Daí fomos a João, 8, 42-44, “Jesus disse: “Se Deus fosse pai de vocês, vocês me amariam, porque eu saí de Deus e venho dele. Não vim pela própria vontade, mas foi ele que me enviou. Por que vocês não compreendem o que falo? É porque vocês não são capazes de ouvir a minha palavra. O pai de vocês é o diabo, e vocês querem realizar o desejo do pai de vocês. Desde o começo ele é assassino, e nunca esteve com a verdade, porque nele não existe verdade.”

Nos tempos atuais estamos percebendo cada vez mais que o domínio dos povos pela força, especialmente pelo domínio dos vencidos pelos vencedores nas guerras e ou através de uso de violências como guerrilhas, terrorismos e transgressões várias dos bons princípios das convivências sociais, como tráfico de drogas, pirataria, jogos etc., estão perdendo espaço cada vez mais com o progresso avassalador dos processos digitais de comunicações, permitindo, em tempo real registrar o que de fato se passa nas relações humanas.

Isto abre espaço para que a Economia Mundial, perceba que os princípios propostos, principalmente, pela doutrina Cristã, há mais de 2000 anos, baseada na partilha e no compartilhar, podem ser atendidos em sua plenitude, ajustando as vias de acessos a cada pessoa, aos recursos de quaisquer naturezas que em determinado momento necessita. Uma então utopia do passado, revelada na multiplicação de pães e peixes. Atende também aos fins supremos da Maçonaria: de LIBERDADE, IGUALDADE e de FRATERNIDADE.



crônica

HISTÓRIAS DE CAÇADOR

Hélio Moreira | Cadeira nº 27

“Couto de Magalhães, o último desbravador do Império, 2005”).

Estávamos, Zé Paulo, meu filho, e eu, na companhia da “companheirada” da fazenda São Pedro, sentados à beira da fogueira enquanto aguardávamos a “picanha” que estava assando, quando o Vital disse ao Bié:

- Bié, conte pro seu Dotor aquela caçada de onça que ocê fez na beira do rio Araguaia.

- Num sei Vital, se o Seu Dotor tá disposto a iscutiá papagaiada.

Nesta hora o resto da peonada se aproximou mais do grupo, todos esperando ouvir mais uma estória, das muitas que o Bié contava quase todas as noites ao redor do fogo, enquanto se aguardava o café que o Antonio Martins iria servir, para “fazer o quilo” do jantar.

O aspecto físico do Bié, por si só, transmitia dramaticidade em tudo o que ele falava; alto, moreno, quase negro, boca de tamanho avantajado; quando sorria mostrava ser possuidor de pouquíssimos dentes, alguns deles com incrustações de ouro, barba espessa e toda branca, queixo afilado e até um pouco alongado, dando a impressão de ser portador de prognatismo.

Suas sobrancelhas eram muito cercadas, com cabelos brancos misturados com o que restava do preto; ao falar, parece que pedia ajuda a este segmento

anatômico da face, que se movimentava de maneira a acompanhar o ritmo das suas palavras.

Falava pausadamente, dando ênfase para determinadas palavras; nestes momentos dava uma parada e olhava fixamente para o interlocutor, parece que esperando uma manifestação.

Antes de iniciar a narrativa, destacou uma palha de milho de um monte que carregava no bolso traseiro da calça, pegou o canivete e após “desamassar” a palha escolhida com a ponta da língua, iniciou um ritual que se prolongou por bastante tempo.

Inicialmente segurou a palha, firmemente, no vão de dois dedos, cortou suas duas extremidades, deixando-a do tamanho adequado para um cigarro, dobrou-a bem no meio e passou várias vezes a lâmina do canivete de um lado e do outro da sua superfície, contando, para este movimento, com o auxílio do dedo indicador que fazia um contraforte para a lâmina; iniciava esta manobra sempre próximo dos dois dedos que a prendiam; de vez em quando colocava a ponta da língua para fora da boca e corria a palha pela sua superfície para logo em seguida continuar com o ritual de “alisá-la” com o canivete. Ao sentir que a palha estava suficientemente fina, praticamente sem nenhuma ranhura, passou para a segunda fase do ritual: cortar o fumo.

Ao perceber a ansiedade da turma que o rodeava, deu uma gusparada no canto do rancho e iniciou a narrativa:

- Táva eu e meu compadre Zé Olegário pescando de rodada dentro de uma “canoa ubá” que pegamos emprestada de um morador das beiras do rio. Era noite escura, nós só iscutiava o barulho dos remos dentro d’água e de vez em quando o tropel de algum animal pisando nas folhas das barrancas do rio.

Bem acolá avistamos uma luz, quase que apagando, bem no rumo da beirada direita do rio; ni qui nós ia aproximando, esta luzinha danada suspirava com parença que ia apagar e aidisposis acendia com parença que alguém estava querendo dar algum sinal qui nós não entendia.

Ni qui nós chegamos mais perto, começamos a escutar uns gritos, cum parença de ser um homem com muita aflição.

Compadre Zé Olegário já ficou todo ouriçado; “tome cuidado compadre, pode ser alguma pessoa mal intencionada”. Ni qui chegamos mais perto, conseguimos ver um homem dependurado lá nas grimpas de uma árvore de angico, com uma reúna e um lampião na mão, gritando meio sufocado:

- Aconteceu uma desgraça, estava aqui na “espera” quando apareceu, não sei de adonde, logo aqui debaixo, uma onça; dei um tiro na bicha, mais a mira não foi certa, não fui capaz de matar, ela ficou só ferida. Acho que a danada tá rodeando aqui por perto, só espreitando eu descer.

Só de escutar a “mau-palavra” onça, já me arrepiei todinho, olhei para o compadre Zé Olegário, vi que ele arrepiô igual peru quando vê peçonha e estremeceu também; mas nós num podia

deixá aquela criatura sem adjutório, mais que deu uma vontade danada de caí fora no mundo, ah! isso deu!

Ao escutar aquilo que o homem disse, parece que a qualquer descuido a bicha ia saltar pra dentro da canoa; compadre mais eu fizemos uma barulheira dos infernos, demos tiros prá riba, gritei até quais ficá roco, tudo isto prá assustar a danada. Homem que é homem num deve mentir, nois estava com muito medo, parecia sanhaço preso no grude; demos um prazo e saltamos para o barranco; estava fazendo frio, mais acho que a tremedeira do compadre não era só de frio não, parecia uma vara verde balangano no vento forte.

Acumo vosmeceis bem sabe, uma onça ferida não sai das redondezas, fica esperando de tocaia prá vingar; neste momento Bié respira fundo, olha no rosto de todos os que estão ao seu redor, parece que esperando uma confirmação daquilo que foi dito; como ninguém se pronunciasse, voltou a passar a lâmina do canivete na palha que não saiu da sua mão, fez um muxoxo e continuou a narrativa:

- Ela é preta qui nem tizio, gritava o homem lá de riba da árvore, o que piorava a situação prá nós, porque a mata era também escura como um breu só.

- Desce e corre de galope pra cá enquanto nós vai atirando e gritando!

Num suspiro, o homem deu um salto igual a um macaco tentando agarrar uma fruta jatobá, deixando para trás a reúna e todos os apetrechos que carregava, chegou à canoa primeiro qui nós dois; no caminho de volta decidimos que nós ia voltar no outro dia para completar o serviço que foi principiado...

(excertos do livro publicado pelo autor deste texto:)

tempo de estudo

QUEM É O FILHO DA VIÚVA?

Eduardo Souza | Colaborador – Contribuição*

A expressão “Filho da Viúva” é uma referência simbólica usada dentro da Maçonaria. Tem origem no contexto das lendas e rituais maçônicos, que são repletos de simbolismo e metáforas. No contexto maçônico, a expressão não deve ser interpretada literalmente, mas sim como uma alegoria para o compromisso do Maçom com o aprendizado contínuo e a busca pela verdade interior. Na construção destes conceitos traçaremos a constelação em torno deste imaginário, dando voz ao mito e também ao grupo social onde “O Filho da Viúva” é o protótipo do “maçom” ideal. Sobre rito, Bazán, na obra “Aspectos incomuns do sagrado” transcreve:

A palavra deriva do latim *ritus*, cujo equivalente em grego é *thesmós* (em dórico *tehmós*) e cujo significado no plural é: “tradições ancestrais, regras, ritos...”, o rito carrega de sacralidade, ou seja, de vitalidade renovada e de energia, o tempo, o espaço e a casualidade empírica. Estas três condições da existência sensível possuem uma disposição que lhe é inerente para a mudança, a dispersão e a dissolução. (Bazán, 2002)

O rito como um ritmo básico permite que o tempo saia de sua linearidade e assuma uma forma espiralada de manifestação, onde cada volta encontra-se num patamar superior de significados, o tempo torna-se cíclico e a mudança, a dispersão e dissolução, numa certa medida, perdem suas forças.

Os mistérios realizam a mesma finalidade em toda a sua extensão:

“Imitam a natureza do divino, que rejeita a percepção direta”. Na realidade, permitem ao iniciado

experimentar o segredo que se oculta nas formas e mudanças do cosmo. Sob os véus das celebrações místicas (ações, utensílios, mitos e discursos sagrados), a primeira coisa que salta à vista é a vida inesgotável da natureza e a sua circulação universal. (Bazán, 2002) Jaime Pusch em sua obra “ABC do Aprendiz”, redige:

Filho da Viúva - maneira alegórica de se referir ao Maçom. Para a origem da expressão há pelo menos duas versões. Uma identifica os Maçons com Hiram Abif, que segundo os textos bíblicos era filho de uma viúva de Naftali. Outra, por influência rosacruciana e sua cultura egiptológica, faz dos Maçons filhos de Ísis, a “Grande Viúva” de Osíris. Em ambas as versões, há uma correlação lendária com a busca dos restos mortais ora de Hiram Abif, ora de Osíris. (Push, 1982)

Inicialmente deparamos com a primeira interpretação - A expressão “Filho da Viúva” pode ter uma referência simbólica usada para descrever os membros da ordem, ou seja, os maçons que

Pode estar associada ao personagem lendário Hiram Abif (Abib; Abiv; Abiú), o mestre construtor do primeiro Templo de Jerusalém (975 a.C.), sob o governo do rei Salomão. Na tradição maçônica, Hiram Abif é muitas vezes chamado de “Filho da Viúva” em referência à sua mãe, que é simbolicamente representada como uma viúva em luto.

Ressalta-se que utilizamos a Bíblia Sagrada como referência básica, e no Antigo Testamento, Hiram está grafado como Hirão (citado 32 vezes) e Hiram Abif como Hirão Abiú (citado 2 vezes).

Segundo Jaime Pusch, Hiram Abif foi o filho de uma viúva de Naftali, especialista em bronze. Segundo relatos Bíblicos, foi convidado para ornamentar e confeccionar os utensílios do Templo de Jerusalém (1 Reis 7:13-14).

Pela sua habilidade como artesão, passou a ser sincretizado como ideal da beleza. Hirão Abiú é um dos “símbolos da Maçonaria”, cujos feitos tornaram-se uma lenda, como está registrado na Bíblia Sagrada, ou seja, sua ligação com a construção do Templo de Salomão. Trata-se de um personagem central no ritual Maçônico e é frequentemente considerado um símbolo de virtudes como a lealdade, a honestidade e a integridade. A história de Hiram Abif é frequentemente utilizada em cerimônias maçônicas como um exemplo de coragem e firmeza diante da adversidade.

Vale ressaltar que as histórias e tradições em torno de Hiram Abif variam dentro das diferentes ramificações da Maçonaria e ao longo do tempo. A figura de Hirão Abiú é um exemplo de como a Maçonaria utiliza narrativas e símbolos para transmitir ensinamentos relacionados à moral e à filosofia.

Hiram é um nome Hebraico, gênero masculino. Pode ser traduzido como “Vida Elevada”. Tem como significado “o mais nobre”. O nome Hiram Abif ainda causa controvérsia entre os estudiosos da maçonaria e das escrituras sagradas; parece que Abif não seria, propriamente, parte do seu nome, pois

Ab em Hebreu significa (Pai), if significa (meu), portanto o nome Hiram Abif deveria ser traduzido por (Hiram, meu pai). É necessário acrescentar que entre os Hebreus a expressão Pai significava uma honraria, pessoa proeminente a ser assim nominado, podendo significar, também, (Hiram, meu conselheiro). Hiram, rei de Tiro, ao se referir ao seu artífice chama-o de “meu amo Hiram”. O sobrenome resulta em seu título de honra: Hiram, o pai da construção do Grande Templo.

Continua na próxima edição...



crônica

O DESEJO DE SER FELIZ

Valteude Guimarães Ferreira | Colaborador

O ser humano nasce e cresce com o desejo de ser feliz, importante e poderoso, infelizmente para alguns obter todos esses títulos tornam-se arrogantes, gananciosos, vaidosos e maus, abusa do mais fraco, humilha quem é subordinado, esquecem de olhar o passado, Deus e fé não existem em seus dicionários, existe sim a palavra ter e poder, não importa de que jeito mas querem ter. Eles conseguem tudo que imaginaram, só não conseguem a tão sonhada felicidade.

E quando procuram uma fé não é em busca de Deus, mas sim para terem mais poderes e dinheiro. Todo ser humano tem sonhos, sonhar é preciso, só vive quem tem sonhos, o sonho do pobre é ficar rico para não ser humilhado, do doente é ser sadio, do gordo é ser magro, do mudo é poder falar mas falar com sabedoria para as palavras não serem em vão.

O sonho de quem precisa é ser ajudado por aquele que se diz livre e de bons costumes, quem não cre

em Deus jamais terá seus sonhos realizados. Como seria bom se o ser humano não tivesse problemas, que todos fossem sadios e não houvesse misérias, como seria bom que todos procurassem Deus, Jesus Cristo, Santo e outros encantados sem fazerem promessas para resolver seus problemas. Como seria bom se fossem verdadeiros, rezassem, orassem, ou chamassem para o criador sem nada pedir em troca e que só agradecem as bondades recebidas.

Reconhecer que existe um ser superior, um ser que construiu a abóbada celeste, as estrelas, o sol, a lua o mar e a terra e dessa mesma terra ele fez o homem e da costela do homem ele fez a mulher, mas não a fez para ser maltratada, para ser humilhada mas sim para ser

amada, pois foi do ventre de uma mulher que nasceu Jesus.

E ele é o grande arquiteto do universo, é esse arquiteto que a maçonaria não se cansa de exaltar, a maçonaria não exalta só o grande arquiteto do universo como também rende honras a mulher, ao homem que pratica a fraternidade, que respeita as leis e não envereda pelos caminhos do vício e da corrupção. Não existe nada mais gratificante quando se pratica a fraternidade, não importa se é um balde de cheio de ouro ou se é um pão com carne o importante é ouvir de quem está recebendo e ele dizer Deus lhe abençoe, muito obrigado, aquele que carrega dentro de si a maldade, o ódio, a mágoa e a vaidade poderá ter bens, poder, ser importante, mas nunca terá a felicidade que tanto procurou.



artigo

DIREITOS DO CONSUMIDOR

Isaias Costa Dias | Cadeira nº 24

A Lei nº.8.078/1990 é conhecida como Código de Defesa do Consumidor. Editada no governo do ex Presidente Fernando Collor de Mello, de fato e de direito procedeu relativa abertura dos mercados internacionais, oportunizando a introdução no País de uma gama de produtos e serviços (v. exemplos, compra e venda de automóvel, computadores, aparelhos eletrônicos de relevo sobretudo nas áreas da medicina, telefonia, navegação aérea e marítima, além de fertilizantes para a agricultura, inclusive medicamentos, produtos alimentícios e outros).

Devo assinalar previamente - o substrato da Academia Goiana Maçônica de Letras - AGML -, consiste na exposição fundamentada de temas versados, preferencialmente, nas linhas maçônicas onde a Luz representa o conhecimento como o Sol, a alma. É certo que, a nosso sentir, a Maçonaria orienta os Maçons a seguir seus quatro princípios cardeais: Fraternidade; Solidariedade; Igualdade e Fidelidade.

Na hipótese presente, sem prejuízo de temas maçônicos, por dever fraternal e de solidariedade, trago à lume o chamado Direito do Consumidor que, com absoluta certeza, interessa à todo cidadão/a, que vai desde o ato do nascimento ao de morte. Vale dizer, o Direito do Consumidor abrange os atos à partir do recém-nascido, à criança propriamente dita, o adolescente, o jovem, o adulto e ao idoso de todas as raças, credo ou religião pois, de alguma forma, este ser vivente (ser humano) usa ou utiliza os produtos ou serviços como destinatário final.

O Código de Defesa do Consumidor é reconhecidamente uma lei ultra moderna, comparável à legislação de consumo de países desenvolvidos. Com isso, no Brasil, espera-se atingir um outro cenário de transparência e de equidade nas relações de consumo. Embora se cuidem de assuntos jurídicos (Lei nº. 8.078/90), abordaremos as questões pertinentes da forma mais simples para a melhor compreensão do leitor.

Com efeito, dispõe o Código de Defesa do Consumidor: "Consumidor é toda pessoa física ou jurídica que adquire ou utiliza produto ou serviço como destinatário final".

O conceito de consumidor é extraído do Código por meio de três requisitos, a saber:

a) que o produto ou serviço seja adquirido através de contrato de compra e venda. Assim, quanto ao objeto, o consumidor é de bens (produtos e serviços). Logo, os produtos ou serviços objetos de doação não caracterizam relação de consumo;

b) que o produto ou serviço seja introduzido no mercado de consumo em perfeitas condições de utilização ou uso. Significa dizer, por questão de boa-fé objetiva e de adequação, o produto ou serviço em circulação no mercado de consumo deve atender às suas reais finalidades e às expectativas do consumidor (o aparelho de ar condicionado deve refrigerar; o aparelho de TV deve captar as imagens; o chuveiro elétrico deve aquecer a água; o show artístico ou o passeio turístico devem realizar-se no tempo, lugar, meios e forma tal qual foi prometido no contrato de prestação de serviços, e outros);

c) que o produto ou serviço seja adquirido como destinatário final. Portanto, o bem negociado (produto ou serviço) deve ser utilizado na própria satisfação do consumidor, quer se trate de pessoa física ou jurídica.

Materialmente falando, a característica principal, isto é, o traço marcante do consumidor reside na sua condição de vulnerabilidade por ser considerada a parte mais fraca na relação de negócio. A fragilidade do consumidor é traduzida de três formas bem definidas: a) por falta de conhecimentos técnicos (jurídicos, contábil, pericial); b) falta de conhecimentos de fato sobre o produto ou serviço objeto da relação de consumo; c) por falta de informações precisas sobre o próprio funcionamento do bem adquirido, além de outras circunstâncias.

Em princípio, o consumidor só é identificado na pessoa física do adquirente do produto ou do serviço. Contudo, por vezes a pessoa jurídica pode figurar na condição de consumidor, desde que da relação de consumo transpareça não só a comprovada destinação final do produto ou serviço mas também na hipótese de evidenciada a vulnerabilidade do consumidor. A título exemplificativo: o consumidor pessoa física que adquire um veículo, um refrigerador ou um computador, para o seu uso próprio; o consumidor pessoa jurídica que adquire uma máquina de fotocopiar documentos para ser utilizada internamente na sua própria administração.

Como se pode observar, dois traços são bem marcantes na hipótese, quais sejam: a) é preciso que o produto ou serviço tenha conteúdo econômico (preço, valor); b) o produto ou serviço seja exaurido na sua destinação final.

Mas atenção, muita atenção. A definição de consumidor, regra geral, é identificada na pessoa física, tem o caráter pessoal, individualizada e

personalizada, que atua na condição de destinatário final do produto ou serviço. Doutro lado como exceção - a identificação do consumidor (pessoa física ou jurídica) se realiza pela chamada equiparação.

Com efeito, equiparar significa tornar igual, em pé de igualdade, conferir vantagens iguais a categoria de pessoas diferentes.

A propósito da tal equiparação, na primeira delas, a qualidade de consumidor é representada pela chamada coletividade ou grupo de pessoas, determináveis ou não, desde que haja intervindo na relação de consumo.

A segunda hipótese de consumidor equiparado diz respeito àquele grupo de pessoas, que embora não tenham adquirido o produto ou serviço, de fato tenham sofrido (tenham sido vítimas) ou estejam na iminência de sofrer danos, fruto da relação de consumo estabelecida. Por exemplo, o trabalhador rural que sofre danos em função da utilização dos agrotóxicos na lavoura; ou na hipótese de publicidade abusiva de produtos ou serviços que produz resultados negativos (danos) a consumidores indeterminados.

A terceira hipótese de consumidor por equiparação fica sinalizado àqueles que, embora não tenham adquirido o produto ou serviço, ficam em decorrência, expostos a todo tipo de riscos à sua incolumidade física, psíquica ou econômica. Por exemplo: a secretária executiva (empregada doméstica) que no labor diário venha igualmente a sofrer danos físicos pela utilização de produtos de higiene e limpeza no âmbito doméstico. Ou, ainda, nas hipóteses de danos produzidos à coletividade em decorrência de ação danosa ao meio ambiente, via lançamento de produtos agrotóxicos ou químicos no leito do rio, produzindo, em consequência, danos irreparáveis à fauna, à flora além de impedir o consumo de água pelos ribeirinhos.



artigo

O EXTRAORDINÁRIO VALOR HISTÓRICO DA MEDALÍSTICA MAÇÔNICA

Hélio Pereira Leite | Colaborador

Quando estava pesquisando para escrever sobre os 195 anos de existência do Grande Oriente do Brasil, potência maçônica da qual sou filiado desde fevereiro de 1966, fiz contato com o jovem museólogo Raniel Fernandes, então Curador do Museu do GOB em Brasília, tendo lhe solicitado que escrevesse um texto sobre a história da medalística e em particular da medalística como patrimônio histórico cultural do GOB.

O texto de autoria de Raniel encontra-se às páginas 223/239, do Livro Coletânea "O Grande Oriente do Brasil comemora 195 anos de sua fundação", lançado por mim em 2017, como uma singela homenagem pessoal a historiografia de nossa Federação Maçônica. Raniel não está mais no GOB, fez concurso para a UNB – Universidade Nacional de Brasília, exercendo o cargo de museólogo. Onde também apresentou tese de mestrado sobre museologia maçônica, embora não sendo maçom.

Sob o título: A História da Medalística do Grande Oriente do Brasil, Raniel Fernandes destaca as seguintes informações:

"Cunhadas em ocasiões especiais, comemorações, eventos ou competições, as medalhas ao longo do tempo "eternizam" fatos históricos, religiosos, políticos, de relevância histórica. Como área do conhecimento específica de estudo das moedas e medalhas tem-se a numismática – a qual utilizaremos de forma basilar no presente estudo. Mas diferentemente das primeiras, as medalhas geralmente são elaboradas com maiores riqueza de detalhes e com uma função específica de perpetuação de algum acontecimento e expostas em menor grau aos efeitos degradantes do tempo.

Destarte, hodiernamente podemos usufruir de medalhas históricas em

bom estado de conservação, bem como tomar conhecimento de fatos e acontecimentos que só por meio destas se conhecem, pois documento em outros suportes, como papel, são mais propensos ao desgaste e, muitos deles, destruídos intencionalmente ou não."

Com relação as medalhas do Grande Oriente do Brasil, Raniel ressalta o seguinte:

"No universo da Maçonaria existe uma ampla gama de medalhas e insígnias que apresentam uma rica simbologia e relevante histórica. A primeira medalha maçônica da qual há registro é a "freemason's ducat", cunhada por volta de 1743 na região onde hoje se encontra a Alemanha. Desde então, a cunhagem de medalhas maçônicas se desenvolveu. Existem exemplares, cerimoniais, como insígnias ou joias de cargos das Lojas, ambos os tipos apresentando variações de acordo com o rito; distintivos de Lojas; as medalhas premiaias, comemorativas e honoríficas de Lojas e obidienças.

Como testemunhas do tempo e da história ou como registro de seus personagens mais notáveis as medalhas do GOB apresentam uma síntese da evolução desta instituição."

Medalhas estas que, em sua maioria fazem parte do acervo do Museu Maçônico Ariovaldo Vulcano, atualmente instalado no Centro Cultural Eurípedes Barbosa, em Brasília, na sede do Grande Oriente do Brasil. Sendo considerada a maior coleção de medalhas maçônicas do Brasil, com cerca de 2.000 itens. Sendo que a maior parte deste acervo adveio da Coleção Eureka Kurt Prober.

Informa, ainda, Raniel que:

"A primeira medalha que se tem registro no âmbito do GOB foi cunhada em homenagem ao então Grão-Mestre Visconde do Rio Branco. Diante da

assinatura da Lei do Ventre Livre, de autoria de seu líder maior, o Grande Oriente do Brasil realizou uma grande festividade comemorativa em 2 de março de 1872. Para este evento, determinou-se a cunhagem de medalhas que foram produzidas pela Casa da Moeda e gravadas pelos artistas Pinheiro Carneiro e Souza Reis Carvalho, tendo como materiais ouro – a qual foi associada a uma corrente ornada com escudos, contendo nome de Lojas da época e hoje encontra-se no acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro."

Existem muitas outras medalhas em exposição em outros museus maçônicos mantidos por várias Lojas, sediados em outros Orientes Maçônicos. Como também é possível que muitas medalhas históricas de valor relevante encontram-se desaparecidas na poeira do tempo.

Como exemplo, cito a MEDALHA DO TRATADO DE AMIZADE COM A GR. LOJ. DA INGLATERRA, cuja foto encontra-se publicada no Boletim Oficial do GOB de julho de 1960, encontrada por pesquisa realizada pelo eminente irmão Elder Madruga, em suas garimpagens arqueológicas maçônicas.

Sobre esta existe o seguinte comentário publicado no Boletim Oficial do GOB ora evidenciado:

"UNIFACE: No centro entre 2 ovais ladeados os timbres da Gr. Loja da Inglaterra (à esv.) e o Grande Oriente do Brasil. Por cima, formando o, suspensórios Compasso e esquadro, e por baixo 2 mãos dada: No enxergo o ano de 1912.

No reverso é liso, e tendo gravado a buril a inscrição 12th. DEC.-1912/AMCITIA SEMPITERNA, (Amizade eterna), confeccionada na Inglaterra, para comemorar o Reconhecimento por parte do GOB das Lojas Inglesas no Brasil do rio YORK que daí em diante seriam oficialmente reconhecidas, mas subordinadas ao Grande Oriente do

Membro fundador da Academia Cearense de Literatura Popular, e correspondente das Academias Maçônicas de Letras da Bahia e de Mogi das Cruzes

Brasil, de conformidade com o Tratado assinado em 21.12.1912, embora a medalha cite 12.12., e posteriormente confirmação de acordo com o Decreto 478 de 1.12.1913. que então criava definitivamente o Grande Capítulo do Rito York e ao qual passariam a pertencer as Lojas seguintes: EDUARDO VII, PARÁ – DUQUE DE CLARENSE, BAHIA – WANDERESS, SÃO PAULO – MORRO VELHO, MINAS GERAIS – SAINT GEORGE, RECIFE – EUREKA Nº 3, RIO DE JANEIRO – UNITY, SÃO PAULO.

Conhecemos dois exemplares da medalha supra referida. Uma oferecida ao GRANDE ORIENTE DO BRASIL, com a inscr. a buril: G. O. DO BRASIL, e a outra oferecida ao Gr. Sec. do GOB., a inscr. CAP. N/PEDRO MUNIZ / G. SEC. DO G. O. DO BRASIL."

Infelizmente esta medalha está desaparecida, em lugar incerto e não sabido no Brasil, não consta de nenhum acervo medalístico maçônico dos museus mantidos pelo GOB e por algumas Lojas. E em consulta feita pela irmão Elder Madruga também não integra o acervo da medalística da Grande Loja Unida da Inglaterra.

O desaparecimento desta valiosa e importante medalha, de relevante interesse histórico para o Grande Oriente do Brasil e para a Grande Loja Unida da Inglaterra, representa sem dúvidas um prejuízo incalculável para a medalística maçônica universal.

A meu ver, neste sentido, urge que o Grande Oriente do Brasil adote gestões, para que esta medalha seja reproduzida em forma de réplica, de acordo com sua descrição e sua foto em preto e branco, que se encontram publicadas no referido Boletim Oficial do GOB, com no mínimo dois exemplares. Um para o GOB propriamente dito e o outro para ser ofertado de presente a Grande Loja Unida da Inglaterra.



crônica

ESBOÇO DE ARQUITETURA INTERIOR (REMINDER)

Newton Agrela | Colaborador

Não importa como você crê, de que maneira você se relaciona com o mundo, nem tampouco como seu vínculo com um Princípio Criador e Incriado se manifesta. O que conta de fato, é a sua predisposição para o trabalho. É saber manusear as ferramentas e se proteger da poeira com o seu avental.

O que importa é se valer de um maço e de um cinzel e com eles iniciar sua lavra mais recôndita, esculpindo com serenidade, equilíbrio e sensatez a pedra bruta e irregular que desconhece sua essência.

Burilar a pedra exige antes de tudo uma dose significativa de paciência e tolerância, bem como uma densa entrega espiritual e investigativa.

O início é bem verdade, é um tanto obscuro. Afinal, a venda lhe foi retirada há pouco e lá no setentrião tudo é mais escuro, e o desconhecido nos remete à insegurança...

Ainda assim, mesmo sendo um árduo exercício solitário, à medida em que se impacta o maço contra o cinzel, gradativamente a pedra vai ganhando forma, contorno e identidade.

Com o tempo, a respiração fica menos ofegante, a calma vai se instaurando e cada vez mais os símbolos vão se tornando mais familiares.

Os toques, sinais marchas e palavras começam a compor um arsenal e um cenário mais consistentes.

Percebe-se então que a própria capacidade do auto-conhecimento se revela mais fluida e profunda.

A prática especulativa, vai dando vazão ao aprimoramento nas perguntas e respostas a que nos defrontamos.

O tempo vai nos mostrando o quanto a prática da Virtude propicia uma forma cada vez mais definida, nítida, bela e consistente de nossa pedra.

O polimento exprime sinais de maior lucidez, mais conhecimento, e uma dose mais substantiva de experiência e auto crítica.

Aprendemos a falar menos e a ouvir mais. Nada é por acaso.

A sustentação do maço impõe antes de tudo, a medida certa, e o impacto

preciso, para que a pedra alcance a plenitude do conteúdo.

A pedra precisa ser dura e suave, reta e oblíqua, intensa e tranquila, nobre e humilde, brilhante e fosca, até que se configure num símbolo mais humano e real e que seja reconhecida pelos outros que a cercam.

Ser reconhecida como tal, é sem sombra de dúvida a maneira mais legítima de edificar o templo.

O crescimento se faz interior e verdadeiro quando se consegue aliar as propriedades, anímicas, humanas e intelectuais como comprovantes de nossa Existência e como partícula indivisível do Universo.

O Maçom erege sua obra a si mesmo, e dialéticamente a consagra ao Grande Arquiteto do Universo, que se traduz como um Princípio Criador e Incriado de todas as coisas, responsável pela vida que brota e se instala dentro de cada um de nós.



opinião

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS

Joás de França Barros | Cadeira nº 29

Na distopia retratada no longa “Jogos Vorazes”, a elite usa a mídia para promover jogos entre os distritos que levam o assassinato dos competidores em prol de um vencedor, como forma de entretenimento para manipular a população. Paralelo à realidade atual, é notório que as representações sociais e culturais produzidas para a sociedade, moldam sua percepção de mundo. Logo, em prol do entretenimento e lucratividade, as produções midiáticas formam opiniões muitas vezes distorcidas do

real, além de encobrir assuntos de pauta necessária.

Sob essa ótica, é válido dizer que as produções midiáticas como propagandas, filmes e séries têm poder de manipulação de seu público. Nesse viés, ao analisar a obra “Sociedade do Espetáculo” do Sociólogo Francês Guy Debord, é visto que o conjunto de imagens e mensagens veiculadas pela mídia têm como objetivo promover o consumo de produtos que geram lucro, assim, a sociedade é dominada por um “espetáculo” criado em torno de um mundo fictício. Desse modo, essas

representações carregam ideologias, de forma sutil ou não, que formam a opinião sociopolítica e cultural da sociedade, como a criação de estereótipos em filmes, que ao fugir do padrão “Hollywoodiano” norte-americano, distorce a imagem de outros povos. Ademais, o silenciamento midiático em pautas sociais importantes é uma influência massiva no entendimento de mundo. Isso porque, mesmo com um discurso neutro em telegornais ou notícias online por exemplo, a mídia não é imparcial ao construir uma visão social que pode ser rejeitada ou

perpetuada pelo povo. Dessa forma, ela é capaz de formar posicionamentos para pautas necessárias, porém, se esconde através de produções sem discurso social, por gerarem mais notoriedade e retorno financeiro.

Portanto, é certo que as representações sociais e culturais veiculadas pela mídia têm poder de moldar o entendimento da realidade, enquanto ela manipula e encobre os assuntos para a audiência. Mediante isso, é fundamental que a mídia, grande formadora de opinião, use de sua influência social para introduzir assuntos culturais e sociais de grande palco, além de desconstruir visões padronizadas e distorcidas de outras etnias diferentes da norte-americana, por meio da introdução desses temas em filmes, séries, propagandas e jornais, com a finalidade de visibilizar discursos e ultrapassar estereótipos negativos. Por fim, será possível criar uma sociedade com senso crítico capaz de fugir da alienação, vista na ficção “Jogos Vorazes”.

O poder das representações sociais e culturais pela mídia no entendimento da realidade



artigo

MAÇONS QUE LEEM E MAÇONS QUE NÃO LEEM – II

Guilherme Freire Fonseca | Colaborador – Contribuição*

É surpreendente como alguns maçons que não entendem as mais simples noções da Arte, e que falharam completamente para compreender o alcance e o significado da Maçonaria simbólica, empunham as honras vazias dos altos graus. O Mestre Maçom que sabe muito pouco do grau de Aprendiz Maçom, deseja ser um Cavaleiro Templário. Ele não sabe nada e não espera saber qualquer coisa da história dos templários ou como e por que estes cruzados foram incorporados na irmandade maçônica. A altura da sua ambição é usar a cruz templária sobre o peito. Se ele entrou no Rito Escocês, a Loja de Perfeição não vai dar conteúdo a ele, embora este grau forneça material para meses de estudo. Ele sobe com prazer, mais alto na escala de classificação e por esforços perseverantes, ele pode alcançar o cume do rito e ser investido com o grau 33, mas pouco absorveu de qualquer conhecimento da organização do Rito ou das lições sublimes que ele ensina. Ele atingiu o auge de sua ambição e está autorizado a usar a “águia de duas cabeças”.

Tais maçons não são distinguidos pela quantidade de conhecimento que eles possuem, mas pelo número das joias que eles usam. Eles são capazes de gastar uma alta soma para se enfeitarem, mas não dão cinquenta centavos para adquirir um livro.

Esses homens são um grande prejuízo para a Maçonaria. Eles são chamados de zumbidos. Mas eles são mais do que isso. Eles são as vespas, o inimigo mortal de abelhas laboriosas. Eles dão um mau exemplo para os maçons mais jovens, eles desencorajam o crescimento da literatura maçônica, eles distanciam homens intelectuais, que estariam

dispostos a cultivar a ciência maçônica, para outros campos, que deprimem as energias de nossos escritores, e eles rebaixam o caráter da Maçonaria especulativa como um ramo da filosofia mental e moral. Quando profanos veem homens que possuem altos graus e cargos na Ordem, que são quase tão ignorantes quanto eles mesmos sobre os princípios da Maçonaria e que, se solicitado, diriam que eles encaram apenas como uma instituição social, esses profanos naturalmente concluiriam que não há nada de grande valor em um sistema cujas posições mais altas são realizadas por homens que professam não ter conhecimento do seu desenvolvimento.

Não se deve supor que todos os maçons sejam maçons instruídos ou que a todo homem que é iniciado, seja obrigatório se dedicar ao estudo da ciência e literatura maçônica. Tal expectativa seria insensata e irracional. Nem todos são igualmente competentes para captar e reter a mesma quantidade de conhecimento. Ordem é a primeira lei do paraíso e este reconhecimento é de que alguns são, e devem ser, maiores do que o restante, mais ricos e mais sábios.

Tudo o que eu afirmo é que, quando um candidato entra na Maçonaria, ele deve sentir que há algo melhor do que seus meros toques e sinais, e que ele deve esforçar-se com toda a sua capacidade para atingir algum conhecimento e este é o melhor objetivo. Ele não deve procurar avançar para graus mais elevados até que ele saiba alguma coisa do grau inferior, nem se agarrar a cargos, a menos que ele já tenha adquirido algum conhecimento maçônico, uma obrigação particular. Certa vez conheci um irmão cuja ganância para cargos o levou a ocupar os cargos da administração

de sua Loja, depois foi Grão-Mestre da jurisdição e que durante todo esse período nunca leu um livro maçônico, nem tentou compreender o significado de um único símbolo. No ano que foi Venerável Mestre, ele sempre achou oportuno ter uma desculpa para a sua ausência nas noites em que havia cerimônia para conferir graus. No entanto, por suas influências pessoais e sociais, ele tinha conseguido elevar-se na hierarquia, acima daqueles que tinham melhor conhecimento maçônico. Eles estavam realmente muito acima dele, porque todos sabiam alguma coisa, e ele não sabia nada. Se tivesse permanecido no fundo, ninguém poderia se queixar. Mas, onde ele estava, e valendo-se de sua posição, ele não tinha o direito de ser ignorante. A sua presunção constituía uma ofensa.

Outro exemplo ainda mais marcante de ignorância: alguns anos atrás, durante a edição de um periódico maçônico, recebi uma carta de um assinante que era o Grande Conferencista de uma certa Grande Loja, mas desejava interromper sua assinatura. Ao atribuir a sua razão, ele disse “embora o trabalho contenha muita informação valiosa, não terei tempo para ler, pois dedicarei todo o presente ano para o ensino”. Não posso deixar de imaginar o que um professor como este homem, deve ensinar, e que alunos ele deve instruir.

Este artigo é maior do que eu pretendia que fosse. Mas sinto a importância do assunto. Existem em nosso país milhares de maçons ativos. Quantos deles são leitores? Metade ou um décimo? Apenas um quarto dos homens que estão na ordem leem um pouco e não dependem de que todos saibam disso em visitas a suas lojas, eles tem as noções

mais elevadas de seu caráter. Através deles, simpáticos estudiosos são encorajados a discutir os seus princípios e dar ao público os resultados dos seus pensamentos e boas revistas maçônicas desfrutam de uma existência próspera.

Agora, pela razão de existirem tão poucos maçons que leem livros maçônicos, dificilmente fazem mais do que pagar as editoras e a despesa de impressão, enquanto que os autores não recebem nada e as revistas maçônicas estão sendo ano após ano, levadas para a Academia literária, onde os cadáveres de periódicos defuntos são depositados, e pior de tudo, a Maçonaria resiste a golpes deprimentes.

Um Maçom que lê, porém pouco, não apenas as páginas da revista mensal de que é assinante, irá alcançar uma visão mais ampla da Instituição e desfrutar de novos prazeres na posse desses pontos de vista. Os maçons que não leem, nunca vão saber nada da beleza interior da Maçonaria, mas terão a capacidade de ingressar em algo como Odd Fellowship, ou a Ordem dos Cavaleiros de Pítias. Tal maçom deve ser um indiferente. Ele não tem paixão estabelecida.

Se essa indiferença, em vez de ser decretada, vir a ser mais amplamente difundida, o resultado é muito aparente. A Maçonaria deve passar a uma posição mais elevada, como tem duramente tentado através dos esforços de seus estudiosos, e as nossas Lojas não devem deixar de lado o pensamento especulativo e filosófico e se transformarem em clubes sociais ou simples entidades de caridade, como observamos em muitos casos. Com tantos rivais nesse campo, a luta da Sublime Ordem por uma vida próspera será muito dura. O sucesso final da Maçonaria depende da inteligência de seus discípulos.

(* Excerto de texto de Albert G. Mackey, extraído do *Jornal O Prumo de Hiram*. Publicado em 1875 e reimpresso no “*The Master Mason*”, em outubro de 1924. Tradução de: Luciano R. Rodrigues.



artigo

A MAÇONARIA E A HUMANIDADE

Helder Vinhal | Colaborador

Na história da humanidade sempre tivemos guerras e conflitos sempre com motivos e reivindicações justas para melhoria da qualidade de vida. Ou seja, sempre o embate de dois pensamentos distintos seja de algum líder ou de um pensador. Nessa batalha alguém representa o Bem e o outro o Mal, pois sabemos que são posições sejam para melhorias ou sejam para manter suas convicções em nome de um grupo dominante.

As pessoas se unem em determinados propósitos e quando há uma liderança produz sinergia suficiente para incorporar estratégias e instigar possível confrontos com o adversário. A Maçonaria Universal desde sua concepção em 1717 delineou um agrupamento de homens livres e de bons costumes na defesa de uma conduta linear quanto aos conflitos de nossa sociedade.

A Maçonaria como bem sabemos não é regional, é universal e está espalhada por todas as partes de nosso mundo e constitui em sua essência a grandiosidade de promover a paz e a felicidade do gênero humano. Ela é real, intrínseca em cada maçom em sua natureza de escolher no campo de batalha o lado que deseja estar. E ela escolheu o Bem! O Bem maior do amor ao próximo, sempre buscando na Fraternidade, Igualdade e Liberdade meios para trazer a verdadeira batalha com o Mal.

Assim, estamos um pouco mais de 300 anos trazendo a Maçonaria unida pelos líderes do Bem. Isso é pacífico! Já temos evidências de quem só fica na maçonaria quem é livre e aceita essas premissas e sobretudo na integração na sociedade. Entendemos que na vida nada se resolve com o soco na mesa. Que combater o fanatismo é necessário para com discernimento

ter o entendimento de que combater o fanatismo é importante para alcançar a maior glória de nosso Senhor. Isso mesmo! O Maçom tem fé em Deus, nosso Grande Arquiteto do Universo, alguns de seus inúmeros ritos até chamam de Supremo. Tudo para seguir com esse discernimento de produzir a Igualdade e acima de tudo o Bem da Pátria e da Humanidade.

Ter o entendimento requer o desprendimento das coisas materiais e elevar nossos espíritos para atingir na premissa máxima de sentir às necessidades do próximo, pensar com toda sabedoria do nosso ser e sobretudo agir.

A liderança da Maçonaria é sublime quando há união de todos que praticam em suas fileiras a generosidade com suas virtudes máximas como o da Prudência para preservar a Instituição. Nem tanto ao céu nem tanto à terra já diz uma sábia premissa para que não

só seus membros como toda coletividade regional possa realizar as adesões, não para dominar o mundo, não para enriquecer-se à custa de seus relacionamentos, mas sobretudo de conter o extremismo, o fanatismo de grupos, que covardemente atacam maçons e seus templos.

É momento de paz ou pelo menos buscar a paz necessária para unir pensamentos já revelados aos seus iniciados de que a Maçonaria edifica o homem e acima de tudo cria estratégias para o combate de todas as intransigências, vícios e convictos longe de extremismos ou atitude típica do fanatismo relacionado à leitura fundamentalista do que a maçônica que faz uma leitura histórica crítica preservando sempre as suas bases oriunda da experiência na humanidade, pois ela já existia desde da maçonaria operativa mesmo que empunhavam suas espadas na defesa na proteção de cidades e de povos.

Contudo, é necessário ter paciência, tolerância e atento ao chamado de nossos líderes e reflexivos quanto à atitude que deve ter o Maçom independente do cenário que apresenta a região ou país. É mister lutar! Mais ainda com sabedoria.



tempo de estudo

PAVIMENTO MOSAICO E ORLA DENTEADA – V

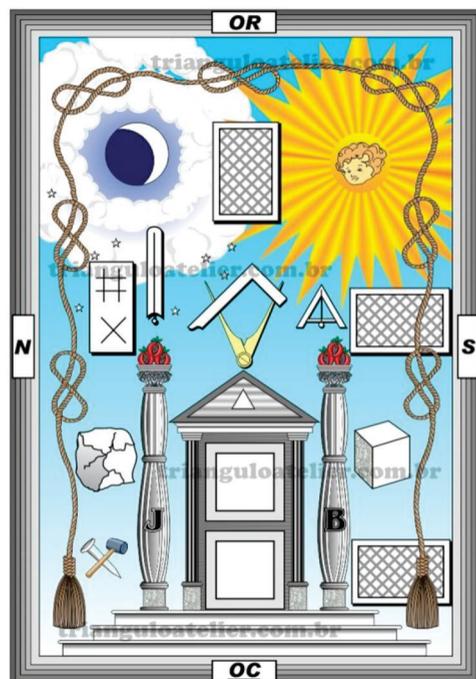
Herbert de Melo | Colaborador

Há também referências a um ornamento parecido com 'borlas' no templo de Jerusalém, em que o 'Santo dos Santos', em melhor terminologia, 'Lugar Santíssimo', era usado véus, separando-o do 'Lugar Santo'. Nestes véus apareciam como seus ornamentos franjas e borlas²⁵, as quais com um sentido além do estético representavam também respeito e devoção²⁶.

Não há na literatura maçônica uma precisão de quando o termo borla fora mudado para borda, podendo inclusive significar tanto 'borla' quando faz referência ao adereço nas extremidades quádrupla da corda de 81 nós; como também 'borda'. Esta pode assim se referir a borda ou orla denteada que adorna e limita o pavimento mosaico²⁷. Autores como Kennyo Ismail ainda refere-se à borda denteada como o ornamento encimado ao trono do Venerável Mestre²⁸, a cobertura chamada de 'dossel', representado as franjas, as quais são para o mesmo autor um tipo também de borda denteada.

[...] "E a Orla Dentada?" Essa é uma questão interessante. Quando do registro dos primeiros rituais em inglês, o que era uma orla (borda, margem) com franjas e borlas (adornos pendentes) nas extremidades... tornou-se simplesmente "indented tessel" que, em tradução livre, significa "orla dentada". Mas o que seria então uma verdadeira "orla dentada"? Trata-se do que hoje vemos sobre o trono do Venerável Mestre, em que a borda da cobertura do trono possui "dentes" com franjas, sendo co-mum atualmente serem feitos de gesso.

Todavia é comum fazer menção ao entendimento de que a orla denteada, no entendimento de



Painel do Grau de Aprendiz-Maçom do Rito Moderno

Kennyo Ismail, está conjugada ao simbolismo do pavimento mosaico³⁰. E mesmo aqui, esta alegoria apresenta simbolismo variado. Para alguns maçons representa o movimento celestes dos astros em torno do sol, deste modo, o entendimento do símbolo alude a união de todos àqueles que fazem parte da fraternidade maçônica, seria um símbolo de harmonização e amizade. Com esse entendimento, explicitaria outro costume maçônico, a 'cadeia de união'³¹. É possível, encontrar variações, e até mesmo, correlações com outros signos da maçonaria, visto terem sido construídos com um entendimento orientador da racionalidade, e por não dizer também, espiritualidade maçônica. O esoterismo maçônico abre várias janelas, e muitas vezes, portas que podem levar a múltiplos entendimentos, dependendo da imaginação,

ou melhor, espiritualidade de seu exegeta.

Mas como acima discutimos, apresentando entendimentos que demonstram que o orla denteada e pavimento mosaico apresentam simbologia diferente, das figuras simbólicas das 'borlas', assim como da 'corda de 81 nós'. Discordamos do entendimento de que o dossel se apresenta com uma borda denteada, pois na verdade seria este um correlato do simbolismo do 'cordão de fios fortes' no qual se associa, de forma clara e consensual, a borla, contudo como adornos suspensos, denotando respeito, mas nunca como uma 'orla denteada'!

O "equilátero", direção e simbolismo numérico.

Os 'dentes', ao qual se indica a nomenclatura 'orla denteada', se apresentam no símbolo como triângulos. Pode representar uma barreira, um óbi-ce aos princípios da dogmática histórico-filosófica da maçonaria. De um lado 'obs-táculo' e de outro a 'defesa' destes mesmos princípios, sem os quais o sentido de pertencimento e identidade maçônica estaria inevitavelmente prejudicado.

Já os triângulos negros apontados para fora, e os brancos para dentro representaria, portanto, o movimento acima descrito; mas podendo também indicar os negros os esforços para uma compreensão intuitiva, analítica e sintética da paideia³² maçônica; os brancos a influência iluminativa que a Ordem Maçônica deve aspergir ao mundo, demonstrando o sentido holístico de suas divisas, liberdade, igualdade e fraternidade; mas não obstante, corroborando-as pelo seu quarto termo, a solidariedade (Ritual, 2009).

A sua forma em um triângulo equilátero, representando três ângulos e três lados de mesmo tamanho, portanto, medidas iguais e justas. Alegoricamente associado ao maçom lembra qual o alicerce que deve ser o seu pensamento, palavras e ações. Alusão ao simbolismo maçônico presente no número três, tão caro aos esoteristas. Para o rito moderno o ternário tem um caráter simbólico representado nas práticas e ações que o maçom executa na abertura e fechamento dos trabalhos em Loja, bem como em sua rotina templária³³, mas em síntese é alusivo ao passado, presente e futuro (Ritual, 2009).



Borla em franjas



Dossel, Trono e Altar do Venerável Mestre

...Continua na próxima edição.



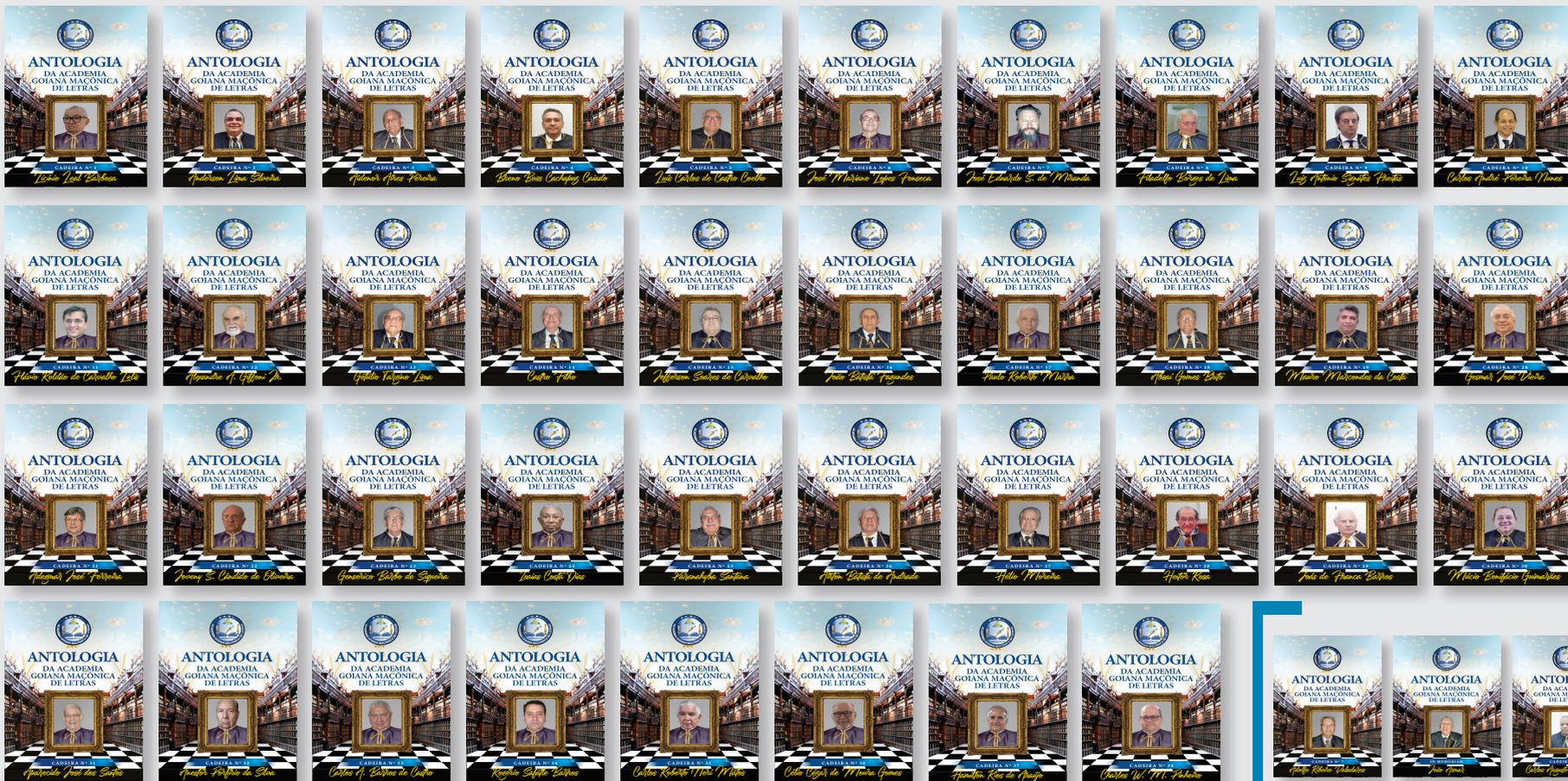
E-books disponíveis no portal da AGML. Acesse pelo link: <https://agml.com.br> ou pelo aplicativo do QR Code



HOME AGML DOCUMENTOS EVENTOS NOTÍCIAS MÍDIAS CONTATO

- Jornal – O Confrade
- Antologia Escritores
- Antologia Confrades

Antologia dos Confrades escritores da AGML



[Publicações In memoriam]



opinião

UM PONTO PARA REFLEXÃO

Charles Wellington de Matos Pinheiro | Cadeira nº 38

Normalmente quando alguém é convidado para iniciar em nossa sublime instituição, o irmão que fez o convite viu no candidato algumas virtudes que o levaram a concluir que essa pessoa tem predicados suficientes para entrar, entender, aperfeiçoar-se e contribuir com os trabalhos da maçonaria. Assim é a regra do jogo.

Contudo, a iniciação, não é uma cerimônia mágica em si, a não ser que quem esteja passando por ela tenha de fato a sensibilidade suficiente para entender todo seu solene e grandioso significado, para esses que entenderam, de fato a iniciação será um marco divisor na sua vida, um dia memorável em que a partir dele uma nova vida estará de fato se iniciando.

Com o passar do tempo é que vamos percebendo quem de fato ingressou na ordem, quais suas verdadeiras virtudes e qualidades, quais seus verdadeiros defeitos e quais são as arestas que essa pedra bruta de fato precisa sofrer lapidação, esse é o caminho natural.

Aqui cabem algumas questões que merecem nossa atenção e cuidado, nossa dedicação e carinho: Iniciar na maçonaria é o mesmo que ser maçom? Será que nossas cerimônias são de fato suficientes para tornar um homem

verdadeiramente maçom? Ou algo mais precisa ser acrescentado?

A iniciação em si é um rito de passagem do homem comum para o homem maçom. Nela esperamos que esse iniciado compreenda o que deve ser melhorado, qual o trabalho necessário para isso e o que ele e os que o cercam ganharão com sua melhoria. Nossas simbologias e instruções devem ser suficientes para que cada um, nessa caminhada diária, chegue as respostas destas indagações.

No entanto, a maçonaria com todas as suas formas de forjar o verdadeiro maçom na concepção filosófica, moral, espiritual e material da palavra, não consegue em alguns casos completar a sua obra. Mesmo usando do conhecimento secular, das várias culturas e metodologias incorporadas nos nossos rituais, ainda assim falhamos as vezes. Mas, será que a falha está na metodologia maçônica ou no caráter de alguns iniciados? Poderiam as nossas sindicâncias errarem ao julgar digno de pertencer a maçonaria alguém que de fato não mereceria tal honra?

Acredito sinceramente que sim. As vezes nós falhamos de forma plural e conjunta. Falha o padrinho por não avaliar corretamente se a pessoa realmente merece ou não pertencer a ordem. Falha o sindicante que não soube avaliar o

candidato e deixou seu importante trabalho ser conduzido por um papo agradável, um petisco e até uma bebida. Falha a loja como julgadora final desse processo de escolha. Possivelmente quem somente não falha nesse processo é o próprio candidato, pois com certeza dentro de tantas conversas, entrevistas e mensagens, ele deve, em algum momento, ter dado o sinal de quem realmente era.

Temos alguns irmãos que estão entre nós a vários anos, vivenciaram quase tudo que se poderia vivenciar ou querer na instituição, conheceram os "altos mistérios" da maçonaria, mas mesmo assim pouco mudaram, quase nada absorveram da nossa verdadeira essência. São como pedras mergulhadas no fundo de um rio, pois são secas por dentro mesmo rodeadas de água por todos os lados, vivem apenas com a superfície molhada, mas com a essência seca. (em tempo, essa analogia está no filme O Poderoso Chefão 3 – mas cabe perfeitamente na reflexão). Assim, observando a ordem e os que nela estão acredito que iniciar na maçonaria nos torna o homem maçom. Iniciar significa que a pessoa é um iniciado maçom, pois apenas com o tempo, e um bom tempo, ele irá tornarse de fato maçom. Apenas

com a verdadeira vivência entre os irmãos, o estudo não superficial de nossos símbolos e alegorias, a reflexão das lições e instruções ministradas, e acima de tudo isso, a vontade de ser melhor, é que o irmão terá de fato evoluído.

"Vencer as paixões, submeter as vontades e fazer progressos na maçonaria." Veja que existe uma sequência de pontos a serem cumpridos. Não se submete suas vontades sem antes vencer suas paixões, afinal um apaixonado é uma pessoa que não vê a realidade como ela é, vê como ele quer, e submeter suas vontades é, nesse caso, deixar que aquilo que você quer seja colocado em segundo plano por aquilo que a maioria quer, e quando não entendemos isso nós causamos desconforto na loja e entre os irmãos, afinal toda imposição é ditadura de ego e pessoalidade, e isso nunca faz bem em nenhuma sociedade.

Dessa forma tornar-se maçom é um processo que para alguns pode levar meses e para outros muitos anos, e ainda haverá aqueles que passarão pela maçonaria sem nunca mudarem na essência, apenas carregarão sobre si o avental ornamentado que em nada representa o que realmente deveria ser.

Cuidemos mais do interior que do exterior! Eis nosso incansável trabalho.

Iniciar na Maçonaria é o mesmo que ser maçom?

REUNIÃO & ATIVIDADES



registro ABIN



confraria celestial

Mas – o que é um pormenor de ausência. Faz diferença? “Choras os que não devias chorar. O homem desperto nem pelos mortos nem pelos vivos se enluta” – KRISHNA instrui Arjuna, no Bhágavad Gita. A gente morre é para provar que viveu. Só o epitáfio é fórmula lapidar. [...] Alegremo-nos, suspensas ingentes lâmpadas. E: “Sobe a luz sobre o justo e dá-se ao teso coração alegria!” – desfere então o salmo. As pessoas não morrem, ficam encantadas. [GUIMARÃES ROSA]



GRANDE ORIENTE DO BRASIL-GOIAS



MEMBROS DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
01	Licínio Leal Barbosa	
02	Anderson Lima Silveira	andersonlimadasilveira3@gmail.com
03	Aidenor Aires Pereira	aidenoraireas@hotmail.com
04	Breno Boss Cachapuz Caiado	brenocaiado@hotmail.com
05	Luis Carlos de Castro Coelho	luiscoelho.adv20@gmail.com
06	José Mariano Lopes Fonseca	josemarianolopesfonseca@hotmail.com
07	José Eduardo Souza de Miranda	jemiranda@mirandacorrealima.com
08	Filadelfo Borges de Lima	filadelfoborgesdelima@gmail.com
09	Luiz Antônio Signates Freitas	signates@gmail.com
10	Carlos André Pereira Nunes	carlosandre@carlosandre.com.br

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
11	Flávio Roldão de Carvalho Leis	flavio.roldao@ifg.edu.br
12	Alexandre Avelino Giffoni Júnior	agiffoni@outlook.com
13	Getúlio Targino Lima	gtargino@hotmail.com
14	Sebastião de Oliveira Castro Filho	castrofilho.o@gmail.com
15	Jefferson Soares de Carvalho	jcarv57@yahoo.com.br
16	João Batista Fagundes	fagundesadv@hotmail.com
17	Paulo Roberto Marra	marra.paulo@gmail.com
18	Absai Gomes Brito	brito.absai@gmail.com
19	Mauro Marcondes da Costa	mauromarcondes.costa@gmail.com
20	Gesmar José Vieira	gesmarjv@uol.com.br
21	Adegmar José Ferreira	degmarjferreira@uol.com.br
22	Joveny Sebastião Cândido de Oliveira	jaqueline5oficio@gmail.com
23	Genserico Barbo de Siqueira	irtid.anapolis@gmail.com
24	Isaias Costa Dias	isaiascdmc@hotmail.com
25	Paranahya Santana	paranasan@gmail.com

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
26	Aíرتون Batista de Andrade	airtonbandrade@gmail.com
27	Hélio Moreira	drhmoreira@gmail.com
28	Heitor Rosa	heitorrosas@gmail.com
29	Joás de Franca Barros	quintinobocaiuva@hotmail.com
30	Mucio Bonifácio Guimaraes	
31	Aparecido José dos Santos	ajsaparecido09@hotmail.com
32	Anestor Porfírio da Silva	silvaanestor001@gmail.com
33	Carlos Alberto Barros de Castro	barros@polipar.com.br
34	Rogério Safatle Barros	rogeriosafatle@gmail.com
35	Carlos Roberto Neri Matos	carlosmerim@gmail.com
36	Célio César de Moura Gomes	celio2004mg@hotmail.com
37	Hamilton Rios de Araújo	relacoesinteriores@gleg.com.br
38	Charles Wellington de Matos Pinheiro	charleswellingtonpinheiro@yahoo.com.br